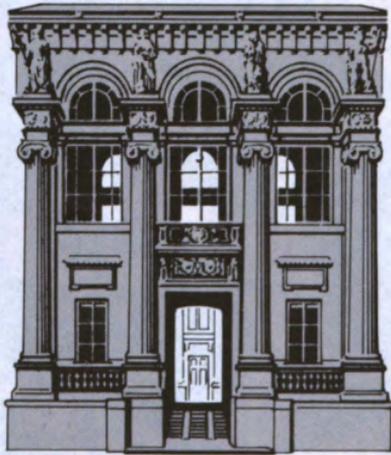




TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD



11.100.

Vet. Ital. III B. 326

O
PASTOR FIEL
TRAGI-COMEDIA
PASTORIL
DO
CAVALHEIRO GUARINI,
TRADUZIDA DO ITALIANO
POR
THOME' JOAQUIM GONZAGA.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA,
ANNO M. DCC. LXXXIX.

Com licença da Real Meza da Commisção Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Foi raixado este livro em papel a trezentos e
sessenta reis. Meza 8 de Outubro de 1789.

Com tres Rubricas.



AO LEITOR.

O TRADUCTOR no tempo, em que nas Aulas menores se applicava ás Bellas Letras, leo o Pastor Fiel de Guarini, Poeta Italiano; e como tambem se dava ao estudo da Poesia Portugueza, traduzia de verso para verso as scenas mais notaveis da mesma Tragi-Comedia. Insensivelmente se achou com a maior parte da Peça traduzida. Instigado depois por algumas pessoas intelligentes, se vio obrigado a completar a traducção, e levalla ao ponto de perfeição, não á que ella podia subir, mas á que podia chegar a mediocridade do seu engenho.

Bem que a Arte da Poesia, tão respeitada em outro tempo, tenha hoje descahido da sua propria dignidade, o Traductor com tudo se anima a offerecer ao Público a presente traducção poetica. Pensa que não deixará de haver ainda entre os seus Nacionaes quem de alguma sorte se mostre agradecido á offerta, que se lhe faz, das bellezas, que lhe ficarião desconhecidas na escuridade de huma lingua estrangeira. Não he este o unico merecimento, pelo qual hum Traductor póde merecer elogios. Elle he tambem hum certo internuncio de quem se espera, ou se

exige a mesma fiel correspondencia, que entre si observarão os Sabios de diferentes Nações. Se o commercio, que o amor das Muzas estabelece entre os homens illustres, influe no augmento das Artes, e Sciencias, parece que hum Traductor tem o mesmo merecimento por continuar entre nós, e os Authores estrangeiros, que não podem fallar-nos, senão pelos seus escritos, aquelle commercio sagrado tão util á Republica das Letras.

Por este principio póde a presente traducção merecer alguma estimação, além daquella, que he inseparavel do original. Ainda que neste se encontrão algumas passagens menos conformes ao gosto da Poesia moderna, como são, immensas comparações languidas, Scenas extensas, que fatigão, muitos jogos de palavras hoje reprovados, e finalmente algumas expressões hum pouco livres, que pedia a decencia se adoçassem na nossa lingua: a pezar destes defeitos, que taes não se considerão na lingua Italiana, o objecto do Poema desperta a virtude no coração do Leitor, ao mesmo tempo que recreia o seu espirito, misturando assim o util com o deleite. Sómente o Episodio de Dorinda parece menos bem ligado com a acção principal. O Author nos apresenta huma Pastora inflamada de paixão por outro Pastor, que a não ama;

ama ; e manifestando os seus sentimentos com acções pouco convenientes ao seu estado. Mas isto mesmo he criminar o vicio de huma paixão dominante, pondo-nos o exemplo em Amarille , que pelo contrario nos seus transportes de affecto para com Mirtillo , sempre se nos figura reprimida pelos sentimentos da Honra , e da Virtude. A conducta de Corisca nos ensina quanto póde astuciar a malicia em perjuizo da innocencia ; e por isso a pezar das suas tramoias , e enganos , sempre a Virtude triunfa , causando-lhe no coração terriveis remorsos , e arrependimentos taes , que a obrigarão a mudar de vida.

Não escapou com tudo o Author aos golpes de alguns criticos , que affirmarão ser a lição desta Peça mais propria a corromper, do que a purificar os costumes. He sem dúvida , que o Author põe na bocca de algumas pessoas , que introduz na Scena , as expressões mais vivas , que póde produzir huma paixão violenta ; mas ao mesmo tempo nos apresenta em contraposição Amarille , huma pessoa absolutamente virtuosa , cujas fallas se dirigem sempre a mostrar o horror do crime , e a fazer conhecer o valor da Virtude , ensinando-nos com o seu exemplo , que não ha paixão invencivel ; e que todas por mais fortes que sejam , podem , e devem ceder ás Leis da

da Honra , e da Virtude. Tal he a Moral ,
que encerrão estes dous versos da Scena IV.
do Acto III.

Oh ! santa Honestidade , a quem só deve
Como Nume adorar huma alma pura !

Alguns dos nossos melhores Poetas não duvidarão reprehender o vicio , fazendo-nos delle as mais vivas imagens , e illustrando-as com exemplos ; e com tudo não offendêrão a delicadeza dos que criminão Guarini pelo mesmo principio. A grande Arte da Poesia não se limita em prescrever preceitos , he necessario tambem exemplificallos. Não he criminado o nosso famoso Camões , porque no Canto IX. das Lusíadas fez as mais provocantes pinturas , a cuja vista se podem excitar nos corações dos Leitores sentimentos impuros , e offensivos da modestia. Nada tão forte se encontra em todo o *Pastor Fiel*. He certo que os discursos de Corisca em muitas Scenas são reprehensíveis ; mas as expressões desta mulher viciosa trazem consigo a sua mesma condemnação. He de crer , que o intento do Author foi combater com os ultimos esforços o espirito da libertinagem , pela pintura , e imagem , que o Satyro faz em particular de Corisca , e em geral de todas as que tiverem o mesmo procedimento estragado ,

do, e corrompido. Se da lição desta Peça se póde abusar, não haverá obra alguma neste genero, que não encontre o mesmo perigo na fragilidade humana. Mas quem depois de a ler, consultar o seu coração, e quizer ter boa fé, ha de confessar, que o unico effeito, que lhe resulta, he o horror do vicio, pela commiseração da desgraça, a que Amarille, e Mirtillo, a pezar da sua innocencia, se conduzião. Este lance, na verdade cheio de ternura, e de compaixão, fórma todo o interesse da Peça, e por si mesmo attrahe todos os sentimentos do Leitor.

Cuidou o Traductor, quanto lhe foi possível, em guardar huma escrupulosa fidelidade, não fazendo ao mesmo tempo huma traducção servil. Para este fim, na verdade mais difficil, do que se pensa, foi necessario alguma vez usar de parafrases, mudando em verso heroico o que era lyrico no original; e pelo contrario, a proporção que pedião os monosyllabos, contracções, e elipses, de que abundão os Poetas Italianos, e desconhece a nossa lingua. Desta sorte se persuade o Traductor agradar não sómente áquelles, que lendo procurarem hum entretenimento, não proveitoso, mas innocente; como tambem áquelles, que além disso quizerem julgar do merecimento do Author, e achallo na traducção. E com tudo se nesta não revivem as bel-

A R G U M E N T O .

O *S Póvos da Arcadia sacrificavão todos os annos huma Donzella nacional a Diana, Deosa, que adoravão, o fim que se dignasse pór limite ás grandes calamidades que padecião, como ha muito tempo havia prognosticado o Oraculo. Sendo este depois consultado, para que declarasse quando terião fim aquelles males, respondeo desta sorte:*

O fim já mais vereis desse castigo,
Sem que una Amor, do Ceo duas fementes;
E que hum Pastor Fiel pague entre as gentes
Da mulher infiel o crime antigo.

Montano, Sacerdote da mesma Deosa, que se dizia descendente de Hercules, a fim de que este vaticinio se verificasse, cuidou logo em que Silvio fosse, como com effeito
A *foi,*

foi , solemnemente promettido para esposo de Amarille , nobre Ninfa , tambem filha unica de Tityro , que descendia de Pan. Apezar das grandes diligencias , com que aquelles Pais solicitavão estas nupcias , nunca chegavão ao fim , que tanto desejavão ; porque Silvio , dominado pela paixão da caça , vivia muito izento de pensamentos amorosos. Entretanto se tinba inflammado de amor por Amarille , hum Pastor chamado Mirtillo , que se imaginava filho de Carino , Pastor da Arcadia ; mas havia muito tempo que habitava na Elide. Amarille não amava menos a Mirtillo ; porém não se animava a descobrir-lhe a sua paixão por temor da Lei , que severamente punia com pena de morte o crime de infidelidade. Daqui tomou Corisca hum excellente pretexto para maquinar a ruina de Amarille , que aborrecia por causa de Mirtillo , a quem loucamente amava. Esperando com a morte da sua rival vencer mais facilmente a constan-tissima fé daquelle Pastor , astuciou taes en-
ga-

ganos, e tramoias, que os miseraveis amantes, pouco acautelados, e com designios bem differentes dos que lhes forão imputados, chegarão a introduzir-se em huma gruta, onde depois, sendo accusados por hum Satyro, forão prezos. Amarille, não podendo justificar a sua innocencia, foi condemnada á morte. Mirtillo, bem que a considerasse culpada, e soubesse que a Lei não punia senão a Ninfa infiel, quiz com tudo salvalla, e morrer em seu lugar, valendo-se do privilegio da mesma Lei, que permittia ao homem offerecer a vida, para livrar a Ninfa criminosa. Sendo pois conduzido á morte por Montano, Sacerdote, a quem este officio competia, chegou ao mesmo tempo Carino, que vinha em busca de Mirtillo, a quem amava, como se fosse seu proprio filho; e vendo-o em hum acto, tão fóra da sua imaginação, como lamentavel aos seus olhos, em quanto trabalhava para livrallo da morte, querendo provar, que era estrangeiro, e por isso mesmo incapaz de ser victima em lugar

de outro, teve o desacordo de declarar, que Mirtillo era filho do Sacerdote Montano. Ao mesmo tempo que este verdadeiro Pai se lastimava de ser obrigado a derramar o proprio sangue em execução da Lei, chegou o velho, e cego Tirenio, Profeta; e interpretando a predicção do Oraculo, declarou que não sómente repugnava á vontade dos Deoses o sacrificio daquella vítima, mas tambem que era chegado o fim das calamidades da Arcadia, segundo havia prognosticado aquella voz divina; e vendo que com esta concordavão todos os acontecimentos, concluiu por fim, que Amarille não podia, nem devia ser esposa, senão de Mirtillo. Pouco tempo antes, Silvio andando á caça, e entendendo matar huma fera, tinha com huma setta ferido a Dorinda, que até alli infelizmente o amava. Esta desgraça foi causa de que elle mudasse em compaixão amorosa a antiga, e costumada dureza do seu coração. Livre Dorinda do perigo da ferida, que se suppunha mortal, e concluidos os
des-

ARGUMENTO.

5

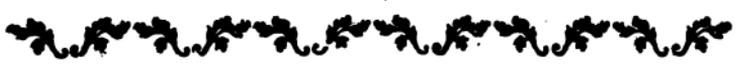
desposorios de Amarille com Mirtillo , Silvio , que já então estava amante , recebeu Dorinda por esposa. Estes acontecimentos mais felices ; do que se esperavão , forão causa de que Corisca , cabindo em si , depois de alcançar perdão dos esposos amantes , cheia de consolação , e já enfastiada do mundo , se dispuzesse a mudar de vida.

ACTO-

A C T O R E S.

ALFEO, Rio da Arcadia.
SILVIO, Filho de Montano.
LINCO, Velho, criado de Montano.
MIRTILLO, Amante de Amarille.
ERGASTO, Amigo de Mirtillo.
CORISCA, Amante de Mirtillo.
MONTANO, Sacerdote, Pai de Silvio.
TITYRO, Pai de Amarille.
DAMETA, Criado antigo de Montano.
SATYRO, Amante de Corisca.
DORINDA, Amante de Silvio.
LUPINO, Cabreiro, criado de Dorinda.
AMARILLE, Filha de Tityro.
NICANDRO, Primeiro Ministro do Rei.
CORIDÃO, Amante de Corisca.
CARINO, Velho, Pai putativo de Corisca.
URANIO, Velho, amigo de Carino.
TIRENIO, Velho, Profeta, e cego.
 Hum Mensageiro.
 CORO de Pastores.
 CORO de Caçadores.
 CORO de Ninfas.
 CORO de Sacerdotes.

A Scena he na Arcadia.



O
PASTOR FIEL.
TRAGI-COMEDIA PASTORIL.

PROLOGO.

ALFEO, Rio da Arcadia.

SE pela antiga fama
Por vós talvez não crida , ou despre-
zada ,
Tendes já mais ouvido as maravilhas
D'hum amoroso Rio ,
Que por seguir as ondas fugitivas
Da adorada Arethusa
Corre (oh força d'amor !) pelas entranhas
Mais profundas da terra ,
E do mar ; penetrando ,
Onde por baixo do Ethna , mole ingente ,
Não sei , se abrazador , ou abrazado
Vibra o feroz Gigante
Raios de furia contra o Ceo , que odêa :
Esse Rio sou Eu : vós já o ouvistes :
Vou dar agora as provas ,
Que a vossa fé mereção.

A

A carreira usual deixando antiga,
 Por incognito mar traspasso as aguas
 Do altivo Rei dos Rios:
 Aqui torno a surgir, e alegre venho
 Ver aquella algum dia livre, e bella
 Hoje affolada, escrava;
 Antiga terra, donde origem tenho.
 Oh doce Mãi, que hum filho reconhece!
 Tu reconhece, Arcadia,
 O teu amado Alfeo,
 Não menos do que tu famoso hum tempo.

Estes são os terrenos
 Illustres algum dia, são os bosques,
 Onde o valor viveo, e onde he morto.
 Neste canto do mundo em ferrea idade
 Julguei, se renovasse a idade d'ouro.
 Aqui, não n'outra parte,
 Reinava a liberdade moderada,
 Livre de inveja, em doce segurança;
 Defendida por si; e em paz sem armas,
 Cingia o povo inerme
 Hum muro de innocencia, e de virtudes,
 Muito mais invencivel, que as muralhas
 De animados rochedos,
 Que ergueo Amphião sonoro á grande The-
 bas.

E quando mais em guerras, e tumultos
 Ardia a Grecia, armando então a Arcadia
 Outros guerreiros povos;
 Neste sagrado asylo

Já

Já mais se ouviu estrondo de inimigas,
 Ou de amigas trombetas.
 Tanto esperavão Thébas, e Corintho,
 Micenas, e Megára, Patra, e Sparta,
 Poder vencer os seus contrarios, quanto
 Amavão, proteção
 Esta, propicia aos Ceos, piedosa gente,
 De quem feliz defenfa em terra forão,
 Bem como ella no Ceo; e pelejavão
 Huns com as armas, outros com as preces.
 Bem que estes habitantes
 Vestido, e nome de pastor tivessem,
 Com tudo elles não erão
 De idéas toscos, de costumes broncos.
 Alguns pois desejavão
 Observar nas Estrellas, e Elementos
 Os segredos do Ceo, da Natureza:
 Outros seguir os rastros
 Da fugitiva fera:
 Outros com maior gloria
 Domar o javali, vencer os ursos:
 Hum veloz na carreira,
 Outro de césto armado,
 Se mostrava feroz, na luçta invicto:
 Este o dardo, outro a setta arremeçava
 Ao alvo assignalado:
 Outros em fim diversos exercicios,
 Bem como cada qual seu gosto segue:
 Mas foi das sacras Musas
 A maior parte amiga; amor, e estudo

Di-

Ditoso hum tempo, hoje infeliz, e infame.

Porém quem ver me faz d' Arcadia a terra,
Depois de tantos annos transportada,
Onde o Dore no Pó se precipita?
Este he o seu circuito, esta he a antiga
Caverna de Ericina;
E esse, que além se eleva, he o grande Templo
A Cinthia consagrado. Que pasmoso
Prodigio me apparece!
Que insolito valor, que novo encanto,
Pode aqui transportar a terra, e o povo!
Es tu, ó Regia Infante,
Cuja sciencia a terra idade avança.
Já conheço a virtude
Dessa Augusta presença,
Gram Catharina, a força do teu sangue,
Daquelle illustre sangue glorioso,
A cujo Imperio novos mundos nascem.
Estas famosas obras,
Que portentos parecem,
São usuaes em ti por natureza.
Bem como ao Sol, que no Oriente surge,
O mundo logo offrece
Tantas bellezas, plantas, ramos, flores,
No Ceo, na terra, e mar tantos viventes;
Assim ao Sol altivo, e poderoso,
Que sahe desse teu grande illustre Occaso,
Nos mais remotos climas,
Se vem nascer Provincias, nascer Reinos,
Produzir palmas, e brotar trofeos.

Di-

Diante de ti me prostro , Augusta Filha ,
Desse Monarca , a cujo imperio nunca ,
Bem que anoiteça , o Sol já mais se esconde.
Esposa desse Heroe ,
A cuja dextra , espirito , e prudencia
Confia o Ceo a guarda
Dos Italicos muros ,
Sem já mais precisar d'altas muralhas ,
Escarpados rochedos .
Por vós a bella Italia
Segurança terá ; huma Alma grande ,
Em vez dos Alpes , seja o seu reparo ,
E essa sua na guerra
Invencivel barreira ,
Feita por vós aos póvos inimigos ,
Seja da Paz hum Templo ,
Onde se adore nova Divindade .
Vivei pois longas eras ,
Vivei concordes , Almas generosas ;
Que de tão glorioso , e santo laço
Muito o Universo espera :
E bem fundadas são as esperanças ,
Quando vê do Oriente
Com tantos Sceptros o perdido Imperio ;
Campo só de ti digno ,
O' Magnanimo Carlos , c'os vestigios
Dos teus grandes Avós assinalado .
Augusta he esta terra ,
Vossos nomes , presenças , sentimentos ,
Vossas almas , o sangue , augusto he tudo ;

A

A prole, e as acções serão au
Mas em quanto annuncio
As que o Fado prepara Cróas
Não desprezeis vós estas
Nos outeiros do Pindo
Tecidas d'hera, e flores
Por mãos daquellas Virgens son
Que dão vida a pezar da dura
Pequena offerta sim; porém off
Que nascida d'hum animo s ince
O mesmo Ceo aceita: e se do v
Serenó excelso Ceo de hum ar
A influencia não falta,
A Lira, que hoje canta
Tão placido Hymineo,
Qual Trombeta, em lugar d' ama
Cantará vossas armas, e victorias



ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

SILVIO, e LINCO.

SILVIO.



DE vós, que cercastes
 A fera horrível, dar o costumado
 Sinal da montaria : ide espertando
 Co' a voz os Córos, co' a buzina os
 olhos.

Se algum Pastor da Arcadia
 Os exercicios de Diana estima,
 Ou sente o nobre peito estimulado
 Dos bosques pela gloria,
 Hoje o mostre, e me siga
 Lá onde em cerco estreito,
 Mas largo campo ao nosso esforço, he prezo
 O javali medonho,
 Monstro da natureza, e da espessura,
 Tão desmarcado, e fero,
 Nas Regiões estranhas

Co-

Conhecido habitante do Erymantho,
 Estrago das campinas,
 E horror dos lavradores. Vós pois ide,
 Não só correi diante,
 Mas fazei que se apresse
 Com roucos sons a somnolenta Aurora.
 Nós vamos, Linco, dar louvor aos Deoses:
 Por elles conduzidos
 Mais seguros depois á caça iremos.
 » He metade da empreza hum bom principio;
 » E o Ceo só póde hum bom principio dar-nos.

LINCO.

Approvo, Silvio, o venerar os Deoses;
 Mas ir causar enfado
 Aos Ministros dos Deoses, não approvo.
 Do Templo os guardas todos
 Estão ao somno entregues; não descobrem
 Inda opportuno, ou lúcido horizonte
 Lá no cume do monte.

SILVIO.

A ti, que não estás inda acordado,
 Parece-te que o mundo todo dorme.

LINCO.

Que importa, Silvio, dar-te a natureza
 Nos teus mais bellos annos
 A delicada flor da formosura,
 Se tu te empenhas tanto em desprezalla?
 Se o semblante, que tens, eu possuisse
 Tão lindo, e tão florente,
 Diria *a Deos* aos bosques,

E

E outras feras buscando,
A vida passaria em festa, e jogo,
A' sombra de Verão, de Inverno ao fogo.

SILVIO.

Semelhantes conselhos
Nunca já mais me deste; e como agora
Tão mudado te encontro?

LINCO.

Outro tempo, outra conta,
Se eu fora Silvio, assim por certo obrára.

SILVIO.

Eu tambem, sendo Linco;
Mas visto que sou Silvio,
Quero obrar como tal, não como Linco.

LINCO.

Para que, louco, buscas huma fera
Distante, e perigosa,
Outra melhor deixando
Mais vizinha, domestica, e segura?

SILVIO.

Tu deliras acaço, ou serio fallas?

LINCO.

Tu es o que deliras.

SILVIO.

E está de mim tão perto?

LINCO.

Quanto tu de ti mesmo.

SILVIO.

Em que silvado habita?

LIN-

LINCO.

O selvado es tu, Silvio,
E a fera mais cruel, que nelle habita,
He a tua fereza.

SILVIO.

Bem percebi, que ferio não fallavas.

LINCO.

Huma Ninfa tão bella, e tão galante;
Mas que disse? Huma Ninfa! He huma Deosa.
Mais fresca, e mais formosa,
Que a matutina rosa;
E mais branda, mais candida que o Cisne,
Por quem, não ha illustre
Pastor, hoje entre nós, que não suspire,
E não suspire em vão.
Só para ti se guarda destinada
Pelo Ceo, pelos homens.
Hoje mesmo, sem prantos, sem suspiros
(Oh que mancebo indigno
De tão alta ventura!) nos teus braços
Pódes, ó Silvio, tella, e a desprezas?
Della foges? E não direi, que o peito
Tens de ferro, e o coração de fera?

SILVIO.

Se chamas crueldade o desprezalla,
Crueldade he virtude; e não lastimo,
Antes fólgo de tella no meu peito;
Pois que vencido tenho só com ella
Amor mais dura fera.

LIN-

LINCO.

E, como o tens vencido,
Se amor não tens sentido?

SILVIO.

Não fentillo he vencello.

LINCO.

Ao menos, Silvio,

Se huma vez o sentiffes,
Se huma só vez soubesses,
Que prazer, que ventura,
He fer amado, e possuir amando
Hum coração amante;
Bem certo estou dirias:
Doce vida amorosa,
Porque ao meu coração tarde chegaste?
Ah! deixa, deixa os bosques,
Louco mancebo, as feras deixa, e ama.

SILVIO.

O' Linco, dize, dize o que quizeres:
Mil Ninfas dera a troco d' huma fera
Por meu melampo em caça surprehida.
Déssas delicias goze
Quem tiver melhor gosto, que eu não sinto.

LINCO.

E tu que sentirás? Se amor não sentes,
Unica origem do que o mundo sente?
Mas crê no que te digo;
Em tempo sentirás,
Que tempo não terás.

» A's vezes quer amor em nossos peitos

B

» Mos-

» Mostrar quanto domina.
 Crê-me, que o exp'rimento;
 » Não ha maior tormento,
 » Que estímulos d'amor em velhos membros.
 » Mal se póde curar a mesma chaga,
 » Que quanto mais se cura, mais se offende.
 » Se o peito juvenil amor te fere,
 » Amor a chaga adoça;
 » Se tormentos lhe causa,
 » Com doces esperanças o consola;
 » Se por hum tempo mata, em fim dá vida.
 » Se te avança porém na fria idade,
 » Quando a fraqueza propria
 » Mais que o rigor alheio se lastíma;
 » Insupportaveis são as suas dores,
 » As feridas mortaes, crueis as penas.
 » Se então piedade imploras, e a consegues,
 » Ficas mal, e pior, se a não alcanças.
 » Ah! não pertendas ter antes de tempo
 » Os defeitos do tempo;
 » Que se cheio de cans accommettido
 » Tu fores de amoroso pensamento,
 » Tens dobrado tormento,
 » Não só porque podendo, não quizeste,
 » Como porque não poderás, querendo.
 Ah! deixa, deixa os bosques,
 Louco mancebo, as feras deixa, e ama.

SILVIO.

Pois que! Não ha mais vida,
 Senão essa, que nutre

Amo-

Amorosa paixão, mortal loucura?

LINCO.

Ora dize: se nesta linda, e bella
 Estação, que renova, e enfeita o mundo,
 Tu viesses em lugar de verdes campos,
 De floridos outeiros, denfos bosques,
 Estar o pinheiro, o abeto, a faia, o freixo
 Sem ter aquelle seu frondoso ornato,
 As montanhas sem flor, sem relva os prados,
 Não dirias tu, Silvio, o mundo acaba,
 Desmaia a natureza? Ora esse assombro,
 A mesma maravilha, que terias
 Em ver tão monstruosa novidade,
 Te horrorize em ti mesmo. » O Ceo quiz
 » dar-nos

- » Vida conforme aos annos, e ás idades
- » Affectos semelhantes; tanto improprio
- » Se julga amor á idade encanescida,
- » Quanto d'elle inimiga a mocidade
- » Insulta ao Ceo, resiste á natureza.

Olha em redor, ó Silvio:

Quantas bellezas tu no mundo observas,
 São producções d'amor: he o Ceo amante,
 Amante o mar, e a terra;
 Essa que vês no Ceo, antes d'Aurora,
 Tão graciosa Estrella,
 Arde tambem d'amor, e de seu filho
 As chammas sente; e essa, que enamora,
 Ennamorada brilha:
 Talvez seja esta a hora,

B ii

Em

Em que do terno amante os braços deixa,
E os furtivos deleites,
Olha como ella ri, como scintilla!
Amão pela espessura
Os monstros mais ferozes, pelas ondas
Os ligeiros delfins, pezadas orcas :
O passaro, que canta
Tão docemente, e que lascivo voa,
Ora do freixo á faia,
Ora da faia á murta,
Se humana voz tivesse,
Ardo d'amor, ardo d'amor, diria;
Mas sente o peito ardente;
E em tal linguagem falla,
Que só entende o doce bem, que busca;
E repara tu, Silvio,
Que o feu amado objecto,
Ardo d'amor, tambem, responde amante.
Muge a manada, e são os seus mugidos
Convites amorosos:
Ruge o leão na selva,
Não he rugir com ira,
Tambem d'amor suspira.
Em fim he tudo amante,
Menos Silvio, e ferá sómente Silvio
No Ceo, no mar, na terra
Alma d'amor izenta?
Deixa huma vez os bosques,
Louco mancebo, as feras deixa, e ama.

SIL-

SILVIO.

Acafo te entregárão
A minha tenra idade, porque fosse
Nutrida com amores, e com brandos
Feminis pensamentos? Não te lembras
Quem es, e com quem fallas?

LINCO.

Homem sou; e me prézo
D'humano ser, em cousa humana fallo
Comtigo, que homem es, ou ser devias.
Se deste nome acafo te desprezas,
Olha bem, que se deixas
A tua humanidade,
Antes que hum Deos, não fiques huma fera.

SILVIO.

Tão famoso já mais, já mais tão forte
Seria o domador dos feros monitros,
Fonte illustre, donde o meu sangue mana,
Se elle primeiro amor não dominasse.

LINCO.

Agora vê se he teu, ou meu delirio.
Onde estarias tu, dize, se amante
Tambem não fosse o teu famoso Alcides?
Se elle monstros matou, venceo combates,
Em tudo teve amor bastante parte.
Por agradar a Onfale, não sabes
Que elle trocou por feminis vestidos
Do terrivel leão a hirsuta pelle;
E em vez de sustentar nodosa massa
Pegar não duvidou no fuso, e roca?

Assim

Assim dos seus trabalhos descansava,
 E nos braços da amante costumava,
 Como em porto d'amor, refugiar-se.
 Os suspiros d'amor são doce alento
 Das passadas fadigas, que estimula
 O coração para as empresas novas.
 » Bem como o tosco, e intractavel ferro,
 » C'outro metal mais brando temperado,
 » Mais puro fica, tem mais resistencia,
 » Formão-se delle as mais polidas obras;
 » Assim hum genio indomito, e ferino,
 » Que no proprio furor allás se embota,
 » Se amor com seus prazeres o tempera,
 » Usa-se delle generoso, e forte.
 Se pois imitador tu ser desejas,
 E digno neto d'Hercules invicto;
 Já que deixar não queres os teus bosques,
 Segue os bosques, porém amor não deixes;
 Hum justo amor, tão puro, e tão decente,
 Qual he o d'Amarille. Se desprezas
 Dorinda, não te culpo, antes louvo,
 Pois como a honra estimas, ter não debes
 O peito ardente de desejos torpes,
 Injuriando a tua amada esposa.

SILVIO.

Que dizes, Linco? Esposa não he minha.

LINCO.

Pois a fé d'Amarille
 Não recebeste já solemnemente?
 Olha, rapaz soberbo,

Não

Não irrites os Deoses.

SILVIO.

» O Ceo concede aos homens liberdade,
» E não violenta a quem dá livre arbitrio.

LINCO.

Se tu ouves o Ceo, e bem o entendes,
Elle he quem te convida;
O Ceo, que ás tuas nupcias
Tantas graças promette, tantas honras.

SILVIO.

Não tem os summos Deoses
Agora outro cuidado! Será este
O que perturbe o creador socego!
Nem hum, nem outro amor me agrada, Linco.
Vim caçador ao mundo, e não amante;
Tu, que seguiste amor, torna ao descanso.

LINCO.

Tu procedes do Ceo,
Cruel mancebo? Eu creio, não descendes,
Nem d'origem celeste, nem d'humana;
Mas antes jurarei, que se es humano,
Foste mais com veneno
De Tisifone, e Alecto produzido,
Que com prazer de Venus concebido.

SCE-

S C E N A II.

*MIRTILLO, ERGASTO**MIRTILLO.*

A Marille cruel! Teu nome
 Que haver não póde amor se
 Amarille mais candida, e mais
 Que o candido jasmim; porém
 Mais fugitiva, e furda,
 Do que o aspide furdo;
 Pois te offendo, fallando,
 Eu morrerei calando:
 Mas por mim gritaráõ montes,
 E estes bosques, a quem eu tant
 Teu bello nome a repetir ensino.
 Por mim chorando as fontes,
 E murmurando os ventos
 Dirão os meus lamentos.
 Fallará no meu rosto
 A dor, e a piedade.
 Se tudo emmudecer, fará estrond
 Em fim da Parca o córte,
 E te dirá o meu martyrio a mort

ERGASTO.

- » Mirtillo, sempre amor foi hum
- » Quanto mais prezo, tanto mais
- » Porque a mesma cadeia,
- » Onde se prende huma amorosa

» Novas forças lhe dá ; amor se augmenta ;
» E he na prizão mais fero , do que solto.
Já não devias tu , ha tantos tempos ,
Das tuas chammas encubrir-me a causa ,
Senão podias encubrir-me as chammas.
Quantas vezes eu disse : Arde Mirtillo ;
Mas cala , e em fogo occulto se consome.

MIRTILLO.

Antes quiz offender-me , que offender-te ,
Benigno Ergasto , e mudo inda estaria ;
Mas romper o silencio he necessario.
Ouço huma voz , que murmurando em torno
Pelos ouvidos , vem ferir-me o peito ,
Do proximo conforcio de Amarille.
Ninguem se anima a descubrir-me as causas ;
E eu a mais indagar me não atrevo ,
Assim por não causar de mim suspeita ,
Como por não saber quanto receio.
E não me cega amor ; bem sei , Ergasto ,
Que á minha baixa , e misera fortuna ,
O conforcio esperar já mais compete
De Ninfa tão gentil , e tão divina
De nascimento , d'alma , e de semblante.
Bem conheço o theor da minha estrella.
Para as chammas nasci ; e o meu destino
Me fez d'ardores , não de gostos digno.
Mas já que ordena o fado , que eu só deva
Amar a morte , desprezando a vida ,
Quero morrer , com tanto que esta morte
Agrade a quem a causa ; e que se digne
Nos

Nos ultimos suspiros só mostrar-me
 Seus bellos olhos, e dizer-me: Morre.
 Antes que a outro vá fazer ditoso
 Com suas nupcias, eu quizera ao menos
 Que huma só vez me ouvisse. Se me estimas,
 Benigno Ergasto, e tens de mim piedade,
 Nisto te empenha, nisto me soccorre.

ERGASTO.

Justas ansias d'amante, e de quem morre
 Pequeno alivio; mas custosa empreza:
 Se o Pai soubesse tinha os seus ouvidos
 Aos teus furtivos rogos inclinado,
 Ah! desgraçada della! se por isso
 Fosse accusada ao Sogro Sacerdote!
 Talvez seja esta a causa de esquivar-se.
 Bem que não mostre, póde ser te adore.
 » He a mulher em desejar mais fraca;
 » Porém em disfarçar os seus desejos
 » Mais astuta, que nós. E se te amasse,
 Que mais fazer podia, que fugir-te. (xas;
 » Quem não soccorre, em vão escuta as quei-
 » E foge com piedade quem se pára,
 » Incorre em damno alheio. He justo acordo
 Deixar de pressa, o que alcançar não podes.

MIRTILLO.

Se o que dizes eu crêra, ou fora certo;
 Venturoso tormento, amadas penas!
 Mas, Ergasto civil, se o Ceo te guarda,
 Esse feliz Pastor quem he, declara,
 A quem tanto as estrellas favorecem.

ER-

ERGASTO.

Não conheces tu, Silvio, unico filho
De Montano, de Cinthia o Sacerdote?
Pastor hoje de fama, e de riqueza?
Hum galante mancebo? He esse o mesmo.

MIRTILLO.

Venturoso Pastor, que o teu destino
Maduro encontras em tão verde idade:
A sorte não te invejo, a minha choro!

ERGASTO.

E na verdade, que invejar não deves:
Mais compaixão merece, do que inveja.

MIRTILLO.

E compaixão, porque?

ERGASTO.

Porque a não ama.

MIRTILLO.

Tem coração? Tem olhos? He vivente?
Mas se attento reparo,
Chammas para outro peito
Não podião ficar, quando Amarille
Fulminou neste meu dos olhos bellos
Todas as chammas, os amores todos.
Mas porque se dá joia tão preciosa
A quem não a conhece, e a despreza?

ERGASTO.

Porque promette o Ceo com estas nupcias
D'Arcadia a salvação. Acafo ignoras,
Cada anno á grande Deosa aqui se paga
C'o innocente fangue d'huma Ninfa

Hum

Hum miseravel, e mortal tributo?

MIRTILLO.

He novo para mim; tal nunca sube;
 Pois tambem aqui sou novo habitante;
 E como ordena amor, e o meu destino,
 Ando sempre vagando pelos bosques.
 Porém qual foi o crime dessa pena?
 Como tanto furor os Ceos encerrão?

ERGASTO.

Vou referir-te das desgraças nossas
 Desde o principio toda a triste historia;
 Que não d'humanos peitos, destes troncos
 Poderia arrancar piedoso pranto.
 Naquelle idade, em que as funções do Templo,
 E o santo Sacerdocio inda não era
 A Sacerdote juvenil defezo;
 Hum distincto Pastor, chamado Aminta,
 Que era então Sacerdote, amou Lucrina,
 Ninfa, que de belleza era hum portento,
 Mas de inconstancia, e de vaidade hum monf-
 tro.

Esta correspondeo por muito tempo,
 Ou quiz talvez mostrar correspondia
 Com simulados perfidos disfarces,
 Do amoroso mancebo ao puro affecto,
 E alimentallo de esperanças falsas,
 Que entre tanto o infeliz rival não teve.
 Porém (vê que mulher tão inconstante!)
 D'hum rustico Pastor olhada apenas,
 Resistir não soube ás primeiras vistas,

Aos

Aos primeiros suspiros, logo toda
 Se deo ao novo amor, inda primeiro,
 Que o zelo roedor sentisse Aminta.
 Triste Aminta! De quem depois a fera
 Fugia, e desprezava de tal sorte,
 Que nunca mais quiz vello, nem ouvillo.
 Quaes fossem os suspiros, quaes os prantos
 Do pobre Aminta, pensa tu, que sabes,
 Que seja amor, por experiencia propria.

MIRTILLO.

Excede a toda a pena hum tal desgosto.

ERCASTO.

Mas vendo atrás do coração perdido,
 Perdidos os suspiros, e os lamentos,
 Foi soccorro implorar á grande Deosa.
 Oh Cinthia, disse, se eu em algum tempo
 Com innocentes mãos, com puros votos
 As chammias accendi em teus altares,
 Vinga tu minha fé ludibriada
 Por essa Ninfa bella, affás perjura.
 Diana ouvio do caro Sacerdote,
 E do amante fiel, o rogo, e o pranto,
 Na compaixão vingança respirando,
 Deo sinaes de furor o mais terrivel.
 Lançando mão do arco poderoso,
 No feio disparou da triste Arcadia
 Com feridas mortaes occultas lanças.
 Sem soccorro morrião, sem clemencia,
 Moços, e velhos, homens, e mulheres;
 Erão yãos os remedios, tarde a fuga;

In-

Inutil a arte, e antes do que o enfermo,
Na mesma cura o Medico morria.

Em mal tão grande nos ficou sómente

Do socorro do Ceo huma esperança,

Qual foi buscar-se logo, e consultar-se

O mais vizinho Oraculo; de donde

Nos veio esta resposta, affás bem clara;

Mas em extremo horrivel, e funesta:

Que Cinthia estava irada, e que applacalla

Seria só possível, se Lucrina,

Ou se em lugar de Ninfa tão perjura,

Qualquer de nossa gente, em sacrificio

Se offerecesse pelas mãos de Aminta.

Ella, depois que em vão verteo seus prantos,

Em vão julgou no novo amante amparo,

Foi com solemne pompa ás sacras Aras

Victima lamentavel conduzida.

Alli áquelles pés, que em outro tempo

Tanto a seguirão, mas em vão seguirão,

Dobrando humilde os tremulos joelhos,

Delle esperava a mais tyranna morte:

Affouto empunha Aminta o sacro ferro;

E quando se entendia que vingança,

E ira da ardente boca respirasse,

Voltou-se para ella, e c' hum suspiro,

Nuncio da sua morte, assim lhe disse:

Olha, Lucrina, por desgraça tua,

Qual amante seguiste, e qual deixaste;

Repara neste golpe. Isto dizendo,

Feriu-se mesmo a si, no proprio peito

To-

Todo o ferro enfopou; e desta sorte
Victima foi nos braços de Lucrina,
Cahindo em sangue exausto o Sacerdote.
A tão fero espectáculo, e tão raro,
Se surpredeo a misera donzella,
Como entre viva, e morta, não sabendo
Se o ferro, ou se a afflicção a traspassava.
Os sentidos depois cobrando, e vozes,
Disse, chorando: Oh valeroso Aminta!
Fiel amante, tarde conhecido,
Que morrendo me deste vida, e morte!
Se o deixar-te foi culpa, emendo o erro,
Minha alma unindo á tua eternamente.
Isto dizendo, arranca o mesmo ferro
Do tarde amado peito agonizante;
E inda fumando, e tinto no seu sangue,
Traspassa o coração; e sobre Aminta,
Que ainda respirava, e que do golpe
Talvez sentisse a triste recompensa,
Cahir se deixa, entre os seus braços morre.
Assim findarão os amantes, ambos
Pela excessiva dor, pela perfidia
A tal desgraça forão conduzidos.

MIRTILLO.

Feliz Pastor na sua desventura!
Pois teve tão famoso, e largo campo
De mostrar sua fé, fazer sensível
Com sua morte o peito d' huma ingrata!
Porém que mais sentio o afflicto povo?
Applacou-se Diana, ao mal poz termo?

ER.

ERGASTO.

Seu furor se modera, não se extingue.
 Passado hum anno, nesse mesmo tempo
 Cahir tornando nas antigas furias,
 Se fez mais inhumana. Então de novo
 Ouvindo-se do Oraculo os conselhos,
 Tivemos muito mais cruel resposta,
 Mais dura, e lamentavel, que a primeira :
 » Que em sacrificio á indignada Deosa
 » Fosse offrecida então mulher, ou virgem,
 » Que tres lustros tivesse já completos,
 » Sem com tudo exceder o quarto lustro.
 » Que assim todos os annos se observasse,
 » 'Té que o sangue d'alguma suspendesse
 » A furia contra a Patria fulminada.
 Impoz tambem ao desditoso sexo
 Esta muito severa, e se reparas,
 Lei contraria á sua natureza,
 Impraticavel Lei, com sangue escrita:
 » Mulher, ou virgem, que se achar incurfa
 » Em torpe violação de fé jurada,
 » Faltando quem por ella morra, seja
 » Sem remissão á morte condemnada.
 A esta nossa horrenda desventura,
 Espera o seu bom Pai se ponha termo
 Co'as desejas nupcias; pois que sendo
 O Oraculo de novo consultado
 Sobre o fim, que o Ceo dava a nossos males,
 Estes forão os seus fieis annuncios :
O fim já mais vereis desse castigo,

Sem

*Sem que una amor, do Ceo duas sementes;
E que hum Pastor fiel pague entre as gentes
Da mulher infiel o crime antigo.*

Ora hoje em toda a Arcadia não se encontrão
Outras sementes de celestes troncos,
Mais que Silvio sómente, e Amarille;
Porque hum de Pan descende, outro d' Alcides.
Nem por desgraça nossa em outro tempo
Já mais mulher, e homem se encontrãõ
Destas duas linhagens; e por isso
São justas de Montano as esperanças;
E bem que tudo quanto nos promette
A resposta fatal se não comprove,
O fundamento he este; o mais que resta,
Occulto está do Fado nos abysmos;
E estas nupcias trarão hum claro dia.

MIRTILLO.

Oh desgraçado! Oh misero Mirtillo!
Tantos crueis contrarios,
Tanta arma, tanta guerra,
Contra hum só coração agonizante!
Amor não bastaria,
Se o Fado em minha ruina não se armasse?

ERGASTO.

- » Mirtillo, amor tyranno
- » Se nutre sim, mas nunca bem se farta
- » De lagrimas, e dores.

Vamos; eu te prometto
Pôr toda a minha astucia,
Para que hoje te escute a Ninfa bella;

C

E

E entre tanto focega.

- » Não são, como imaginas,
- » Teus ardentes suspiros
- » Do peito refrigerio;
- » Mas antes são impetuosos ventos,
- » Que affoprando, maior incendio fazem
- » Com tufões amorosos,
- » Que trazem sempre aos miseros amantes
- » Negras chuvas de prantos abundantes.

S C E N A III.

CORISCA.

Quem vio já mais, ou tem já mais ouvido
 Tão estranha, cruel, louca, importuna,
 Amorosa paixão? Amor, e odio
 Dentro n'hum peito estão com tal mistura,
 Que (sem saber-se como) mutuamente
 Se augmentão, se arruinão, nascem, morrem.
 Se observo de Mirtillo as graças todas,
 Que desde a linda fronte aos pés se espalhão,
 Seu grato movimento, o bello aspecto,
 Seus costumes, acções, palavras, vista
 Me assalta amor com fogos tão violentos,
 Que toda arder me sinto; e me parece
 Que esta paixão a todas vence, e doma.
 Mas se penso depois na pertinacia,
 Com que adora outra dama, em cujo obsequio
 De mim se esquece, engeita (dizer quero)
 Minha rara belleza, meus favores,

Por

Por quem amantes mil e mil suspirão ;
 Tanta aversão lhe tenho , raiva tanta ,
 Que impossivel parece no meu peito
 Já mais d' amor as chammas accendesse.
 Comigo assim discorro : Oh se eu pudera
 Hoje gozar do meu Mirtillo amado ,
 Que todo fosse meu ; que possuillo
 Já mais alguém pudesse ! Oh mais que todas
 Ditosa , e felicissima Corisca !
 No mesmo instante em mim alçar-se sinto
 Hum desejo tão terno , e tão benigno ,
 Que á lembrança me excita o ir buscallo ,
 Meu peito descobrir-lhe , e até rogallo.
 Que mais farei ? Se a tanto amor me incita ,
 Que então lhe dera cultos , se pudera.
 Por outra parte resentida digo :
 Hum fero ? Hum pertinaz ? Esquivo ? Indigno ?
 Que tem valor d' amar diverso objecto ?
 Que meu rosto ver ousa ; e não me adora ?
 Que delle com tal arte se defende ,
 Que não morre d' amor ? E se eu devia
 Vello aos meus pés , bem como muitos vejo ,
 Supplicante , e chorofo , he justo soffra
 Ver-me a seus pés rogando envolta em pranto ?
 Ah ! não succeda tal. Assim pensando ,
 Contra Mirtillo tanto me enfureço ,
 E mesmo contra mim , que logo aparto
 De vello os olhos , de buscallo a idéa ;
 O nome de Mirtillo , o meu affecto
 Odeando mais que a morte , appetecendo ,

Que seja o mais afflicto, e desgraçado
 Pastor de quantos vivem; se pudesse
 A's minhas proprias mãos o mataria.
 Affim odio, desejo, amor, desprezo
 Me fazem guerra; e eu que tenho sido,
 Sempre até'gora a chamma de mil peitos,
 Tormento de mil almas, vivo ardendo,
 Sentindo no meu mal alheios males.
 Sim, eu, que ha tantos annos n' huma tropa
 D' engraçados, civís, amantes dignos,
 Fui sempre inconquistavel, illudindo
 Tantos desejos, tantas esperanças,
 Hoje d' hum vil amor, d' hum tosco amante,
 D' hum rustico Pastor vencida, e preza!
 Oh mais que todas misera Corisca!
 Que seria de ti, se desprovida
 D' amantes te encontrasse! Que farias,
 Por abrandar esta amorosa furia?
 Hoje a mulher á minha custa aprenda
 A accumular amantes, conservallos.
 Se outro bem não buscasse, outro recreio,
 Mais que o amor de Mirtillo, não teria
 Bastante provimento? Oh que he mil vezes
 » Bem mal aconselhada a que á pobreza
 » D' hum só amante reduzir-se deixa!
 Tão nescia não será já mais Corisca.
 » Que constancia? Que fé? São meros nomes,
 » Fabulas, que inventarão os zelosos
 » Para enganar as tristes raparigas.
 » Se em peito feminino a fé se encontra,
 » (Se

» (Se nelle acafo ha fé , o que ainda ignoro)
» Não chamo perfeição , virtude menos ;
» He fim d' amor cruel necessidade ,
» Misera Lei d' huma belleza pobre ,
» Que apenas a huma só pessoa agrada ,
» Porque a muitas jucunda fer não póde.
» Huma dama gentil , sendo buscada
» Por grande multidão d' amantes dignos ,
» Se contente d' hum só , os mais despreza ,
» Não he mulher ; ou se he mulher , he louca.
» De que serve a belleza , que não vemos ?
» E vista de que val , não sendo amada ?
» Ou sendo encantadora d' hum só peito ?
» Quando os amantes são innumeraveis ,
» E todos d' alto preço , tem a dama .
» Mais seguro penhor , mais verdadeiro ,
» De fer no mundo gloriosa , e rara .
» A gloria , e o esplendor da formosura
» Na multidão consiste dos amantes .
Muitas damas assim astutas pensão ;
Assim praticão as que mais se prezão
De civis , de mais nobres , mais formosas .
A presença evitar d' hum terno amante
He delicto , he loucura ; pois discorrem ,
Que todos os amantes juntos fazem
O que hum sómente executar não póde :
Huns servindo , outros dando , em fim he util
Gozar de todos por diversas fórmas .
Muitas vezes hum delles ignorando ,
Desterra o zelo , que outro lhe desperta ,
Ou

Ou vai lembrallo áquelle, que o não tinha.
 Assim as bellas damas, que amorosas
 Viver no mundo querem, se conduzem.
 Eu dellas aprendi tambem hum tempo
 A arte de bem amar, sendo menina,
 D'huma grande mulher, tomando exemplo.
 » Corisca, me dizia, dos amantes
 » Usar debes, qual usas dos vestidos:
 » Ter muitos, gozar d'hum, mudallos sempre;
 » Que o longo conversar produz fastio,
 » O fastio desprezo, e este o odio.
 » Obrar pior não póde qualquer dama
 » Que permittir, o amante faciar-se.
 » Faze pois que elle sempre se retire,
 » Não de ti, mas por ti enfastiado.
 Assim obrado tenho; gostei sempre
 De ter muitos amantes, d'entretellos,
 Hum de mão, outro d'olho, e mais favores
 A'quelle, que entre todos mais convinha,
 Coração a nenhum, em quanto pude.
 Mas ai de mim! Não fei, Mirtillo como
 Pode meios achar de atormentar-me,
 Fazer-me á força suspirar por elle,
 Guardar-lhe fé, para maior desgraça:
 Eo meu corpo ao descanso, ao somno os olhos
 Roubando, a Aurora impaciente espero,
 Tempo feliz d'amantes inquietos.
 E agora errante, eis-me aqui por estes
 Sombrios bosques as pégadas busco
 Daquelle a quem adoro, e a quem odeio.

Mas

Mas que farás, Corisca? Irás rogallo?
 Bem que eu quizesse, não consente o odio.
 Has de fugir-lhe? Não; que amor o impede;
 Bem que só era o que fazer devias.
 Pois que farás? Primeiro com affagos,
 Com brandos rogos, tentarei vencello,
 Descubriendo-lhe o amor, mas não a amante.
 Senão bastar, me valerei de enganos.
 Se nada conseguir, fará meu odio
 Vingança memoravel. Sim, Mirtillo,
 Meu odio sentirás, se amor não queres.
 Farei que essa Amarille se arrependa
 De ser a mim rival, a ti tão grata.
 Vós ambos sentireis, em fim protesto,
 Quanto póde o furor estimulante
 No coração d'huma mulher amante.

S C E N A IV.

TITYRO, MONTANO, DAMETA.

TITYRO.

Não me enganes, Montano, sei que fallo
 Com quem melhor entende. Mais escu-
 Os Oraculos são, do que pensamos. (ros
 » Suas vozes á faca se assemelhão:
 » Se nesta pégas pela parte, aonde
 » A mão se applica por costume humano,
 » A quem se serve della he proveitosa,
 » Mas da parte do gume ás vczes mata.

Que

Que essa Amarille minha, como dizes,
 Seja do Ceo por alto Fado eleita
 Para dar salvação á Arcadia toda,
 Quem mais deve estimallo, e appetecello,
 Do que eu, que sou feu Pai? Mas reparando
 Em tudo quanto o Oraculo predisse,
 Aos sinaes a esperança mal se ajusta.
 Se amor os deve unir, porque succede,
 Que hum delles foge? Podem ser os laços
 D' amorosa prizão, odio, e desprezo?
 » Em vão do Ceo as ordens se disputão;
 » E quando se disputão, claro fica,
 » Não são ordens do Ceo; que se quizesse
 Fosse Amarille do teu Silvio esposa,
 Mais depressa o teria feito amante,
 Que pelos bosques caçador de feras.

MONTANO.

Não vês que inda he menino? Apenas conta
 Dezoito annos de idade. Com o tempo
 Ha de tambem d' amor sentir os fógos.

TITYRO.

Mas tem paixão por feras, não por Ninfas.

MONTANO.

» Ao gosto juvenil he mais conforme.

TITYRO.

» E não amor, que he natural affecto?

MONTANO.

» Antes da idade he natural defeito.

TITYRO.

» Amor floresce na estação mais verde.

MON-

MONTANO.

» Póde fim florecer, porém sem fruto.

TITYRO.

Na flor tem sempre amor maduro o fruto.
Para gritar, Montano, aqui não venho,
Nem contender contigo; pois não posso,
Nem o devo fazer. Sou Pai, bem sabes,
D' huma só filha; e se convem dizer-te,
Que tem merecimento (e não te enfades)
De muitos pertendida, e desejada.

MONTANO.

Bem que estas nupcias, Tityro, não fossem
No Ceo por alto Fado descubertas,
Que se fação descobre a Fé na terra.
Transgredilla, seria a Divindade
Manchar da grande Deosa, a quem foi dada.
Tu não ignoras, quanto furiosa
Ella se mostra, e contra nós irada.
Porém por quanto sinto, e quanto póde
Mente Sacerdotal aos Ceos levada
Indagar dos Juizos sempiternos,
Por mão do Fado he este laço ordido.
E tem com tudo fé, que os vaticinios
A seu tempo tambem verás cumpridos.
Sabe mais, que esta noite tive huns sonhos,
Que no meu coração, mais do que nunca,
Huma antiga esperança renovárão.

TITYRO.

Sonhos em fim são sonhos: mas quaes forão?

MON-

MONTANO.

Eu creio que te lembras (e quem hoje
 Será tão infensato , que se esqueça ?)
 Daquella noite lamentavel , quando
 O tumido Ladon , rompendo as margens ,
 Fez tal inundação , que andárão peixes
 Por onde as aves tinhão os seus ninhos.
 E n' huma só corrente
 Os homens , animaes , apriscos , gados ,
 Arrebatados forão pelas aguas.
 Eu nessa mesma noite
 Perdi o coração (cruel lembrança !)
 Ou cousa , que talvez mais estimasse ,
 Que o proprio coração ; hum tenro filho
 Ainda nas envoltas ;
 O primeiro que tive , e por mim sempre
 Amado em quanto vivo , amado morto.
 Roubou-o a grossa enchente ,
 Antes que nós pudessemos , nas trévas ,
 No terror , e no somno sepultados ,
 Acudir , e lhe dar soccorro prompto.
 Nem inda o mesmo berço , em que jazia
 Pudemos encontrar ; onde julgamos
 Que o berço , e que o menino , juntos forão
 N' hum mesmo forvedouro submergidos.

TITIRO.

Que mais se póde crer ? E me parece
 Da tua mesma boca haver ouvido
 Essa tua desgraça , na verdade
 Cruel desgraça , sempre memoravel.

E

E podes bem dizer, dos teus dous filhos,
Aos bosques hum, ás ondas o outro déste.

MONTANO.

Talvez que o Ceo piedoso ainda queira
No vivo restaurar do morto a perda
» O bem devo esperar. Ora me attende:
Justamente no tempo,
Que entre as trévas, e a luz, a noite, e o dia
Inda confunde a Aurora em fuscos raios,
Havendo em fim velado
Grande parte da noite,
Imaginando nestas mesmas nupcias,
Quando o longo cansaço
Aos meus olhos conduz placido somno,
E neste somno huma visão tão certa,
Que podia dizer: Vejo dormindo.
Na ribeira do nosso Alfeo famoso
Se me figura estar sentado á sombra
D'hum platano frondoso,
Pescando c'hum anzol os peixes n'agua.
E que no mesmo instante
Lá do meio do rio eu via alçar-se
Hum velho austero, e nú, com os cabellos
Da cabeça, e da barba gotejando;
E com ambas as mãos benignamente
Hum menino entregar-me
Todo nú, e choroso,
Dizendo: Ahi tens teu filho;
Guarda-o bem; não o matem:
E assim dizendo, n'agua submergir-se.

E

E logo de repente
 Cubrir-se em roda o Ceo de negras nuvens,
 Tão medonha tormenta ameaçando,
 Que cheio de pavor levei ao peito,
 E apertei o menino entre os meus braços,
 Gritando: Ah que inda ha pouco
 Me foi entregue, e torna a ser roubado!
 Então se me figura,
 Que em roda todo o Ceo se serenava,
 E que os raios a cinzas reduzidos,
 Arcos, lanças mil despedaçadas
 Sobre o rio cahião.
 Depois tremendo o tronco
 Do platano, fahia
 Espirito subtil, que em voz formado
 Fazendo grande ruido, assim dizia:
 Montano, inda verás feliz a Arcadia.
 E tanto me ficou na mente impressa,
 No coração, nos olhos,
 A agradável imagem deste sonho,
 Que a trago sempre á vista;
 E mais que tudo o rosto
 Desse benigno velho:
 Parece-me o estou vendo.
 Por isso eu vinha em direitura ao Templo,
 Quando tu me encontraste,
 Para fazer c'o santo sacrificio
 Desta minha visão presagio certo.

TITYRO.

» São na verdade os sonhos

» Das

- » Das nossas esperanças
- » Mais huns indícios vãos, que do futuro:
- » São imagens do dia destruídas
- » Pelas sombras da noite corrompidas.

MONTANO.

- » Nem sempre c'os sentidos
- » Adormece a nossa alma.
- » Mas antes, bem que durma,
- » Está mais acordada
- » Quanto menos exposta
- » A' illusão dos sentidos.

TITIRO.

Finalmente o que tem o Ceo disposto
 Dos nossos filhos, nos he muito incerto.
 O que fei he, que o teu resiste, e contra
 A Lei da natureza, amor não sente;
 E que a minha até aqui só tem a força
 Da fé jurada, e não da recompensa.
 Não fei se sente amor; mas fei sómente
 Que o faz sentir a muitos:
 Nem julgo ser possível que o não sinta,
 Se o faz sentir aos outros.

Bem me parece vella
 Mudada no semblante, que algum dia
 Mostrar-se costumava
 Sempre alegre, e risonho.

- » Mas, Montano, tentar huma donzella
 - » Com pretexto de nupcias,
 - » He contra as mesmas nupcias grave offensa.
 - » Qual n'hum lindo jardim a bella rosa,
- » Que

- » Que dentro do seu tenro, e v
 » D'antes fechada estava,
 » E pelas sombras do nocturno
 » Não conhecida, inculta
 » Na hastea materna estava em f
 » Logo aos primeiros raios, que
 » Reluzem no Oriente,
 » Acorda, e se resente,
 » Mostrando ao Sol, que a vê, e q
 » O seu fragrante rubicundo fei
 » Onde nas madrugadas
 » Zunindo a abelha voa,
 » E vai chupar as lagrimas da A
 » Se então não he colhida,
 » Até que o ardor do meio dia
 » Ao pôr-se o Sol, lá cahe tão
 » Sobre a seve espinhosa,
 » Que apenas se dirá: Isto foi ro
 » Assim huma donzella
 » Em quanto conservada
 » Pelo materno zelo,
 » Guarda seu casto peito
 » De o ver a amor sujeito;
 » Mas sendo vista d'hum lascivo
 » Cujos súpiros ouve,
 » Abre o seu coração, e de repe
 » Paixão d'amor no terno peito f
 » Se ella por pejo a encobre,
 » Ou com fusto a reprime,
 » Calando a miseravel,

- » Em mil desejos toda se consome,
- » Perde a belleza assim, se o fogo dura;
- » E perdendo a estação, perde a ventura.

MONTANO.

Tityro, tem constancia.

Não te envileção os humanos fustos;

- » Porque o Ceo bem inspira
- » N' hum coração, que espera;
- » Nem podem lá chegar as fracas preces,
- » Se todos nas desgraças
- » Rogar ao Ceo devemos,
- » E confiar nos Deoses;
- » Quanto mais deve aquelle,
- » Que dos Deoses descende?
- » São pois os nossos filhos
- » Propagações celestes.
- » Quem multiplica as gerações alheias,
- » A propria nunca extingue.

Tityro, ao Templo vamos;

Vamos offerecer em sacrificio,

Tu a Pan hum cabrito,

Eu hum novillo a Alcides.

- » Quem fecunda os rebanhos,
- » Tambem fará fecundo
- » A quem com os rebanhos
- » Fecunda as sacras Aras.

Vai tu, fiel Dameta,

Escolher-me hum novillo,

O mais galante, e tenro,

De quantos o curral provido guarda.

Pe-

Pela estrada mais breve lá do
Ao Templo me conduz, onde

TITYRO.

E leva-me tambem, Dameta
Do rebanho hum cabrito.

DAMETA.

A fazer tudo parto.

TITYRO.

Este sonho, Montano,
Queira a bondade dos supremos
Te seja favoravel, como espe
Eu bem sei, bem conheço
Quanto a imagem d'hum filho,
Podes feliz julgar visão celeste

SCENA V

SATYRO.

BEm como o gelo á planta, a c
Saraiva ao trigo, vermes
Os laços aos veados, visgo á
Assim foi sempre amor contra
» Quem fogo o appellidou, b
» A sua má, traidora natureza
Porque se o fogo vemos, quan
Mas tocado, quanto he cruel
Mais espantoso monstro não f
Como fera devora; como fer
Fere, e traspassa; e como ver
Onde elle firma o pé imperio

Não ha força, ou poder, que lhe resista.
 Não d'outra sorte amor, que retratado
 N' huns olhos bellos, n' huma trança loura,
 Quanto agradavel he! Como parece
 Inspirar gostos, prometter deícanço!
 Porém se a amor te chegas, se o provocas;
 Se elle rojando cresce, e forças tóma,
 Não ha na Hircania tigre, nem na Libia
 Leão tão fero, tão mortal serpente,
 Que iguale, ou vença amor na crueldade.
 He mais cruel, que a morte, mais que o
 Averno;

Contrario á compaixão, ministro de ira,
 E amor em fim d' amor destituído.
 Porém que digo? Porque amor crimino?
 Tem elle acaso a culpa de que o mundo
 Amando não, mas delirando pecca?
 Oh feminil perfidia, a ti se impute
 A culpa toda d' amorosa infamia.
 Quanta maldade, quanta tyrannia
 Amor incerra, só de ti procede.
 Elle por natureza he doce, e brando;
 Mas contigo a bondade logo perde.
 Os caminhos, por onde amor costuma
 Entrar no peito, ao coração passar-se,
 Prompta lhe fechas; sendo o teu cuidado,
 A tua ostentação, triunfo, e gloria
 Com apparentes mimos aninhallo
 Na superficie d' hum pintado rosto.
 Teus trabalhos não são guardar fé pura

D

A'

A' fé de quem te adora ; a pri
Disputar na paixão , com quem
E que em duas vontades , em
Haja hum só coração , huma f
Mas são dourar os teus cabell
Voltar alguns em mil anneis to
Aquelles enredar com flores , p
Destes redes tecer , onde se pr
Os corações de mil nescios am
Que cousa mais indigna , e asq
Que ver-te c' hum pincel untar
Para encubrir da natureza as f
E os defeitos do tempo ? Ver
Que o denegrido pállido semb
De púrpura pareça ? Como aliz
A pélle encarquilhada , e bran
A negra côr , tirando , ou aug
Defeitos com defeitos ? Muitas
Encruzas huma linha , e n' hum
Ferras os dentes , sustentando
Na mão esquerda , co' a direita
Gyrante laço , que apertando ,
Bem como huma tisoura , he l
Na desigual lanuginosa testa ,
E cortas a penugem , arrancan
Cabellos temerarios , mal cresc
Com dores taes , que he penit
Mas isto ainda he nada : tanto
Os vicios , e os costumes se a
Que tens tu , que não seja fing

» Tudo espera de ti; e bem qu
 » Te despreza mortal, de ti se
 » Que ella por seu valor, ser ta
 » Qual tu a finges por vileza tu
 De que te serve pois tanta baix
 Tantos suspiros, súplicas, e p
 Destas armas usar sómente deve
 Meninos, e mulheres; e ainda
 No peito fortaleza os homens n
 Tambem julgava hum tempo, c
 Com prantos, e gemidos se ex
 No peito feminino d'amor a cha
 Hoje conheço o erro; porque t
 Hum coração de rija pederneira
 Em vão he trabalhar, que o le
 Dos suspiros, com que ferillo i
 Ou ainda as ternas lagrimas qu
 Não podem excitar-lhe ardente
 Nem huma só particula de lume
 Sem que forçada, e que ferida
 Com rigido fuzil a dura pedra.
 Deixa pois de chorar, deixa os
 Se o objecto amado conseguir d
 Se o fogo, em que inflammas, não
 No centro do teu peito, quanto
 Prende a paixão; depois conform
 Faze o que ensina amor, e a na
 » Pois já que entre as mulheres
 » He virtude exterior, defeito he
 » Com modestia tratallas; aborr

- » Que a modestia apparente , que practição ,
- » Seja exemplo aos amantes ; sim pertendem
- » Que elles a veção , mas a não pratiquem.

Com esta justa Lei da natureza

Felizmente amarás , segundo entendo.

Não me verá Corisca , ou ha de achar-me ,

Já mais hum terno amante , serei antes

Inimigo feroz : será com armas

Não proprias de mulher , mas d' homem forte,

Ferida , e traspassada. Duas vezes

Prendido tenho esta malvada , e sempre

Não sei como das mãos me tem fugido.

Mas se cahir terceira vez no laço ,

Huma nova prizão tenho ideado ,

Que mais não fugirá. Ella costuma

Muitas vezes vagar por estes bosques.

Vou ver se acaso posso descubrilla ,

Bem como astuto galgo , pelo faro.

Oh que vingança tomarei , se a prendo !

Oh que estrago ! Farei que ella conheça ,

Que o cego hum tempo , em outro os olhos

abre ;

E que por longo espaço não se póde

Vangloriar de sua aleivosia

Huma mulher sem fé , traidora , impia.

Co-

Oh no peito de Jove alta, e p
 Lei escrita, ou gerada,
 Cuja força agradavel, e benign
 Para esse Bem, que não conhe
 Toda a cousa creada,
 A natureza, e os animos incli
 Não he a causa indigna,
 Que a cada instante nasce, e q
 E apenas se conhece;
 Mas tudo a occulta origem cau
 Que he de eterno valor, move
 Se o mundo he fertil, produz
 Se maravilhas fórma,
 Se em quanto aquece o Sol com o
 Vasta Lua, Titaneas Estrellas,
 Vive espirito, que infórma
 Com força varonil a mole imr
 Se a prole humana extensa
 Se faz; as plantas, e animaes
 Se a terra está florída,
 Ou se branqueja na enrugada
 Vem dessa viva, e sempiterna
 Não só isto, mas quanto a
 Sobre os mortaes derrama;
 Onde a estrella da boa, ou má
 Cá debaixo se mostra ou manf
 Onde da vida a chamma
 Vê quando nasce, o termo, q

Quem faz a creatura
Quieta nas paixões, ou perturbada,
Quem tira a forte dada,
Não são as causas, com que o mundo mede,
Do teu alto valor tudo procede.

Oh verdadeira voz inevitavel,
Se tu tens concebido
Que viva a Arcadia, e tenha paz hum dia;
Depois de tanto estrago miseravel;
Se tens introduzido
Nos Oraculos certa a profecia
Da fatal harmonia
Destas nupcias; se está no eterno Fado
Assim determinado;
Se verdadeiros são os vaticinios;
Ah! quem retarda ainda os teus designios!

Hum mancebo eis-aqui duro inimigo
D' amor, e piedade,
Que provindo do Ceo, c' o Ceo contende,
Move hum peito, que traz em vão comfigo
A fé, e honestidade;
E contra o Ceo, com seu amor offende
A amante, que pertende,
Sem paga estar mais firme, e inflammada,
Quanto menos amada,
E a fer lhe vem fatal sua belleza,
Pois se destina ao mesmo, que a despreza.

Dentro em si mesmo assim se despedaça
Esse eterno Poder?

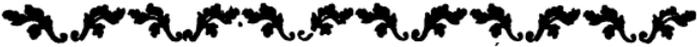
E lucta c' hum Destino outro Destino?

Ou

Ou pouco castigada a humana
 Nova guerra fazer
 Loucamente pertende ao Ceo
 Rebelde o mundo indigno
 Torna de novo a armar ímpio
 Amantes, não amantes?
 Dous cégos, quaes amor, e o
 Poderão triunfar do Reino sant

Mas tu, que reges muito al
 Assima das Esferas,
 Como sabio motor do Olympo
 Olha te imploro, o nosso ince
 Une co' as Parcas feras
 Amor, e odio; com paterno z
 Tempera a chamma, e o gelo
 Quem deve amar, não fuja, an
 E quem foge, não ame;
 Não queiras que huma cega im
 Nos roube a promettida liberda

Mas quem sabe se aquella,
 Que parece infallivel amargura
 Será feliz ventura?
 » Oh quão pouco a mente huma
 » Nunca vista mortal no Sol de



ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

ERGASTO, MIRTILLO.

ERGASTO.

OH quanto andado tenho ! Ha longo tempo
 Que te procuro. Fui ao rio , ao monte ,
 Ao prado , ao curro , á palestra , á fonte.
 Graças ao Ceo ! Em fim aqui te encontro !

MIRTILLO.

Que novas tens , Ergasto ,
 De tanta pressa dignas , vida , ou morte ?

ERGASTO.

Esta , quando a tivesse , não te dera ;
 Aquella não a tendo , espero dar-te.
 Mas tu cruel não cedas aos pezares.
 Vence-te a ti primeiro , se desejas
 Dos outros triunfar. Vive : respira
 Alguma vez... Mas vou dizer-te a causa
 De buscar-te com tanta pressa : escuta :
 Conheces tu (mas quem a não conhece)
 A irmã d' Ormino ? Ella he d' huma estatura
 Mais alta , do que baixa , alegre rosto ,
 Cabello louro , rubicunda hum tanto ?

MIR-

MIRTILLO.

O seu nome?

ERGASTO.

Corisca.

MIRTILLO.

Sim conheço ;

Conheço-a muito bem ; e varias vezes
 Já tambem lhe fallei.

ERGASTO.

Pois sabe, que ella

D'hum certo tempo avante (que ventura !)
 Não fei com que motivo , ou privilegio ,
 He da bella Amarille companheira.

Já della confiei os teus amores.

Já lhe mostrei o quanto precisavas
 De seu favor occulto : promptamente
 Sérvir-nos prometteo , guardar segredo.

MIRTILLO.

Se he certo quanto dizes ,

Oh mil , mil vezes mais , do que outro amante
 Venturoso Mirtillo ! E não te disse ,
 Quaes os meios serião ?

ERGASTO.

Não ; não disse.

Eis-aqui a razão. Corisca affirma ,
 Que inda não pode bem traçar os meios ,
 Sem que primeiro com certeza saiba
 Do teu amor a causa ; donde possa
 Melhor esquadrinhar , e mais segura
 O animo da Ninfa , e resolver-se,

Se

Se deve usar de rogos, se de enganos;
O que intentar, e o que deixar convenha.
Esta a pressa que tinha de buscar-te.
E bom será, que tu desde o principio
Do teu amor a historia me refiras.

MIRTILLO.

Affim farei: mas sabe, Ergasto, que essa
Lembrança (ah! muito triste
Para quem desta sorte amando vive
Sem esperança alguma!)
He ao vento agitar a facha acceza,
Onde o incendio sempre
Tanto se augmenta, quanto
As agitadas chammas a consomem:
Ou abalar a setta penetrante
Fundamente cravada,
Fazendo a dor maior, maior a chaga,
Quando arrancar-se intenta.
Vou com tudo dizer-te, o que bem claro
Ha de mostrar-te, quanto a confiança
Dos amantes he vã; e quão suave
Tem amor a raiz, e o fruto amargo.
No lindo tempo, quando os dias crescem
Sobre as noites (agora faz hum anno)
Aquella tão formosa peregrina,
Novo Sol de belleza,
Qual outra Primavera,
Ornou co'a sua vista a minha patria,
Affortunado ninho, Elide e Piza.
A Mãe a conduzia

Nes-

Nesses solemnes dias, quando a Jove
 Costumão celebrar-se
 Sacrificios, e jogos tão famosos,
 Porque seus lindos olhos
 Vissem hum espectáculo tão raro.
 Mas esses lindos olhos á minha alma
 Forão da mesma sorte
 D'amor hum espectáculo mais forte.
 Pois eu, que nesse tempo não sentia
 Inda amorosa chamma;
 Ai de mim! Nesse instante,
 Em que vi seu semblante,
 Me inflammei de improviso.
 Ao relance primeiro dos seus olhos,
 Que nos meus disparou, eu sem defeza
 Correr senti no peito
 Huma belleza, que de imperio cheia
 Dizer se me figura:
 Dá-me o teu coração, Mirtillo, dá-me.

ERGASTO.

Oh quanto póde amor em nossos peitos!
 Só quem o experimenta, bem conhece.

MIRTILLO.

E olha, quanto sabe industrioso
 Obrar em fracos peitos innocentes.
 A' minha amada irmã, que companheira
 Foi da Ninfa cruel nos poucos dias,
 Que ella se demorou na Elide e Piza,
 Minha paixão descubro.
 Só desta irmã, segundo amor me ensina,
Fiel

Fiel conselho piedoso amparo,
Necessitado espero.
Vestir ella me faz com lindo garbo
Seus feminis vestidos.
Meus cabellos com outros enxertando
Em tranças os reparte, e com mil flores
Minha cabeça adorna.
Hum arco, e huma aljava
Ao lado me suspende.
Mudar me ensina a falla, disfarçar-me,
Compôr meus olhos, o ar do meu semblante,
Que a mais leve penugem
De barba inda não tinha,
Sendo opportuno tempo,
Comsigo me conduz ao sitio, aonde
Passear costumava a Ninfa bella;
Onde achamos tambem algumas nobres,
E bem galantes virgens de Megára,
Segundo nos disserão,
Em sangue, e amor á minha Deosa unidas.
Esta, no meio dellas mais brilhava,
Qual brilha a nobre rosa
No meio das humildes violetas.
Depois que assim sentadas
Algun tempo estiverão,
Sem outro algum particular recreio,
Ergueo-se huma donzella
Das filhas de Megára, e assim nos disse:
Pois em tempo de jogos
Tão famosos, de tão illustres palmas,

Aca-

Acafo estar devemos ociofas ?
Tambem não temos armas ,
Com que finjamos innocentes lu
Bem como os homens fazem ? Ma
Se acafo o meu conselho vos ag
Por brinco hoje entre nós expr
As nossas armas , como
Em tempo proprio dellas contra
Devéras usaremos. .
Beijemo-nos , e vamos
Entreter-nos affim: a jogadora ,
A mais industriofa ,
Que dar fouber os ofculos mais
Terá em feu triunfo
Esta grinalda bella.
Rirão-fe todas á propofita , e tod
Depreffa concordarão.
Sem do jogo o fignal , fem fórm
Humaş ás outras logo em defafio
N' huma confufa guerra.
Vendo ifto então a Ninfa de Me
Primeiro regulou do jogo a fórm
Depois affim nos diffe :
Dos ofculos julgar só deve aquel
Que entre todas tiver boca mais
Concordemente todas
Votarão na belliffima Amarille :
Ella , os feus lindos olhos
Docemente inclinando ,
Toda córou de peijo , e de mod

Mostrando que a belleza da sua alma
Aos encantos do corpo não cedia;
Ou talvez que o seu rosto,
Invejando o louvor da honrada boca,
Tambem quizesse ornar-se
Com a purpurea côr dos lindos labios,
Como para dizer: Tambem sou bello.

ERGASTO.

Oh como a tempo em Ninfa te mudaste,
Amante venturoso,
Quasi agoureiro dos teus mesmos gostos!

MIRTILLO.

Já no amoroso officio começava
A Juiza bellissima sentada,
Quando por sorte cada Ninfa andava,
Segundo a ordem, e uso de Megára,
Fazendo com seus osculos, e labios
Expriencia naquella rara boca,
Que era a pedra do toque das doçuras;
Naquella tão gentil ditosa boca,
Que bem chamar-se póde
Indica concha de fragrante aroma,
De peregrinas perolas ornada,
Que tem na parte, aonde
Se fecha, e se abre, o singular thesouro
De doce mel, e purpura composto.
Assim, Ergasto meu, dizer pudesse
A ineffavel doçura dos seus labios.
Mas qual seria discurrer bem podes,
Pois dizer-te não sabe a mesma boca,
Que

Que pode experimentalla ; ajunta todas
 As doçuras , que tem de Chipre as canas ,
 Ou d' Hibla os favos todos ,
 Verás que tudo céde
 Ao goſto , que ſenti , ſuave goſto !

ERGASTO.

Doces oſculos ! Furto venturoſo !

MIRTILLO.

Doces ſim , mas não gratos ;
 Porque nelles faltava a melhor parte
 D' hum júbilo completo.
 Amor lhos dava , mas amor não davão.

ERGASTO.

Mas dize : Como te ſentiſte , quando
 Em ti cahio a forte de beijalla ?

MIRTILLO.

Neſtes labios , Ergaſto ,
 Toda a minha alma a apresentar-ſe voa.
 Minha vida encerrada
 Em tão pequeno eſpaço
 Não ſer mais , do que hum oſculo julgava.
 Do corpo os fracos membros
 Sem fortaleza , tremulos ficarão.
 Chegando áqueiles olhos ,
 Que tanto rutilavão ,
 Bem como , ſe ſoubefſem ,
 Que era aleivofa a acção , engano , e furto ,
 Temi do ſeu ſemblante a mageſtade.
 Animado depois d' hum brando riſo ,
 Sereno , e amorfo ,

Avan-

Avancei-me adiante.

Amor estava, Ergasto,

Qual abelha, nas duas frescas rosas

Dos seus labios occulto.

No tempo, em que ella esteve

Immovel, opprimida,

Co' a boca á minha unida,

Julguei provar melliflua doçura.

Quando porém me fez a doce offerta

Dos seus labios, quaes duas frescas rosas,

(Ou fosse graça sua, ou dita minha:

Não foi amor por certo)

Nossos labios tiveram

Hum sonoro encontro (oh preciosa

Querida prenda minha, meu soccorro,

Eu te perco, e não morro!)

Então senti dessa amorosa abelha

A pungente suave mordedura

Passar-me o coração; talvez que fosse

Rendido então para melhor ferillo.

Eu pois que me julguei ferido á morte,

Como desesperado,

Pouco faltou, que os labios homicidas

Não mordesse, e deixasse

Hum signal de vingança.

Mas ai de mim! Huma aura tão fragrante,

Que figurava espirito divino,

Despertando a modestia,

Ao meu furor poz termo.

E

ER-

ERGA STO.

O' modestia, modestia
 Importuna aos amantes!

MIRTILLO.

Já cada qual põe fim ao seu combate;
 Com grande suspensão d' animo todas
 A sentença esperavão;
 Quando logo a bellissima Amarille
 Meus osculos julgando,
 Que os outros todos, mais deliciosos;
 A vistosa capella,
 A' vencedora em premio destinada,
 Co' a propria mão cingio na minha frente.
 Mas ai de mim! As praias defabridas
 Já mais se inflammão tanto pela raiva
 Do cão celeste, quando ladra, e morde,
 Quanto o meu peito ardia
 Cheio de gostos, de doçuras cheio,
 E na mesma victoria mais vencido.
 Mas tive acordo tanto,
 Que arrancando da minha testa a croa,
 Na sua a puz, dizendo:
 Ella he tua; sómente a ti compete,
 Que em meus labios fizeste
 Os meus osculos gratos.
 Benigna a recebeo, croou com ella
 A formosa madeixa;
 E com outra, que dantes
 Sua testa adornava, a minha adorna.
 He esta, que conservo,

E

E pertendo levar comigo á cova,
 Secca assim como vês, para memoria
 Daquelle feliz dia,
 Ou antes em lembrança
 Da minha morta inutil esperanza.

ERGASTO.

Mais compaixão excitas, do que inveja,
 Mirtillo, ou novo Tántalo te chamo.
 » Quem no jogo d' amor entra brincando,
 » Realmente padece. As tuas glorias
 Mui caro te custarão. Do teu furto
 Prazer, e pena a hum tempo recebeste,
 Mas soube a Ninfa acaso desse engano?

MIRTILLO.

Não sei dizer-te, Ergasto,
 Só sei, que nesses dias,
 Em que com sua vista honrou Elide,
 Cortejos me fazia
 Com amorosos olhos, com ternura.
 Porém meu Fado impío
 Roubou-a tanto á pressa,
 Que da ausencia não sube. Então deixando
 Quanto ser-me podia mais amavel,
 Trazido pela força dos seus olhos,
 Aqui cheguei, aonde
 Meu Pai conserva ainda, como sabes,
 Huma pobre choupana ha tantos annos.
 Porém triste de mim! Que vi turbar-se
 Em sempiterno Occaso
 Aquelle meu sereno amante dia,

E ii

Que

Que raiava com tão brilhante Aurora!
Seus olhos pondo em mim a vez primeira,
Furores rutilarão,
E abaixando o relance, foi-se avante.
Logo exclamei: Oh triste!
Certos são os signaes da minha morte!
Entretanto meu Pai sentido havia
Amargamente a minha não pensada
Repentina partida;
De dores opprimido
Cahio enfermo, bem vizinho á morte.
Fui por isso obrigado
A voltar outra vez aos patrios lares.
Mas ai de mim! Causou a minha volta
Saude ao Pai, enfermidade ao filho!
Entrando a arder n'hum amorosa febre,
Desfaleceo meu corpo em poucos dias.
Na sahida, que fez o Sol de Tauro,
Até entrar em Capricornio, sempre
Me conservei em tão penoso estado.
E nelle inda estaria,
Se meu Pai compassivo não buscasse
Do Oraculo indagar remedio prompto.
Este pois respondeo, que só podia
Sara-me o Ceo da Arcadia.
Assim tornei, Ergasto, a ver aquella,
(Oh! de Oraculos vozes enganosas!)
Que meu corpo farou, porque ficasse
Esta minha alma eternamente enferma.

ER-

ERGASTO.

Mirtillo, estranho caso

Por certo me referes.

De muita compaixão te fazes digno.

» Mas d'hum desesperado he só remedio

» Não perder do remedio as esperanças.

He tempo de ausentar-me: e já Corisca

Vou sciente fazer de quanto dizes.

Tu vai á fonte, e lá me espera; aonde

Mais breve que puder, serei contigo.

MIRTILLO.

Vai felizmente; e tanta piedade,

Ergasto amigo, os Ceos queirão pagar-te

Co'aquelle premio, que eu não posso dar-te.

S C E N A II.

*DORINDA, LUPINO, SILVIO.**DORINDA.*

OH! do meu bello, e deshumano Silvio
Fiel cuidado, gosto venturoso!

A teu cruel senhor tão grata eu fosse,

Quanto tu es, melampo! Elle com suas

Candidas mãos, que o coração me apertão,

Docemente te affaga, te alimenta,

E contigo repousa noite e dia;

Em quanto eu, que o adoro, em vão suspiro,

Em vão lhe rogo; e o que mais sinto, he dar-te

Huns osculos tão gratos, tão suaves,

Que

Que a fazer-me feliz hum só bastava.
 E já que mais não posso, a ti só beijo,
 Melampo affortunado! Mas se acaso
 D' amor benigna estrella a mim te envia,
 Porque delle as pégadas me descubras,
 Vamos aonde a ambos nos inclina,
 A mim amor, a ti a natureza. . . .
 Mas não ouço soar por estes bosques
 Huma buzina?

SILVIO.

Tó, melampo, tó.

DORINDA.

Senão me engana amor, a voz escuto
 Do bello Silvio meu, que nestes bosques
 Anda o seu cão chamando.

SILVIO.

Tó, melampo, tó, tó.

DORINDA.

Por certo he sua a voz. Feliz Dorinda!
 O Ceo te manda o bem, que tu procuras.
 Quero esconder-lhe o cão; por este meio
 Talvez farei do seu amor conquista.
 Lupino!

LUPINO.

Aqui estou.

DORINDA.

Naquella mouta
 Te esconde com este cão. Tu ouves?

LUPINO.

Ouço.
 Do-

DORINDA.

Dalli não faias, que eu te chame, espera.

LUPINO.

Assim farei.

DORINDA.

Avia-te de pressa.

LUPINO.

E tu chama-me logo;

Pois se acaso der fome neste bruto,

Temo que d'hum só trago me devore.

DORINDA.

Ah que de pouco prestas! Anda, avia.

SILVIO.

Triste de mim! Aonde, aonde devo

Meus passos dirigir para encontrar-te,

O' meu fiel melampo? Estou cansado

De ter em vão corrido o monte, e o valle.

Maldita seja a fera, que seguiu-te.

Mas diviso huma Ninfa. Talvez delle

Noticia me dará. (Penoso encontro!

Esta he a mesma, que sempre me aborrece.

Mas preciso soffrella.) O' bella Ninfa,

Acaso viste o meu fiel melampo,

Que inda ha pouco affulei a huma corça?

DORINDA.

Eu bella, Silvio? Eu bella?

Bella, porque me chamas,

Se tal não fou, cruel, para os teus olhos?

SILVIO.

Enorme, ou bella, o cão se viste, dize.

A

A isto me responde, ou eu me ausento.

DORINDA.

Tanta aspereza a quem te adora, Silvio?

Em tão formoso aspecto quem creia

Houvesse tyrannia?

Tu segues pelos bosques,

Pelos alpestres montes,

Huma fera, que foge, e atrás dos rastros

Do teu cão te affadigas, te consumes;

E a mim, que te amo tanto, me desprezas.

Ah! não sigas a corça fugitiva;

Segue huma mansa, e amorosa corça,

Que não sendo caçada,

Tens já preza, e ligada.

SILVIO.

Buscar melampo, Ninfa, aqui só venho,

E não perder o tempo. A Deos.

DORINDA.

Ah! Silvio

Cruel, de mim não fujas;

Que eu te darei do teu melampo novas.

SILVIO.

Zombas de mim, Dorinda?

DORINDA.

Não, meu Silvio.

Pelo amor, que me faz ser tua serva,

Que delle sei te affirmo.

Contra huma corça ha pouca o não soltaste?

SILVIO.

Soltei-o; mas depois perdi-lhe o tino.

Do-

DORINDA.

Pois cão, e corça em meu poder confervo.

SILVIO.

Em teu poder?

DORINDA.

Em meu poder. Tens pena
De que os possuia quem te adora, ingrato?

SILVIO.

Minha amada Dorinda, avia, dá-me....

DORINDA.

Olha, inconstante, a qual desgraça chego;
Que huma fera, e hum cão somente podem
De ti fazer-me amada.

Mas olha, meu amor, eu nada entrego
Sem recompensa.

SILVIO.

E tens razão; convenho.

(Quero della zombar.)

DORINDA.

E qual he o premio?

SILVIO.

Dous pomos excellentes, que antes d'hontem
Minha querida Mãi me deo benigna.

DORINDA.

Ah! pomos não me faltão. Eu pudera,
Se tu minhas offertas estimasses,
Offerecer-te d'outros, que te fossem
Talvez mais faborosos.

SILVIO.

Pois que queres?

Ca-

Cabrito, ou cordeirinha? Mas ainda
Para tanto não dá meu Pai licença.

DORINDA.

Não quero os teus cabritos, nem cordeiros.
O teu amor, a ti sómente quero.

SILVIO.

Só queres meu amor? Mais nada?

DORINDA.

Nada.

SILVIO.

Pois todo seja teu. Agora dá-me,
Bella Ninfa, o meu cão, e a minha corça.

DORINDA.

Ah! Se o valor soubesses
Do thesouro, que liberal me offreces!
Se á lingua o coração correspondesse!

SILVIO.

Escuta, bella Ninfa, tu te lembras
Sempre d' hum certo amor, em que me fallas,
Que eu ignoro. Tu queres ser amada:
Eu te amo quanto entendo, e quanto posso.
Dizes que sou cruel: não sei que seja
Crueldade, nem sei que mais te faça.

DORINDA.

Oh! misera Dorinda! Onde puzeste
O teu socorro? As tuas esperanças?
N' huma belleza, que não sente ainda
O fogo, em que se abração os amantes.
Amoroso mancebo,
Tu para mim es fogo, e tu não ardes;

Tu,

Tu, que me influes amor, amor não sentes.
 Sim, tens humana fôrma; mas eu creio,
 Que só te deo á luz debaixo della
 Essa Deosa gentil, que Chipre adora.
 Tens settas, e tens chammas;
 Diga o meu peito ardente, e traspassado:
 Põe nos teus hombros azas,
 Serás novo Cupido.
 Se tens hum coração de gelo feito,
 Para amor só te falta amor no peito.

SILVIO.

Dize, que amor he esse?

DORINDA.

Se ólho para o teu rosto,
 Amor he hum doce gosto;
 Se attendo ao meu lamento,
 He infernal tormento.

SILVIO.

Basta, Ninfa; o meu cão quero me entregues.

DORINDA.

Dá-me primeiro o amor, que prometteste.

SILVIO.

Pois eu já te não dei? Quanto he penoso
 Satisfazella! Toma-o; livremente
 Delle dispõe; quem te prohibe, ou nega?
 Que mais queres? Que esperas?

DORINDA.

Perdes o fruto, perdes o trabalho,
 Dorinda desgraçada!

SIL-

SILVIO.

Que fazes? Em que pensas? Porqu

DORINDA.

Recebendo de mim quanto desejas

Então me fugirás, perfido Silvio.

SILVIO.

Não fujo, bella Ninfa.

DORINDA.

Dá-me hum penhor.

SILVIO.

E que penhor p

DORINDA.

Ah! que dizer não ouso.

SILVIO.

Porque cau

DORINDA.

Porque vergonha tenho.

SILVIO.

Mas o pedes

DORINDA.

Quizera, sem fallar, que me entenc

*SILVIO.*Pois tu vergonha tens de proferillo,
E não de recebello?*DORINDA.*

Se promettes,

Que has dar-mo, direi então.

SILVIO.

Promett

Mas que me digas, quero.

DORINDA.

Ah! não me entendes,
Silvio, meu bêm? Se tanto me expressasses
Serias entendido.

SILVIO.

Na verdade
Es mais fagaz do que eu.

DORINDA.

Sou mais amante,
Menos cruel eu fou.

SILVIO.

Mas eu te affirmo,
Não fei adivinhar. Falla, se queres
Ser entendida.

DORINDA.

Oh! triste! Dessão coufas,
Que tua Mãi costuma ás vezes dar-te.

SILVIO.

Alguma bofetada?

DORINDA.

Bofetada!
Em quem te adora, Silvio?

SILVIO.

Muitas vezes
Ella me faz tambem dessão affagos.

DORINDA.

Sei que assim não succede. E não costuma
Beijar-te algumas vezes?

SILVIO.

Nem me beija,
Nem

Nem quer que os mais me beije
 Será esse o penhor, que tu perte
 Não respondes? O pejo te cond
 Por certo adivinhei: convenho n
 Mas primeiro has de dar-me o cão,

DORINDA.

E tu promettes, Silvio?

SILVIO.

Sim, prom

DORINDA.

E não has de fugir-me!

SILVIO.

Não: já di

Não me atormentes mais.

DORINDA.

Vem cá,

Lupino! inda não ouves?

LUPINO.

Oh maldi

Quem me chama? Já vou... Eu não d
 O cão he quem dormia...

DORINDA.

Ahi tens, d

O cão, que mais benigno veio a es

SILVIO.

Oh! quanto estou contente!

DORINDA.

A estes

Que tu desprezas, procurar descança

SILVIO.

Oh meu querido, meu fiel melampo!

DORINDA.

Meu affago estimando, meus suspiros...

SILVIO.

Eu te quero beijar milhões de vezes.

Algum desar tiveste na corrida?

DORINDA.

Ditoso cão, porque trocar não posso

Comtigo a minha sorte! A tanto chego,

Que até d'hum cão o zelo me devora!

Mas tu, Lupino, para a caça parte,

Que eu já também te figo.

LUPINO.

Eu vou, Senhora.

S C E N A III.

*SILVIO, DORINDA.**SILVIO.***I**llefo em fim tornaste... Mas agora,
Aonde a corça está, que prometteste?*DORINDA.*

Dize-me como a queres, viva, ou morta?

SILVIO.

Entender-te não fei. Como he possível

Viva esteja, se pelo cão foi morta?

DORINDA.

Porém se morta pelo cão não fosse?

SIL-

SILVIO.

Pois inda vive?

DORINDA.

Vive.

SILVIO.

Melhor preza será, mais estimava
 E teve o meu melampo astucia ta
 Que a pode subjugar, deixando-a

DORINDA.

Ferio-lhe o coração huma só unha

SILVIO.

Zombas de mim, Dorinda, ou es
 Póde viver no coração ferida?

DORINDA.

A corça, de que trato,
 Sou eu, ó Silvio ingrato:
 Sem ser por ti seguida,
 Preza estou, e vencida;
 Viva, se amor conforta,
 Se elle me falta, morta.

SILVIO.

He esta aquella corça, aquella pre
 De que ha pouco fallavas?

DORINDA.

Sim, he esta: ai de mim! Porque te
 Não folgas mais ter Ninfas, do q

SILVIO.

Não te estimo, nem tenho amor,
 Vil, enorme, importuna, e menti

DORINDA.

Hé este o galardão, he esta a paga,
Que tu cruel me dás, ingrato Silvio?
Leva o teu cão de graça, e a mim com elle,
Que tudo te perdoo; mas com tanto,
Que tornes outra vez; e não me negues
A luz desses teus olhos. Companheira
Mais fiel, do que teu fiel melampo,
Hei de seguir-te; e quando tu cançares;
Enxugarei teu rosto;
Virás a ter descanso
Sobre este lado, que por ti não pouça.
Eu farei quem as armas te carregue,
Quem te carregue a caça.
Se pelos bosques te faltarem feras,
Dorinda ferirás. Sempre em meu peito
Ter exercicio podem tuas settas;
Aquellas mesmas settas,
Que eu hei de carregar, como criada,
E sentir, como preza:
Dellas alvo farei, farei a aljava.
Mas ai de mim! a quem dirijo as vozes?
A ti, que não me escutas, que fugiste!
Mas foge, que Dorinda ha de seguir-te,
Até ao mesmo inferno, se he que inferno
Ter posto mais violento,
Do que a tua fereza, e o meu tormento.

F

SCE

S C E N A IV.

CORISCA.

OH! quanto além das minhas esperanças
 Favorece a fortuna aos meus intentos!
 Mas ella tem razão de ser propicia
 A quem não dorme em supplicar-lhe as graças.
 » He grande o seu poder: com justa causa
 » Lhe chama o mundo Deosa poderosa.
 » Mas buscalla he preciso, e com affagos
 » Expôr-lhe a rogativa. Os preguiçosos
 » Raras vezes serão affortunados.
 Se eu não foubesse a caso por industria
 D' Amarille fazer-me companheira,
 Quem segurar-me agora poderia
 Tão bella occasião de ver completas
 Minhas idéas todas? Qualquer outra
 Louçamente haveria já fugido
 Dessa rival, mostrando no semblante
 Do seu ciume indicios manifestos,
 E dando-lhe quebranto com máos olhos.
 » Teria obrado mal: melhor se evita
 » O inimigo patente, do que o occulto.
 » Os cachópos nas ondas encubertos
 » Aquelles são, que com frequencia enganão
 » Aos mais experimentados marinheiros.
 » Duro inimigo ser não póde aquelle,
 » Que fingir-se não sabe hum bom amigo.
 Hoje pois se verá, quanto Corisca

Se

Se atreve a executar. Não sou tão nescia
 Para crer, que Amarille amor não sente.
 Que ella possa enganar, eu não duvido,
 Qualquer outra, que pouco experta fosse,
 Não a mim, que sou já desta arte mestra.
 Huma simples menina, huma innocente,
 Que apenas sahe das fachas, em quem d'antes
 Póde amor instillar suas doçuras,
 Longamente seguida, e namorada
 D'hum amante gentil; e o que he mais duro;
 Unirão, reunirão já seus labios,
 Acaço póde resistir constante?
 Bem louco he quem o cré: eu tal não creio.
 Oh quanto o meu destino me soccorre!..
 Chega Amarille: que a não vejo, faço,
 E por hum pouco a retirar-me passo.

S C E N A V.

*AMARILLE, CORISCA.**AMARILLE.*

GRatos felices bosques,
 Vós, desertos, horrores taciturnos,
 Que sois da paz morada verdadeira,
 Oh! quanto voluntaria a ver vos torno!
 Se as estrellas me houvessem dado em forte
 Huma vida conforme aos meus desejos,
 Esta agradavel sombra não trocára
 Pelos Elysijs campos;

F ii

Ven-

Venturoso jardim dos Semi-Deoses.

- » Pois se attenta reflecto,
- » Não são os bens humanos,
- » Mais, que males tyrannos, (bre,
- » Que menos soffre aquelle, que he mais po-
- » E he mais feliz quem menos os possue,
- » Riquezas não, mas laços
- » Da liberdade alheia.
- » Que importa em verdes annos
- » Titulo de belleza,
- » D'honestidade fama,
- » E nas veias mortaes celeste sangue;
- » Do Ceo, da terra tantos beneficios;
- » Aqui vastas campinas,
- » Além floridos montes,
- » Fecundos pastos, mais fecundo gado;
- » Se afflicto o coração pezares sente,
- » E nunca em tantos bens vive contente?

Feliz a Pastorinha,

Cuja cintura cinge

Pobre, mas limpa saia!

Rica só de si mesma,

Com as graças da natureza ornada!

Que na doce pobreza

Pobreza não conhece, nem supporta

Os damnos da riqueza;

No mesmo que possue,

Os vis desejos d'adquirir não sente:

Pobre sim, mas contente.

C'os dons da natureza

O

Os dons da natureza em si sustenta:
A sua côr de leite o leite aviva,
E c' o mel das abelhas
Adoça o mel das naturaes doçuras.
Co' a fonte, onde ella bebe, onde se banha,
Sómente se aconselha;
E pago o mundo, vive satisfeita.
Em vão se cubra o Ceo de negras nuvens,
E se arme de geadas,
Que na sua pobreza nada sente:
Pobre sim, mas contente.
Só tem no coração, de sustos livre,
Hum unico cuidado.
Em quanto a verde relva pasta o gado,
Que lhe foi commettido, ella apascenta
C' os lindos olhos o pastor amante,
Não qual lhe destinárão
Os homens, as estrellas,
Mas qual amor destina;
E entre as sombrias murtas,
Seu estimado adorno,
Namorada o namora; nem por elle
Sente fogo d' amor, que não lhe mostre;
Nem mostra ardor diverso, do que sente:
Pobre sim, mas contente.
Oh! verdadeira vida. Ella não sabe
Morrer antes da morte;
Quem pudera trocar contigo a forte!
Mas vejo além Corisca. O Ceo te guarde,
Bellissima Corisca.

Co-

CORISCA.

Quem me cha

Minha amada Amarille dos m
 A quem estimo mais, que a p
 Para onde solitaria te encaminh

AMARILLE.

Para este mesmo sitio, em que m
 Ir a outro melhor não poderia
 Pois neste só te vejo.

CORISCA.

Na verda

Minha Amarille, encontras que
 Separar-se de ti já mais. Agora
 Em ti mesma pensando estava,
 Só do meu coração assim dizia
 Se eu a sua alma fou, como he
 Estar sem mim por tanto tempo
 Chegaste tu, meu bem. Mas já
 Que possas inda amar tua Coris

AMARILLE.

Porque o dizes?

CORISCA.

Porque? E me

Tu hoje esposa...

AMARILLE.

Esposa!

CORISCA.

Sim, e

E nada me dizias!

AMARILLE.

Por ventura

Dizer-te posso quanto eu mesma ignoro?

CORISCA.

Tu disfarças ainda? Ainda o negas?

AMARILLE.

Zombas de mim?

CORISCA.

De mim he que tu zombas.

AMARILLE.

E por certa me dás essa noticia?

CORISCA.

E te juro tambem: pois nada sabes?

AMARILLE.

Só fei que fui esposa promettida;

Mas ignoro, que estejam minhas nupcias

Tão proximas. E tu a quem o ouviste?

CORISCA.

A Ormino, meu irmão, que a muita gente

Assim ouvio dizer; e não se falla

Por ora n'outra coufa. Tu te affustas?

Causar não póde esta noticia sustos.

AMARILLE.

Corisca, he grande lance; e nesse dia,

Me disse minha mãe se renascia.

CORISCA.

Se renasce por certo a melhor vida.

Mas isso mesmo de alegrar-te he causa.

Porque suspiras? Suspirar só deixa

A'quelle desgraçado.

AMA-

AMARILLE.

De quem fallas?

CORISCA.

De Mirtillo, que estava á vista, quando
 De meu irmão ouvi esta noticia;
 Quasi que o vimos estalar de pena.
 Certamente morria aos nossos olhos,
 Se eu não o soccorresse, prometendo
 Embaraçar as nupcias; e supposto
 Que só para animallo, assim disiesse,
 Serei mulher capaz de executallo.

AMARILLE.

Tens valor para tanto?

CORISCA.

E porque modo?

AMARILLE,

De que fórma o farás?

CORISCA.

Bem facilmente:

Basta que te disponhas, e consintas.

AMARILLE.

Se eu esperasse tanto, ou tu me désses
 A tua fé em me guardar segredo,
 Te descobrira hum certo pensamento,
 Que escondido no peito ha muito trago,

CORISCA.

Ser eu traidora a ti? Abra-se a terra
 Primeiro, qual prodigio me devore.

AMARILLE.

Sabe, Corisca minha, quando penso,

Que

Que sujeitar-me devo a hum mancebo,
 Que se esquivava, e me odeava, sem mais gloria,
 Que os bosques; hum seu cão, huma só fera
 Antepondo ao amor de immensas Ninfas,
 Desesperada, e mal contente vivo.
 Não me atrevo porém a descobrir-me,
 Assim porque me prende a honestidade,
 Como porque meu Pai (e o que he mais forte)
 A grande Deosa já de mim tiverão
 A fé, que lhes jurei. Se tu pudesses,
 Salva com tudo a honra, a vida salva,
 Salva a Religião, e a honestidade,
 Romper desta cadeia tão pezada
 Os duros laços, hoje tu serias
 A minha salvação, a minha vida.

CORISCA.

Tens razão, Amarille, em teus lamentos.
 Ah! quantas vezes lastimando eu disse:
 Huma cousa tão bella a quem a engeita!
 Tão rica prenda a quem não a conhece!
 Mas fallando a verdade, es muito astuta,
 Ou mui simples talvez. Porque não fallas?
 Não fazes que te entendão?

AMARILLE.

Por vergonha.

CORISCA.

Grande molestia tens, menina. Eu antes
 Com febre estar quizera, estar damnada,
 Ou inda espiritada. Mas, menina,
 Fia-te em mim; teu mal terá remedio:

Baf-

Basta que huma só vez tu te resolves
A blasfemallo, e a querer vencello.

AMARILLE.

» O peijo, que imprimio a natureza,
» Não se póde vencer; pois quando intentes
» Do peito desterrallo, ao rosto foge.

CORISCA.

Quem, Amarille, quer mostrar prudencia,
Seu mal calando, em fim por louco he tido.
Se ha mais tempo me houvesse descuberto
Os teus intentos, em descanso estavas.

Verás quanto Corisca hoje executa.

Olha: em mãos mais fieis, e industriosas
Metter-te não podias. Dize agora:

Quando por arte minha, e meu trabalho,
D'hum máo marido fores libertada,
Não te debes prover d'hum bom amante?

AMARILLE.

Nisso depois melhor discorreremos.

CORISCA.

Ao teu fiel Mirtillo na verdade

Tu não debes faltar; e bem conheces,
Se existe hoje pastor, algum mais digno

Em belleza, em valor, em fé sincera,

Que mais, do que elle o teu amor mereça.

E tu morrer o deixas, que impiedade!

Sem que possa dizer-te ao menos: morro?

Ouve-o huma só vez.

AMARILLE.

Melhor lhe fora

Buf-

Buscar viver em paz; e que arrancasse
A raiz d'hum desejo, que he sem fruto.

CORISCA.

Antes que morra, dá-lhe esse conforto.

AMARILLE.

Antes creio será dobrar-lhe a pena.

CORISCA.

Por sua conta fique esse perigo.

AMARILLE.

E que ruina me aguarda, se o meu crime
Patente se fizer?

CORISCA.

Oh! quanto es fraca!

AMARILLE.

Seja embora; mas valha-me a innocencia.

CORISCA.

Amarille, se entendes que tu podes
Faltar-me ao que te peço, tambem posso
Justamente faltar-te. A Deos.

AMARILLE.

Corisca,

Não te ausentes, escuta.

CORISCA.

Huma palavra

Não quero ouvir-te mais, se não promettes.

AMARILLE.

Prometto sim de ouvilho; mas com tanto
Que não me obrigo a mais.

CORISCA.

Nem mais pertende.

AMA-

AMARILLE.

Que tu lhe faças crer, de nada sube.

CORISCA.

Persuadillo farei ser tudo acafo.

AMARILLE.

Não me impeça depois o retirar-me.

CORISCA.

Livramento o farás, depois d'ouvillo.

AMARILLE.

Que pouco se demore.

CORISCA.

Isto faremos.

*AMARILLE.*Que não se chegue a mim, que entre hum,
e outro

Fique a distancia deste meu cajado.

*CORISCA.*Que trabalho não he tirar-te agora
Tanta simplicidade! Excepto a lingua,
De forte lhe atarei os membros todos,
Que fallar-lhe tu possas bem segura.
Queres mais?*AMARILLE.*

Nada mais.

CORISCA.

Quando lhe fallas?

*AMARILLE.*A teu arbitrio deixo; mas com tanto,
Que tempo me concedas d'ir-me a casa
Melhor das minhas nupcias informar-me.

Co-

CORISCA.

Vai sim; mas olha: faze-o com cautella.
 Escuta agora o que me veio á idéa:
 Que pelo meio dia tu te achasses
 Aqui entre estas sombras, sem alguma
 Das tuas Ninfas. Eu para este effeito
 Cá tambem me acharei. Virão comigo
 Nerina, Aglaura, Fillide, e Licore,
 Minhas particulares companheiras
 De muita astucia, todas de segredo.
 Aqui com ellas, como tu costumás,
 Jogando *a Cabra cega* facilmente
 Mirtillo entenderá, que não por elle,
 Mas sim por teu recreio aqui chegaste.

AMARILLE.

Isso me agrada sim; mas não quizera
 Que essas Ninfas presentes estivessem
 A's vozes de Mirtillo: tu me entendes?

CORISCA.

Entendo, e advertes bem: terei cuidado
 Que tu não tenhas o mais leve susto,
 Fazendo-as retirar, quando for tempo.
 Vai pois; mas tu d'amar nunca te esqueças
 A tua constantissima Corisca.

AMARILLE.

Se em suas mãos meu coração entrego,
 Amar fazer-se póde a seu contento.

CORISCA.

Julgas que ella vai firme em seus intentos?
 Maior força precisa esta muralha.

Se

Se das minhas palavras aos affaltos
 Se póde defender, estou bem certa,
 Que ás vozes de Mirtillo não resiste.
 Bem fei d'hum terno amante, quanto os rogos
 No coração de huma menina podem.
 Se ella se reduzir, com tal partido
 Neste jogo, que não ferá de brinco,
 Bem preza ficará. Das suas vozes
 Hei de inferir, quaes sejam seus intentos,
 Chegando a penetrar, bem que não queira
 As íntimas entranhas da sua alma.
 Como a tenho na mão, e já fenhora
 Estou dos seus segredos, farei della
 Quanto quizer, e sem maior fadiga
 Poderei conduzilla ao fim, que intento ;
 De sorte que ella mesma facilmente
 Se possa persuadir, que a este engano
 Não fora por engenho meu levada,
 Mas por sua paixão desenfreada.

S C E N A V.

CORISCA, SATYRO.

A *CORISCA.*
 I de mim! que estou morta!

SATYRO.

E eu bem vivo.

CORISCA.

Torna, Amarille, torna, que estou preza.
 SA-

SATYRO.

Amarille não ouve; e tu focega:
 Não tens outro remedio.

CORISCA.

Ai meus cabellos!

SATYRO.

Ha tempos que te espredito na passagem.
 Cahiste em fim na rede; e isto agora,
 Menina, não he capa, he fim cabello.

CORISCA.

A mim, Satyro?

SATYRO.

A ti; não es aquella,
 Que hoje te exaltas tanto em ser famosa
 Mestre de imposturas; e que vendes
 Por alto preço falsas esperanças,
 Fingidas expressões, ternuras falsas?
 Que tens feito de mim ludibrio, e mófa,
 Armando-me traições por mil maneiras,
 Enganadora, e pessima Corisca?

CORISCA.

Corisca sou; mas já não sou aquella,
 Meu Satyro gentil, que em algum dia
 Foi aos teus olhos grata.

SATYRO.

Sim, malvada,
 Agora sou gentil? Gentil não era,
 Quando por Coridão tu me deixaste.

CORISCA.

A ti por outro?

SA-

SATYRO.

Escuta os teus

Altas proezas d'huma fé sincera
 E quando o arco a Lila, o lençol
 Os çapatos a Silvia, a roupa a
 Me induziste a roubar ; porque
 Fossem daquelle amor o justo premio
 Que então me prometteste, e a
 Quando aquella grinalda tão viçosa
 Que eu te havia offertado, a N.
 E quando na caverna, bosque,
 Me obrigaste a velar as frias noites
 Por zombares de mim? Então,
 Gentil não era? Agora, eu te sei
 Agora pagarás tantas offensas.

CORISCA.

Ai de mim! que me levas arrastado
 Bem como huma novilha.

SATYRO.

Bem o d.

Escapa-te, se podes. Já não temo
 Me fujas neste estado, que assim
 Enganos não te valem. Tu, malvado
 Escapar-me soubeste em outro tempo
 Mas agora de balde te affadigas.
 Das minhas mãos não sahes, salvo
 Deixares a cabeça.

CORISCA.

Ah! não me ne

Ao menos algum tempo, a fim que

Commodamente desculpar-me.

SATYRO.

Falla.

CORISCA.

Como queres que falle, estando preza?
Solta-me...

SATYRO.

Que? Soltar-te?

CORISCA.

Eu te prometto,

A minha fé te dou, fugir não quero.

SATYRO.

Que fé, mulher traidora? Inda te atreves
Fallar comigo em fé? Levar-te intento
A' mais feia caverna, á mais medonha
Daquelles montes, onde não penetrão
Raios do Sol, nem ha vestigio humano;
E sentirás o mais, que não te explico.
Farei com gosto meu, com tua affronta,
De ti aquelle estrago, que mereces.

CORISCA.

E tu podes, cruel, estes cabellos,
Que do teu coração já forão laços,
Esta face, que foi o teu deleite,
Esta tua Corisca em outro tempo
Amada mais que a vida, por quem doce
Juravas que o morrer inda te fora;
Podes tudo ultrajar? Oh Ceos! Oh sorte!
Eri quem me fiarei? A quem já devo,
Triste de mim! dar credito?

G

SA

SATYRO.

Malvada,

Penfas inda enganar-me? Inda me tentas
Com as tuas lisonjas, tuas artes?

CORISCA.

Ah! Satyro gentil, não mais offendas
A quem te adora. Tu não es ferino;
Não tens hum coração de pedra, ou bronze.
Eis-me-aqui a teus pés; se estou culpada,
Meu adorado bem, perdão te imploro.
Por estes teus nervosos, mais que humanos
Joelhos, que eu abraço, a que me humilho;
Por esse amor, que ha tempos me tiveste,
Por aquellas doçuras tão suaves,
Que tirar costumavas dos meus olhos,
Que chamavas então duas estrellas,
E agora duas fontes são de pranto;
Por estas tristes lagrimas te rogo,
Tem compaixão de mim, em paz me deixa.

SATYRO.

Compungio-me a traidora, e venceria,
Se en só do meu affecto me fiára.
Mas em fim não te creio; es perversa,
Mais enganas quem mais em ti confia.
Debaixo dessas súplicas humildes
Se esconde inda Corisca. Tu não podes
Mudar de natureza. Inda resistes?

CORISCA.

Ah tyranno! Ai de mim! Minha cabeça!
Espera mais hum pouco, e te supplico,
Que

Que hum só favor ao menos me concedas.

SATYRO.

Que pertendes?

CORISCA.

Que hum pouco só me attendas.

SATYRO.

Cuidas talvez me abrandão tuas vozes

Fingidas, os teus prantos estudados?

CORISCA.

Ah! Satyro benigno, e na verdade

Intentas maltratar-me?

SATYRO.

Vem comigo,

Então o saberás.

CORISCA.

Não ha piedade?

SATYRO.

Não ha piedade.

CORISCA.

A tanto estás disposto?

SATYRO.

Minha resolução está tomada.

Tens concluido já os teus encantos?

CORISCA.

O' villão, indiscreto, e importuno,

Meio homem, meio cabra, e todo besta;

Podre cadaver, fetida, e nefanda

Da natureza escoria; se tu pensas

Que não te quer Corisca, não te enganas.

Que queres que em ti ame? Esse focinho,

Essa esqualida barba? Essas
Esses caprinos pés? Essa bab
Desdentada putrida caverna?

SATYRO.

Isso a mim? Insolente?

CORISCA.

Inda o

SATYRO.

A mim, velhaca?

CORISCA.

A ti, cabri

SATYRO.

Que co' estas mãos ainda não
Essa canina enfamadora lingua

CORISCA.

Se te chegas a mim, ou se tiv
Tamanho atrevimento...

SATYRO.

Em tal

Huma vil mulherinha? Nestes
E não teme? Me ultraja? E m
Eu te farei...

CORISCA.

Villão, dize, que

SATYRO.

Tragar-te viva.

CORISCA.

Como? Com qu

Se he cousa que não tens?

SATYRO.

Ah! Ceos! E o soffro?

Porém se eu não te pago! Ora anda, avia.

CORISCA.

Não quero.

SATYRO.

Não, malvada, vir não queres?

CORISCA.

Não; não; a teu pezar.

SATYRO.

Virás agora,

Bem que cuide deixar-te aqui meus braços.

CORISCA.

Por certo não irei, bem que cuidasse

Deixar-te esta cabeça.

SATYRO.

Pois vejamos

Qual de nós tem mais forte, e mais seguro;

Se tu o teu pescoço, ou se eu meus braços.

Tu resistes co' as mãos? Nem assim mesmo,

Indigna, te defendes.

CORISCA.

Sim, veremos.

SATYRO.

Certamente.

CORISCA.

Pois animo: segura.

A Deos, Satyro; fica-te a cabeça.

SATYRO.

Miseravel de mim! Que forte quéda!

Ai

Ai meu lado! Cabeça! Ai minhas costas!
 Mover-me apenas posso, e levantar-me.
 He possível que fuja, e o casco deixe?
 Oh! rara maravilha! Vós, ó Ninfas,
 Vós, pastores, correi para admirardes
 Os magicos assombros de quem foge,
 E vive sem cabeça. Oh quanto he leve!
 E tem pouco miolo! E como o sangue
 Fóra não falta! Mas que vejo? Oh louco!
 Oh mentecapto! Falta-lhe a cabeça?
 Sem cabeça estás tu. Já mais se vio
 Alguem assim logrado? Observa agora,
 Se ella soube fugir, quando julgavas
 Que mais segura a tinhas. Feiticeira,
 Não te bastava, perfida, mentires
 No rosto, e coração, no riso, e vozes,
 Tambem mentir quizeste nos cabellos?
 Poetas, eis-aqui os fios de ouro,
 O ambar puro, que vós tão loucamente
 Louvais em vossos versos. Insensatos,
 Envergonhai-vos já, mudai de assumpto;
 A arte cantai desta malvada, e torpe
 Encantadora, que os sepulchros rouba,
 E os cabellos das fetidas caveiras
 Nos seus enxerta, e de tal sorte esconde,
 Que vos move a louvar o mesmo objecto,
 Que odear deveis mais, que de Megéra
 Os cabellos de cobras monstruosos.
 São estes pois, amantes, vossos laços?
 Vede; e envergonhai-vos, desgraçados.

Se

Se os vossos corações, como suppondes,
Aqui se mostram prezos, póde agora
Cada qual sem lamentos, sem suspiros
Recuperar o seu. Porém que espero,
Que publicar não vou suas injurias?
Por certo tão famosos, tão louvados
Não forão os cabellos refulgentes,
Que o Ceo ornando entre as Estrellas brilhão,
Quanto por minha boca estes cabellos,
E mais quem os trazia indignamente,
Infamados serão eternamente.

C O R O.

Quão grave foi da Ninfa a iniquidade,
Que dando-nos má sorte,
Manchou das leis d'amor a santidade,
Faltando á fé jurada!
Assim quiz ver ateadada
Nos Deoses immortaes furia de morte,
Que a pezar inda dura
De sangue, e pranto de tanta alma pura.
Assim a Fé, que he das Virtudes fonte,
Unico freio d'alma bem nascida,
He no Ceo applaudida:
Assim hum justo amor, com que se conte
Feliz o nosso estado
O Amante eterno em dar-nos tem cuidado.
Vós, ó mortaes, ó cégos, que tanta ancia
Sentís pela abundancia;

O

O sepulchro guardando,
 Onde o cadaver jaz desse ouro amado,
 Cuja alma vã em torno anda vagando;
 D'huma morta belleza,
 Que affecto o coração vos tem turbado?
 » Thesouros, e riqueza
 » São paixões da loucura : O vivo, e justo
 » Amor da nossa alma he a alma : Outro
 objecto,
 » Que envolve amor injusto,
 » Digno não he d'hum amoroso affecto.
 » A alma pois sabe amar, e ser constante,
 » Só he digna d'amor, digna d'amante.

Oh! quanto nos agrada
 O osculo, que empregamos
 N'huma vermelha rosa delicada
 D'alguma linda face! Mas erramos.
 Quem prudente discorre,
 (Amantes, confessai) tal não deseja;
 Que esse osculo, dirá, se perde, e morre
 Em belleza beijada, e que não beija.
 Mas quando amantes labios encontramos,
 Quando a ferir-se vai boca com boca,
 E que n'hum ponto toca;
 E hum justo amor com placida vingança
 Seus dardos vibra, e lança;
 Puros honestos osculos teremos;
 Pois o mesmo que damos, recebemos.
 Beijem astutos labios curiosos
 O seio, a face, a mão de Ninfa bella,
 Nun-

Nunca parte acharáõ, que os satisfaça,
Só beija a boca nella;
Alli huma alma, e outra se esvoaça,
Ambas correm, se beijão, com pasmosos
Espiritos brilhantes
Dão vida á rara prenda
Dos rubins osculantes:
Quem ha, que então entenda
As grandes cousas, mil deliciosos
Segredos, que animados
Os labios encontrados
Em brando som expressão satisfeitos!
Tal gloria amando fente, ou antes vida,
A alma com alma unida:
E quaes d'amor são osculos perfeitos
De dous amantes, dous amados peitos.



ACTO



ACTO TERCEIRO

SCENA I.

MIRTILLO.

Primavera dos annos mocidade
 Fecunda Mãe das flores,
 Que renovas as plantas, e
 Tornas sim, mas comigo
 Não tornão já das minhas alegrias
 Os serenos affortunados dias.
 Tu tornas, sim tu tornas,
 Mas comigo não tornão,
 Senão queixosas miseras lembranças
 Das minhas já perdidas esperanças
 Tu es, tu es aquella,
 Qual sempre foste amavel, sempre
 Mas eu não sou quem já hum. tenho
 A huns certos olhos grato, agora
 » Oh! vós d' amor doçuras amarguras
 » Quanto perder-vos julgo mais p
 » Que nunca experimentar, ou poss
 » Como o estado d' amar feliz seri
 » Se já mais se perdesse o objecto
 » Ou quando se perdesse,
 » Tambem toda a lembrança
 » Do desterrado bem se desterrasse!
 Se ao seu costume as minhas esperanças

Hoje frageis não são, qual vidro fragil;
Ou se ellas mais se augmentão
Com meus ardentes avidos desejos;
Aqui verei aquella
Luz dos meus olhos bella.
Se enganado não venho,
Espero vella ao som dos meus suspiros
Suspender os seus passos fugitivos.
Minha alma ha de cevar-se nas doçuras
Do seu gentil semblante, de que trago
Ha longo tempo a vista esfomeada.
Verei aquella impia,
Ou já com piedade, ou tyrannia,
Vibrar em mim dos olhos feros lumes,
Que supposto em desejos não scintillem,
Serão bastantes a tirar-me a vida.
Se tu, amor, depois de tantos dias,
Negros dias de prantos me concedes,
Que eu possa ver agora nos seus olhos
Gyrar dos meus o Sol sereno, e claro;
Oh! dia affortunado,
Em vão ha tanto tempo suspirado!
Aqui me manda Ergasto, onde me disse,
Que juntas acharia
Corisca, e a bellissima Amarille,
Entretidas jogando a *Cabra cega*:
Mas outra cega ainda não diviso,
Mais que a minha paixão violenta, e cega,
Que anda com guia estranha
Buscando a sua luz, e não a encontra.

Tal-

Talvez que opposto tenha ás minhas glorias
 Algum funesto estorvo,
 Cheio de inveja, o meu cruel Destino!
 Esta longa demora
 De susto, e d'afflicção minha alma envolve;
 » Que hum seculo aos amantes
 » Cada hora, cada instante se figura,
 » Em quanto ausente o bem, que esperão,
 dura.
 Mas quem sabe, se tarde
 Cheguei bastantemente, e que Corisca
 Já se ausentasse d'esperar cançada?
 Pois tive bem cuidado de apressar-me.
 Oh Ceos! se tal succede, vou matar-me.

S C E N A II.

*AMARILLE, MIRTILLO, CORO DE NINFAS,
 CORISCA.*

AMARILLE.
A Qui tendes a cêga.

MIRTILLO.
 Ellá chega. Oh! que vista!

AMARILLE.
 Que mais se espera?

MIRTILLO.
 Oh voz, que o peito feres,
 ao mesmo tempo curas!

AMA-

AMARILLE.

Onde estais? Que fazeis? E tu, Lizetta,
 Que tanto este recreio appetecias,
 Quem te dilata? Aonde estás, Corisca?

MIRTILLO.

Póde dizer-se agora,
 Que amor he cego, e os olhos traz vendados.

AMARILLE.

Já que vós pela mão me ides levando
 Por huma, e outra banda conduzindo,
 Ouvi-me: Quando todas
 As nossas companheiras se ajuntarem,
 Levai-me para longe destas plantas,
 Onde haja mais terreno; e ahi deixai-me
 Só no meio do campo;
 Seguras pelas mãos fileira formem,
 Cerquem-me em roda, e se comece o jogo.

MIRTILLO.

E eu que farei? Ainda não percebo,
 Qual o proveito deste jogo seja,
 Que faciar os meus desejos possa.
 Nem Corisca diviso,
 Que he sómente o meu norte. O Ceo me ajude.

AMARILLE.

Já todas se ajuntarão? Vosso intento
 Outro não foi, senão cerrar-me os olhos?
 Quanto sois nescias! Ora comecemos.

CORO.

Cego amor, já não me fio,
 Tu cégas o alvedrio

» De

» De quem te adora,
 » Tens pouca vista, e alma m
 Cégo, ou não, em vão me te
 Tu mesmo me affugentas;
 A ti não chego,
 Vês mais, do que Argos via,
 Tu sem vista me enlaçaste,
 E cégo me enganaste,
 Hoje liberto,
 Crer mais em ti, he ser menos
 Foge, e brinca, se te agrada,
 Mas já não fazes nada:
 Nunca fiando,
 Tu não sabes brincar, senão ma

A M A R I L L E.

Muito ao largo jogais, e muito
 Tendes de que eu vos prenda.
 Fugi sim; mas primeiro haveis f
 Chegai-vos, e tocai-me, que nen
 Haveis d'andar por esse modo fo

M I R T I L L O.

Que vejo? Aonde estou? Supremo
 Nesse Olimpo, ou na terra?
 Vossos eternos gyros
 Não fazem, Ceos, tão placida ha
 Nem tão vistosas são vossas Estrell

C O R O.

Porém tu, cégo inimigo,
 Me incitas, que contigo
 Brincar eu queira;

Foge o pé, e te toca a mão ligeira.
 Correndo assim te firo,
 Em vão fórmás teu gyro,
 Toco-te a cada passo,
 Não me prende o teu laço,
 Porque, Cupido,
 Não tenho amor sentido.

AMARILLE.

Na verdade, Licore,
 Apanhar-te julguei, mas foi engano:
 Segurei huma planta;
 Bem ouço o teu surrizo.

MIRTILLO.

Quem fora aquella planta!
 Mas não vejo escondida além Corisca
 Naquella moita? He ella certamente.
 Parece que me faz certos acenos,
 Que eu perceber não posso; e continúa.

C O R O.

Livre o peito, o pé ligeiro,
 Perfido lisongeiro,
 Lida me encantas
 Com teus affagos, com perfidias tantas?
 De novo me estou rindo;
 Firo, e volto fugindo;
 Torno; mas não me prendes;
 Pegar-me em vão pertendes;
 Porque, Cupido,
 Não tenho amor sentido.

AMA-

AMARILLE.

Oh! bem! que te arranquei,
 Mas huma apenas largo,
 Pelo tacto, parece, em outra
 Cahiste, Elisa, desta vez no
 Mal pensava que tu fosses a

MIRTILLO.

Corisca inda não cessa
 De fazer-me os acenos tão fu
 Que ameaçar-me parece. Que
 Me introduza tambem entre e

AMARILLE.

Eu supponho que devo
 Jogar hoje co' as plantas.

CORISCA.

(Não quizera fallar, nem desta
 Sahir; mas he preciso.)
 Daqui a pouco parte a segural
 Acafo esperas que aos teus bra
 Ou deixa-te prender ao menos
 Dá-me cá o teu dardo.
 Não sejas nescio, vai sahir-lhe

MIRTILLO.

Oh! como mal se ajustão
 O animo, e os desejos!
 Arde tão pouco hum coração a

AMARILLE.

Torne-se ao jogo desta vez sóm
 Que já cançada estou; e na ver
 Imprudencia he fazer que eu co

C O R O.

Olha hum Nume' triunfante,
 A quem paga o mundo amante
 Tributo horrendo,
 Hoje açoutado, injurias mil soffrendo.
 Da sorte que o morcego
 Do Sol aos raios cego,
 Mil aves, que o rodeão,
 E insultando-o o guerreão,
 Picar pertende,
 Se enrosca, em vão se encolhe, o bico estende:
 Assim es ludibriado,
 Amor, por qualquer lado,
 Por costas, e por frente:
 Quem te fere, não sente
 Quanto suppunhas;
 Bate as azas em vão, estende as unhas.
 » Doce brinco he amargura;
 » Bem se figura
 » Na ave, que o visgo prende:
 Quem brinca com amor, a si se offende.

S C E N A III.

AMARILLE, CORISCA, MIRTILLO:

AMARILLE.

CReio que es tu, Aglaura.
 Queres fugir? Comtigo hei de abraçar-
 me.

H

Co-

CORISCA.

(Se improviza o não movo
Para este encontro com tão forte impulso,
Era em vão trabalhar, que certamente
Não se animava a tanto.)

AMARILLE.

Tu não fallas? Responde, se es Aglaura.

CORISCA.

(O dardo aqui lhe deixo. Além da moita
Vou attenta observar quanto se passa.)

AMARILLE.

Agora sim conheço; es tu, Corisca;
Que es alta, e sem cabello; justamente
Prendi quem desejava, a fim de dar-te
Pancadas á vontade:
Ora pois huma leva,
Leva mais outra, e outra: não respondes?
Mas se tu me prendeste, he bem me soltes.
Solta-me já; pois quero
Em paga dar-te o osculo mais grato
De quantos já tens tido.
Tão fraca estás? Parece as mãos te tremem?
Que esperas? Senão podes
Co' as unhas defatar, mette-lhe os dentes.
Que enfadonha molleza!
Larga pois, que eu farei: deste embaraço
Me livrarei eu mesma.
Olha com quantos nós tu me apertaste?
Mas outro tanto espera;
Que a cega ser agora a ti pertence.

Eis-

Eis-aqui defatado. Oh Ceos! Que vejo?
 Ah! deixa-me, traidor, eu perco a vida.

MIRTILLO.

Querido bem, socega.

AMARILLE.

Deixa-me, só te digo;
 Deixa-me. Desta sorte
 Se surprende huma Ninfa? Aglaura, Elisa,
 Perfidas, onde fostes?
 Ah! deixa-me, aleivoso.

MIRTILLO.

Eu já te deixo.

AMARILLE.

São traças de Corisca. Leva agora
 O fruto, que tiraste.

MIRTILLO.

Onde foges, tyranna?
 Vê-me ao menos morrer, que eu já traspasso
 Com este dardo o peito.

AMARILLE.

Triste de mim! que fazes?

MIRTILLO.

O que talvez invejes
 Que outro faça por ti, barbara Ninfa.

AMARILLE.

Ah! que morrer me sinto!

MIRTILLO.

Se a minha morte á tua mão se deve,
 Toma este dardo, ahi tens o peito, fere.

AMARILLE.

E bem o merecias, temerario.
 Quem te deo tanto arrojo?

MIRTILLO.

Amor.

AMARILLE.

Acção tão vil amor não causa.

MIRTILLO.

Logo penfas, que em mim amor existe;
 Pois que prudente fui. Se tu primeiro
 Me puzeste em prizão, sou menos digno
 De ser por ti notado de vileza:
 Pois tendo occasião tão opportuna
 De ser ousado, quando
 As leis de amor contigo usar podia,
 Tanta prudencia tive,
 Que quasi me esqueci de que era amante.

AMARILLE.

Não culpes o que fiz, estando cega.

MIRTILLO.

Ah! que eu sou, do que tu, tanto mais cego,
 Quanto sou mais amante.

AMARILLE.

» Rogos, e affagos, não traições, e enganos
 » Prática hum sabio amante.

MIRTILLO.

Qual a fera selvagem,
 Que da fome impellida
 Sahe das brenhas, assalta o caminhante;
 Tal eu, que vivo dos teus lindos olhos,

Já

Já que o amado sustento
 Tua fereza, ou meu destino negão,
 Como esfomeado amante,
 Sahindo hoje do bosque, onde soffrido
 Tenho huma longa misera abstinencia,
 Tentei para salvar a vida os meios,
 Que amor me suggerio desesperado.
 Deixa pois de increpar-me,
 Ninfa cruel, a culpa toda he tua:
 Porque se só com rógos, com ternuras
 Discretamente se ama, como dizes,
 Nunca esperar de mim quizeste tanto.
 Tu só, tu me fizeste,
 Sempre irada, de mim fugindo sempre,
 Não ser discreto amante.

AMARILLE.

Podias muito bem mostrar prudencia,
 Deixando de seguir quem te fugia.
 Pois vê que em vão me buscas.
 Que pertendes de mim?

MIRTILLO.

Que ao menos queiras
 Ouvir-me huma só vez, antes que morra.

AMARILLE.

Inda bem que essa graça,
 Primeiro que a pedisses, recebeste.
 Agora vai-te.

MIRTILLO.

Ah! Ninfa,
 Quanto expressado tenho apenas pôde

Ser

Ser huma leve gota
 Dos mares infondaveis do meu pranto.
 Ah! não por piedade,
 Ouve, cruel, ao menos por deleite
 De quem já morre os ultimos accentos.

A M A R I L L E.

Para teu desengano, e meu socego,
 Ouvir-te não duvido.
 Com tanto, pouco falles,
 Te retires depressa, e mais não tornes.

M I R T I L L O.

Em tão pequeno espaço,
 Cruel, barbara Ninfa,
 Tu encerrar me mandas
 Meus immensos desejos, que se acafo
 Incluir-se pudessem n'outra cousa,
 Além da mente humana,
 Alli mal caberia o que só póde
 Caber na humana mente.
 Quanto te adoro, e mais que a propria vida,
 Se tu, cruel, não sabes,
 Pergunta a estes bosques,
 Que te dirão, e te dirão com elles
 As arvores, as feras, os rochedos
 Destas altas montanhas,
 A quem eu tantas vezes
 Tenho abrandado ao som de meus lamentos.
 He preciso porém tão grande prova
 Do meu amor, onde ha tanta belleza?
 Quantas delicias tem o Ceo sereno, Quan-

Quantas a terra, todas
No breve espaço do teu rosto encerras:
Daqui verás que sou forçado a amar-te.
Bem como a agua desce, o fogo sóbe
Por sua natureza,
O ar vaga, he firme a terra, os Ceos se movem;
Assim por natureza a ti se inclina,
Como para o seu bem, meu pensamento:
Assim minha alma com mais forte affecto
Corre buscando a tua formosura.
Se acaso alguém pensasse
Do seu amado objecto desvialla,
Com mais razão podia
O caminho mudar aos Ceos, á terra,
A' agua, ao ar, ao fogo,
Dos eixos arrancar o mundo inteiro,
Mas como tu me ordenas,
Cruel, que eu falle pouco,
Pouco fallo, dizendo só, que morro:
E inda menos farei, morrendo á vista
De quem tanto appetece a minha ruina.
Mas ai de mim! que faço quanto resta
A hum desgraçado amante.
E dize, alma cruel, vendo-me morto,
Has de ter compaixão das minhas penas?
Oh! tu bella, querida, doce causa
Desta vida, que os Ceos inda me guardão,
Volta huma só vez, volta
Esses olhos, estrellas amorosas,
Como os vi algum dia tão tranquillos,

E

E cheios de ternura, antes que morra,
 Que a morte me será então suave.
 Teus olhos n'outro tempo já me forão
 Doces signaes de vida, com justiça.
 Agora devem ser signaes de morte;
 E essa linda presença,
 Que me guiou a amar-te,
 Tambem me guie á morte;
 E quem foi minha Aurora,
 O Occaso seja agora dos meus dias.
 Mas tu inda não sentes
 Huma leve impressão de piedade;
 Antes mais te enfurecem os meus rogos,
 E mais que nunca o peito te endurecem.
 Não respondes, tyranna? Assim me escutas?
 Com quem fallo, infeliz? C'hum seixo mudo?
 Se não tens que dizer, dize-me: Morre.
 E morto me verás. Amor tyranno;
 He esta a minha ultima miseria,
 Que huma Ninfa tão ímpia,
 Do meu extremo fim tão desejosa,
 Porque nenhuma graça della alcance,
 Me nega a morte, a morte que lhe peço;
 E armada só d'hum barbaro silencio,
 Nem sequer me responde; não querendo
 Que d'huma só palavra irada, e forte,
 Seja o effeito fatal a minha morte.

A M A R I L L E.

Se eu promettido houvesse responder-te,
 Bem como prometti sómente ouvir-te, Te-

Terias mais razão para accusares
De injusto o meu silencio.

Tu me chamas cruel, imaginando
Que a tua accusação bem facilmente
Fará talvez mudar minha fereza
Em affecto contrario.

Não sabes tu, que tanto os meus ouvidos
Se encantão dessas frases estrondosas,
Com que me chamas bella, e que reputo
Elogios de mim não merecidos,
Muito menos ainda compensados,
Quanto as vozes, com que cruel me chamas?

- » Ser com outros tyranna,
- » Confesso fora hum crime;
- » Mas contigo he virtude.
- » O mesmo que intitulas
- » Na dama crueldade,
- » He pura honestidade.

Mas seja embora hum crime, seja offensa
Tratar com crueldade hum terno amante:

Dize-me agora, quando
Amarille contigo foi tyranna?

Talvez seria, quando
Sendo injustiça usar de piedade,
Contigo a pratiquei com tanto excessso,
Que te pude izentar da dura morte?

Já sabes que te fallo dos enganos,
De que usaste, traidor, quando entre o coro
De nobres puras virgens
Libidinoso amante appareceste

Em

Em trages de mulher, e te atreveste
A misturar teus osculos impuros;
Fingidos, e lascivos
C'os innocentes osculos das Ninfas,
Contaminando assim seu brinco honesto,
Cuja memoria ainda me envergonha.
Mas sabe o Ceo, que eu não te conhecia:
Quando, quem eras, sube
Não quiz mostrar-me irada.
Guardei minha alma do teu crime illefa,
Impedindo a carreira
Do amoroso veneno ao casto peito;
Sem que manchar pudesses,
Senão a superficie destes labios.
» Boca á força beijada,
» Cuspindo o beijo, a ignominia apaga.
Mas dize-me, que lucro tirarias
Desse teu temerario indigno furto,
Se então te descubrisse áquellas Ninfas?
Nas ribeiras do Hebro
As Bacchantes de Thracia o Thracio Orfeo
Tão cruelmente não despedaçarão,
Como ellas te farião em pedaços,
Senão te foccorresse a piedade
Daquella que cruel agora chamas.
Mas eu cruel não sou, quanto devêra;
Porque se cruel sendo,
A tanto tu te atreves,
Que farias, se piedosa eu fosse?
Em fim, tu tens de mim já recebido

A

A justa compaixão, que dar podia:
 Em vão esperas outra, em vão supplicas.
 » Da piedade amorosa
 » Mal póde fazer graça
 » Quem para si não a acha,
 Tendo-a já dado a outro.
 Se es amante, ama sim a minha honra,
 A minha salvação, a minha vida.
 Bem longe estás do mesmo que desejas;
 Pois que o prohibe o Ceo, impede a terra,
 Toma vingança a morte,
 Com realce maior, mais forte escudo
 Defende a honestidade.
 » As almas bem nascidas não supportão
 » Mais fiel defensor, que a propria honra.
 Ora pois sim, Mirtillo,
 Procura a paz, e não me faças guerra.
 Se es sabio, foge para longe, e vive.
 » A vida abandonar pelo transporte
 » D'huma dor excessiva,
 » He huma acção indigna
 » D'hum coração honrado.
 » Verdadeira virtude
 » He domar a paixão, que em nós propende,
 » Quando a paixão offende.

MIRTILLO.

He forçoso morrer quem a alma perde.

AMARILLE.

Vence as paixões quem se arma da virtude.

MIR-

MIRTILLO.

Cede a virtude , aonde amor triunfa.

AMARILLE.

Quem não póde o que quer, queira o que póde.

MIRTILLO.

Hum amor necessario leis não guarda.

AMARILLE.

Todos os males a distancia cura.

MIRTILLO.

Se os males vão no peito , em vão se foge.

AMARILLE.

Encantos novos venção os antigos.

MIRTILLO.

Só tendo huma alma nova , hum novo peito.

AMARILLE.

Sempre o tempo por fim o amor confome.

MIRTILLO.

Primeiro ha de o cruel consummo dar-me.

AMARILLE.

Dessa forte , não tem teu mal remedio?

MIRTILLO.

Nenhum remedio tem , senão a morte.

AMARILLE.

A morte ! Ora me escuta ; e minhas vozes

Reputa como leis : » Se bem que eu saiba

» Que a morte dos amantes he mais uso

» D'huma amorosa lingua , que desejo

» D'hum coração deliberado , e firme ;

Com tudo , se tão louca ,

Tão estranha paixão te accommettesse,

Olha

Olha que o mesmo golpe,
 Que a vida te cortasse,
 Mortal tambem seria á minha fama.
 Vive pois; se me estimas,
 Aparta-te de mim, que d'hoje avante
 Poderei conhecer quanto es prudente,
 Se por arte souberes
 Para sempre evitar minha presença.

MIRTILLO.

Que terrivel sentença!
 Como posso viver, perdendo a vida?
 Ou sem morrer dar fim ao meu tormento?

AMARILLE.

Basta, Mirtillo, he tempo
 De te ausentares; já bastantemente
 Me tenho demorado.
 Ao menos te console
 Ser infinita a turba
 De amantes infelices.
 Outros muitos tambem em prantos vivem,
 Bem como tu, Mirtillo: » A todos trazem
 » Comigo as chagas dores;
 Nem tu só te lastimas dos amores.

MIRTILLO.

Não fou entre os amantes
 O unico infeliz; mas fou sómente
 O exemplo miseravel
 De vivos, e de mortos, não podendo
 Nem viver, nem morrer.

AMA.

AMARILLE.

Mirtillo, parte.

MIRTILLO.

Que penosa partida!

Ah fim da minha vida!

Eu te deixo, e não morro! Ao mesmo passo

Que ansias de morte sinto,

Sinto também na ausência

Huma morte, que vive:

E dando vida á minha dor ingente,

Faz que a minha alma morra immortalmente.

S C E N A IV.

*AMARILLE.***O**H Mirtillo! Mirtillo! Oh minha vida!

Se dentro deste peito ver pudesses

O coração daquella,

Que chamas cruelissima Amarille,

Sei que terias della

A mesma compaixão, que lhe supplicas?

Oh almas, que em amar sois mal fadadas!

A ti, meu bem, que importa que eu te adore?

A mim que importa ter tão grato amante?

Porque, tyranno Fado,

Nos queres separar, se amor nos une?

E tu porque nos unes,

Perfido amor, se o Fado nos separa?

Oh quão felices sois, feras selvagens!

A vós a natureza

Pro-

Propicia concedeo, seguir pudesseis
Os movimentos, que ella vos inspira:
Mas quanto a lei d'Arcadia he deshumana,
Que em castigo de amar fulmina a morte?

- » Se este crime he tão doce,
- » Se tanto fugir delle he necessario,
- » Imperfeita parece a natureza,
- » Que fraca á lei repugna,
- » Ou lei muito severa,
- » Que a natureza offende?

Mas ah! quem teme a morte he pouco amante.

Quizesse o Ceo, Mirtillo, que sómente

Fosse o morrer a pena do meu crime.

Oh! santa honestidade, a quem só deve

Como Nume adorar huma alma pura?

Minha amorosa furia,

Exhausta em sangue, morta pelo ferro

Do teu santo rigor, a ti consagro,

Qual victima innocente:

E tu, Mirtillo, doce bem, perdoa

A quem tyranna he só, porque não póde

Ser compassiva. Sim, perdoa a esta,

Que só na voz, no rosto,

Mostra comtigo ser dura inimiga,

Sendo no coração piedosa amante.

Se vingado porém desejas ver-te,

Que vingança maior tomar intentas,

Que as tuas proprias dores?

Pois se o meu coração em ti só mora,

Cômo creio, a pezar do Ceo, e terra;

Se

Se choras, se suspiras;
 O pranto, que derramas, he meu sangue;
 Minha alma em ti suspira; as tuas magoas,
 As penas, que padeces, os lamentos
 São meus, não teus, tormentos.

S C E N A V.

CORISCA, e AMARILLE.

B *CORISCA.*
 Afta, Amarille, já não mais disfarces.

AMARILLE.

Ai de mim! que me ouvirão!

CORISCA.

Sim, já tudo
 Ouvido tenho. Agora não me argues?
 Ah! bem dizia eu, que tu amavas!
 Já duvidar não posso. E tu, ingrata,
 Desconfias de mim? De mim o escondes?
 De mim, que te amo tanto? Deixa o peijo;
 He mal d'amor universal molestia.

AMARILLE.

Já convencida estou, eu te confesso...

CORISCA.

Confessas fim; porque negar não podes.

AMARILLE.

Triste de mim! Já vejo
 » Que o debil coração he vaso estreito
 » Para guardar o amor, que lhe trasborda.

Ca-

CORISCA.

Oh quanto es tu cruel com teu Mirtillo,
E muito mais cruel contigo mesma!

AMARILLE.

- » Não chames crueldade
- » Effeitos de piedade.

CORISCA.

- » O aconito, e cicuta, estes venenos
- » Já mais nascer se virão
- » De saudavel raiz. Que differença
- » Da crueldade fazes, quando offende,
- » Da piedade, quando não foccorre?

AMARILLE.

Triste de mim, Corisca!

CORISCA.

Suspirar, Amarille,
He fraqueza d' hum coração inerte,
Só propria da mulher cobarde, e froxa.

AMARILLE.

Mais cruel não seria, se em meu peito
Quizesse amor nutrir sem esperanças?
Fugindo ao menos mostro me condoo
Dos seus, e dos meus males.

CORISCA.

Porque chamas amor sem esperanças?

AMARILLE.

Não sabes fui a Silvio promettida?
E a lei condemna á morte
Qualquer, que transgredir a fé jurada?

CORISCA.

Quanto es simples! E nada mais receias?
Qual será entre nós a mais antiga,
A lei d'amor, ou essa de Diana?

- » Aquella em nossos peitos
- » Nasce, Amarille, e com a idade cresce;
- » Não se aprende, ou se ensina;
- » A mesma natureza,
- » Sem mestre algum, nos corações humanos
- » Co' as proprias mãos imprime;
- » E, onde esta lei tem mando,
- » O mesmo Ceo, a terra lhe obedecem.

AMARILLE.

Mas se a lei de Diana
Mandar, que eu perca a vida,
D'amor farei acaso soccorrida?

CORISCA.

Es muito acutelada. Se as mulheres
Assim pensassem todas;
Se tanto a lei, que dizes, respeitassem;
A Deos *Bom tempo*. A' pena estão sujeitas
Sómente as pouco espertas, Amarille.
A lei não comprehende
Aquellas, que com arte se conduzem.
Se a lei mataste todas as culpadas,
Podes crer-me, ficava a nossa Patria
Em triste solidão. Se só punidas
As necias são, he certo, não discorrem,
Que he o furtar defezo;
Porém sómente a quem não sabe astuto

Oco

Ocultar o seu crime.

» Em fim a honestidade

» Huma arte chamo de fingir-me honesta :

Eu nisto creio ; embora as mais não creião.

AMARILLE.

Quanto dizes, Corisca, he desvario.

» Eu julgo ser prudencia, ser virtude

» Deixar depressa o que alcançar não posso.

CORISCA.

Mas quem te impede, louca?

» A vida he muito curta

» Para ser consagrada a hum só objecto.

» São immensos os homens ;

» Mas ou seja defeito, ou tyrannia,

» Todos avaros são dos seus favores.

» Em quanto estamos frescas,

» Elles de nós se agradão, nos estimão.

» Vai-se a belleza, foge a mocidade ;

» E nós, quaes seccos troncos das abelhas

» Sem mel, sem favos, somos desprezadas.

Deixa clamar aos homens, Amarille ;

Porque elles mal conhecem,

Não sabem inda os nossos prejuizos.

A condição de hum homem

He muito differente

Da condição da misera donzella.

» Quanto o homem na idade mais se augmen-

» Mais vem a ser perfeito ; (ta,

» Se perde o ser gentil, juizo adquire.

» Nós porém, se perdemos

I ii

» Bel-

- » Belleza, e mocidade, dons que vencem
- » Dos homens a razão, e a fortaleza,
- » Toda a nossa ventura, então perdemos.
- » Não se póde pensar, dizer-se menos,
- » Que haja cousa tão vil, tão desprezível,
- » Qual huma triste velha.

Ora antes que tu chegues

A esta nossa universal miseria,

Conhece quanto vales;

Não entortes a vida,

Já que direita corre.

Ao terrível leão, de que servia

Ferocidade tanta,

Se della não usasse?

De que servia ao homem tanto engenho,

Se não usasse d'elle em tempo proprio?

Em quanto pois he tempo,

Usemos da belleza, que he virtude

Em nós tão propria, quanto

A força no leão, o engenho no homem.

» Gozemos, Amarille,

» Gozemos della; porque o tempo voa.

» Bem podem sim os annos

» Refarcir-nos os damnos

» Da passada velhice, fria idade;

» Porém a mocidade

» De todo em nós perdida

» Nunca já mais veremos florecida.

E a hum rugoso pállido semblante

Sim póde amor tornar, mas não amante;

AMA.

AMARILLE.

Ah! Corisca, tu fallas dessa sorte
Mais para exprimentar-me,
Que a verdade dizer de quanto sentes.
Mas olha, que eu protesto,
Se acaso outros caminhos me não mostras.
Mais puros, mais honestos,
De evitar estas nupcias odiosas:
Estou de firme acordo irrevogavel
Antes morrer, Corisca,
Que consentir já mais manchar-se a honra.

CORISCA.

Inda não vi mulher mais obstinada!
Pois bem: assim conclues, estou conforme,
Porém dize, Amarille;
Acaso julgas que o teu Silvio seja
Tanto da fé zeloso,
Quanto tu es da tua honestidade?

AMARILLE.

Não me faças tu rir. Ser póde Silvio
De fé zeloso? E como?
Se tanto o amor detesta?

CORISCA.

Silvio detesta amor? Oh quanto es simples!
Não o conheces: elle faz, e cala;
Bem te posso afirmar: ah! não te fies
Destes genios esquivos.
» Não he d'amor o furto tão seguro,
» Nem de tanta destreza,
» Senão quando se encobre

» C'o

» C'o véo da honestidade.
 He sim amante Silvio;
 Mas não teu, Amarille.

AMARILLE.

Quem he pois essa Deosa,
 (Por certo ser não póde Ninfa humana)
 Que em seu peito accendeo d' amor a chamma?

CORISCA.

Não he Ninfa, nem Deosa.

AMARILLE.

Ah! que me dizes?

CORISCA.

Conhecés tu Lizeta?

AMARILLE.

Qual Lizeta?

A que te guarda o gado?

CORISCA.

Justamente.

AMARILLE.

Isso he certo, Corisca?

CORISCA.

He ella mesma

A quem sómente adora.

AMARILLE.

Vejão lá, se o ingrato
 D' hum lindo objecto aproveitar se soube?

CORISCA.

E sabes? anda louco, amor o mata.
 Todos os dias ir á caça finge.

AMA-

AMARILLE.

Sempre ao romper d'Aurora o som me acordá
Da maldita buzina.

CORISCA.

E ao meio dia em ponto,
Quando entretidos todos
Estão no ardor da caça, se retira,
Dos companheiros seus voando foge.
E só por hum caminho não trilhado
Vem ter ao meu jardim: onde Lizeta,
Por entre as ramas d'hum silvado espesso,
Que resguardo lhe dá, ouve os seus rogos,
Os ardentes suspiros amorosos:
Entra depois a rir: tudo me conta.
Escuta agora o que traçado tenho,
Ou talvez que já feito em teu serviço:
A mesma lei, que ordena, que huma esposa
Guarde ao esposo fé, creio que sabes,
Determina tambem, que quando a esposa
Achar o esposo em acto de perfidia,
Possa, a pezar dos pais, o cumprimento
Negar-lhe do conforcio, e sem deshonra
Outro esposo buscar.

AMARILLE.

Sei bellamente:
E alguns exemplos nisso me confirmão.
Assim já fez Leucipe a Legurino,
Egle a Licore, e a Turingo Armilla:
Todas a fé jurada recobrarão,
Porque á fé promettida elles faltarão.

Co:

CORISCA.

Pois bem: attende agora:
 Industriada já por mim Lizeta,
 Tem dado aviso ao tenro incauto amante,
 Naquelle gruta intenta hoje fallar-lhe,
 Onde elle, em quanto espera a feliz hora,
 Se julga o mais ditoso dos viventes.
 Eu quero que tu mesma alli o encontres;
 E para testemunha irei contigo,
 Que sem prova sería a empreza inutil.
 Desta sorte salvando a tua honra,
 A honra de teu pai, livrar-te podes
 Dessa dura prizão.

AMARILLE.

Corisca minha,
 Oh como bem discorres! Que nos resta?

CORISCA.

Quanto agora ouvirás. Põe teu cuidado
 No que vou referir-te: Nessa gruta,
 Que he bastante comprida, e pouco larga,
 No meio á mão direita ha hum rochedo,
 No qual, não sei se pela natureza,
 Se pela industria humana, foi talhada
 Huma pequena cova, toda em roda
 Cercada, e cheia de tenazes heras.
 Sómente alli por huma estreita fenda,
 Que d'alto a baixo se abre no rochedo,
 Penetra a luz do dia; grato asylo,
 E commodo lugar para as emprezas,
 E aventuras de amor. Pois neste sitio,
 Pre-

Prevenindo os amantes, tu te escondes;
 Por ambos nelle espera até que cheguem.
 Eu entretanto enviarei Lizeta;
 Retirada depois irei seguindo
 As pizadas de Silvio: apenas este
 De todo houver entrado na caverna,
 De improviso tambem entrar pertendo,
 E segurallo, a fim que não se escape.
 Vendo Lizeta em sua companhia,
 Farei grande motim, ao qual tu logo
 Tambem acudirás, e contra Silvio,
 Na fôrma do costume, assim bem podes
 A lei executar: depois nós indo
 Com Lizeta accusallo ao Sacerdote,
 Do laço conjugal serás izenta.

AMARILLE.

E perante feu pai?

CORISCA.

Isso que importa?

Pensas tu, que Montano o bem privado
 Queira antepôr ao publico interesse?
 O profano ao sagrado?

AMARILLE.

Eu fecho os olhos,

E toda a ti me entrego; tu me guia,
 Minha fiel Corisca.

CORISCA.

Esconde-te, meu Bem, não percas tempo.

AMARILLE.

Mas quizera primeiro . . .

Par-

Partir-me ao Templo a venerar os Deoses; ⁷
 » Que huma empreza mortal , que o Ceo
 » não guia,
 « Hum fim ditoso conseguir não póde.

CORISCA.

» Toda a parte, Amarille, he digno Templo
 » D'hum coração devoto.
 Tu muito tempo perdes.

AMARILLE.

» Mal se póde perder o tempo, quando
 » Se dá louvor a quem o tempo rege.

CORISCA.

Vai pois: não te demores.
 Caminho agora bem, senão me engano;
 E só desta demora me receio,
 Bem que inda proveitosa ser bem póde:
 Tecer pois que me resta hum novo engano
 Ao meu amante Coridão, dizendo,
 Que na gruta encontrallo hoje me agrada;
 E Amarille tambem depois mandando
 Para o mesmo lugar, irei dar parte
 No Templo de Diana aos seus ministros,
 Que vindo pela mais occulta estrada,
 Na mesma gruta assim prendella possão;
 E sendo do seu crime convencida,
 Condemnada será por certo á morte.
 Morta a minha rival, o estorvo cessa;
 Livrementemente combatarei Mirtillo,
 Que he comigo cruel por seu respeito.
 Mas elle chega: e como a tempo chega!

Em

Em tanto que Amarille se demora,
 Vou dar principio ás minhas tentativas.
 Dá-me, amor, expressões de terna amante,
 Dirige a minha lingua, o meu semblante.

S C E N A VI.

MIRTILLO, CORISCA.

MIRTILLO.

Vinde vós, lagrimosos
 Espiritos do Averno,
 Vinde ouvir nova especie de tormento.
 Vede hum tyranno affecto
 N' hum rosto compassivo.
 A minha amada mais cruel que o inferno,
 Porque huma só morte
 Os seus desejos faciar não póde,
 Vendo que a minha vida
 Quasi he morte perenne,
 Ordena-me que viva,
 A fim de que os meus dias
 Sintão de mortes mil as agonias.

CORISCA.

(Eu finjo que o não vejo)
 Os écos ouço d' huma voz queixosa,
 Que em torno soão; mas não sei quem seja.
 Es tu, Mirtillo meu?

MIRTILLO.

Assim eu fora

Ae

Aerea sombra, ou tacita poeira!

CORISCA.

Pois bem: como te sentes,
Depois que longo tempo conversaste
Co' a tua amada Ninfa?

MIRTILLO.

Qual sequioso enfermo,
Que beber desejou por longo espaço
O nocivo licor, se acaso o prova,
Bebe infeliz a morte,
E mais que a sede, a propria vida extingue:
Tal eu, que ha tanto tempo enfermo vivo,
Ardendo sempre em amorosa sede,
O veneno bebi nas duas fontes,
Que gelo manão do canal montuoso
D'hum peito impedernido;
E em vez de faciar o meu desejo,
Extincta a minha vida he quanto vejo.

CORISCA.

Meu amado Mirtillo,
» Tanta he a força d'amor, quanta recebe
» Dos nossos corações. Bem como a urfa
» Costuma com a lingua
» Dar fórma ao feto informe,
» Pois que aliás nascêra inutilmente:
» Da mesma forte o amante
» A hum só desejo debil, que lhe nasce
» Enfermo, e ainda informe,
» Dando fórma, e vigor,
» Faz com que nasce amor.

» Ef-

- » Este apenas nascido
- » Delicado menino, tenro, e brando,
- » Sempre agradavel he na sua infancia;
- » Mas se cresce, e se augmenta,
- » Faz-se cruel, e ingrato;
- » E quando chega a envelhecer, Mirtillo,
- » He penoso o sentillo:
- » Pois quanto mais nossa alma pensativa
- » D'hum só affecto na paixão se entranha,
- » Até que nella fixa se transporta,
- » O amor, que doce, e grato ser devia,
- » Se torna em negra atroz melancolia;
- » E o que he inda mais forte,
- » Acaba ás vezes em loucura, e morte.
- » Por isso he sabio quem frequentemente
- » Faz mudança do amor, que o peito sente.

MIRTILLO.

A vida mudarei primeiro em morte,
 Do que mudar de affecto, ou pensamento.
 Porque só a bellissima Amarille,
 Assim mesmo cruel, assim tyranna,
 Reputo a minha vida:
 Nem póde hum corpo só suster o pezo
 Mais que d'hum coração, d'hum só alma.

CORISCA.

Oh! Pastor miseravel,
 Como do teu amor usar mal sabes
 Por errados caminhos!
 A quem me odeia, amar? Seguir quem foge?
 Antes morrer quizera.

MIR.

MIRTILLO.

- » A minha fé, Corisca,
- » Qual ouro, que no fogo mais se apura,
- » Assim na minha dor se purifica.
- » Não posso sem tormento
- » Mostrar a quanto sobe esta invencivel
- » Amorosa constancia.

No meio pois dos meus padecimentos

Me alenta, e me conforta,

Ver que o meu coração ou arda sempre,

Ou se consuma, ou morra;

Os prantos, ansias, penas, dores, mágoas,

Ruina, desterro, e morte,

Inda he martyrio affás pequeno, e debil

Por causa tão sublime supportado;

Com tanto que primeiro

Perca-se a vida, do que a fé se perca:

Pois mudar a paixão em mim tão forte

He tormento peor, que a mesma morte.

CORISCA.

Que bella empreza! Que animoso amante!

Tão pertinaz, e duro,

Qual a fera obstinada,

Qual o rochedo duro!

» Essa fé, em que fallas,

» He a peste maior, o mais tyranno

» Mortifero veneno, que entrar pôde

» N'hum amoroso peito.

» Aquelle coração he desgraçado,

» Que se deixa illudir della, apparente

» Fano

» Fantasma enganadora, que importuna
 » Vem d'amor perturbar momentos doces.
 Dize-me, ó triste amante,
 Com essa tua louca
 Virtude de constancia,
 Que pertendes amar em quem te foge?
 Por ventura a belleza,
 Que não he tua? A gloria, que não gozas?
 A compaixão, que clamas?
 Favor, que em vão esperas?
 Se attento reflectires,
 Outra cousa verás, que em fim não amas,
 Mais que o teu mal, teu damno, a tua morte,
 E tanto estás da mente hallucinado,
 Que intentas sempre amar, não sendo amado.
 Ah! desperta, Mirtillo;
 Conhece-te a ti mesmo: acaso pensas
 Hão de faltar-te amores? Por ventura
 Não acharás quem te agradeça, e rogue?

MIRTILLO.

He mais doce o penar por Amarille,
 Que amores mil gozar. Se o possuilla
 Não consente o meu Fado, acabem hoje,
 Morrão já para mim as glorias todas.
 Viver já mais ditoso
 Com outra Ninfa, com amor diverso,
 Não poderia, ainda que quizesse;
 Nem quereria, ainda que pudesse.
 E se he possível, que em futuro tempo
 Minha vontade queira,

Ou

Ou meu valor se atreva,
 Rogo aos Ceos, e a amor queirão tirar-me
 Toda a vontade, e o valor roubar-me.

CORISCA.

Oh coração de amor enfeitado!
 E por huma tyranna
 Sacrificar-te queres?

MIRTILLO.

» Quem não tem que esperar já mais piedade,
 » Corisca, nada teme.

CORISCA.

Não te enganes, Mirtillo.
 Talvez que tu ainda crer não possas,
 Que Amarille te odeia, e não te estima.
 Porém crerias, se soubesses quanto
 Ella ás vezes me diz em ti fallando.

MIRTILLO.

Esses são os trofeos,
 Que tece amor á minha lealdade.
 Com esta só pertendo
 Triunfar do Ceo, da terra,
 Do seu tyranno peito,
 Do meu pezar, da minha iniqua sorte,
 Da fortuna, do mundo, em fim da morte.

CORISCA.

(Que faria pois: este se soubesse
 Quanto por ella he ternamente amado?)
 Oh quanta compaixão, Mirtillo, tenho
 Dessa tua frenetica loucura!
 Dize-me: já sentiste.

Al-

Alguma vez amor por outra Ninfa?

MIRTILLO.

Foi do meu coração o amor primeiro

A formosa Amarille,

E Amarille formosa

Delle tambem será o derradeiro.

CORISCA.

Então pelo que vejo,

Não tens experimentado

Senão amor cruel, e desdenhoso.

Ah! se huma vez ao menos

O sentisses benigno,

Suave, e compassivo!

Ora exprimenta, exprimenta hum pouco,

Verás o quanto he doce

Sentir amor por huma Ninfa terna,

Que saiba amar-te tanto, quanto adoras

A cruel, ingratiſſima Amarille.

Verás quanto he suave

Gozar de quanto estimas,

E ter quanto desejas:

Ver, que a Ninfa amorosa,

Ouvindo os teus suspiros inflamados,

Inflamada suspira;

E dizendo-te logo: O' minha vida,

Quanto sou, quanto vês, tu só dominas:

Se formosa me chamas,

Sómente para ti ferei formosa,

Só para ti adórno o meu semblante,

Componho o seio, os meus cabellos louros:

K

Tu

Tu moras neste peito,
 Pois es meu coração, que outro não tenho.
 Mas isto apenas he pequeno rio
 Dos mares infondaveis de doçuras,
 Que amor nos faz sentir; porém não póde
 Bem expressallas, quem as não conhece.

MIRTILLO.

Oh! que he mil vezes mil affortunado
 Quem nasce nessa estrella!

CORISCA.

Escuta-me, Mirtillo:
 (Quasi lhe hia chamando, vida minha.)
 Entre as Ninfas, que os seus cabellos d'ouro
 Entranção lindamente,
 Ou soltos trazem ondeando ao vento,
 Ha hum a bem galante,
 Do teu amor tão digna,
 Quanto mereces tu os seus agrados.
 Ella estes bosques honra,
 He de todos amada,
 Debalde a sollicitão,
 Em vão a buscão optimos pastores.
 A ti sómente adora; a ti só ama
 Mais do que a propria vida,
 Que o proprio coração. Ora, Mirtillo,
 Se tens juizo, não, não a desprezes.
 Ella andarás seguindo
 Os teus vestigios sempre,
 Qual sombra o corpo segue.
 A tua voz será, a hum leve acceno,
 Qual

Qual simples cordeirinha, obediente.
 Ou de dia, ou de noite, a toda a hora
 Sempre a verás comtigo.
 Ah! Mirtillo, não deixes
 Esta rara ventura.
 Não ha prazer no mundo
 Mais grato, do que aquelle,
 Que não te custa prantos, nem suspiros,
 Nem tempo, nem perigos.
 Não ha com que se pague
 Hum commodo recreio,
 Huma doçura prompta aos teus desejos,
 Sempre aos transportes dos teus gostos prom-
 Deixa, Mirtillo, deixa (pra
 Com fugitivos passos
 Essa enganosa traça,
 E a quem te busca, abraça.
 Não entendas, Mirtillo,
 Que encher te quero de esperanças falsas.
 Resolve; e então verás minha verdade.
 Daqui não longe está quem te deseja,
 Se a quizeres agora, agora seja.

MIRTILLO.

Meu coração d'amor ás leis não cede.

CORISCA.

Exprimenta huma vez, e depois torna
 Aos teus padecimentos costumados,
 Para que ao menos faibas
 O que he gozar d'amor.

K ii

MIR-

MIRTILLO.

» Toda a doçura
» He odiosa a hum gosto corrompido.

CORISCA.

Ao menos por dar vida a quem se anima
Sómente ao Sol dos teus formosos olhos.
Cruel, tu não ignoras
Quanto custa a pobreza,
E mendigar socorro: ah! se desejas
Que a piedade contigo se exercite,
Negalla aos mais não deves.

MIRTILLO.

Que piedade dar posso,
Senão cheguei já mais a possuilla?
Estou em fim de acordo,
Em quanto vivo for, guardar fé pura
A'quella, a quem adoro,
Ou me seja cruel, como tem sido,
Ou chegue a ver seu peito internecido.

CORISCA.

Oh! na verdade cégo, desgraçado,
Estupido Mirtillo!
A quem guardas tu fé? Bem não quizera
Angustiar-te mais, e ás tuas penas
Nova pena ajuntar; mas he forçoso
Dizer-te, que te enganão;
O que eu soffrer não posso, pois te estimo.
Penças tu, que Amarille
He contigo tyranna, porque zela
A Lei, a Religião, e a honestidade?

Es

Es louco, se tal pensas.
Tens a casa occupada, miseravel.
Em quanto outro se alegra,
Só deves tu chorar... Porque não fallas?
Acafo emmudeceste?

MIRTILLO.

A minha vida ver se me figura
De morrer, e viver entre os extremos,
Em quanto o coração dubio vacilla,
Se deve acreditar-te, ou não, por isso
Estupido fiquei, absorto, e mudo.

CORISCA.

Pois tu duvidas crer-me?

MIRTILLO.

Se eu credito te dera,
Já morto me verias; e se isso he certo,
Agora, agora morro.

CORISCA.

Vive, infeliz; conserva
Para a vingança a vida.

MIRTILLO.

Mas fei que tudo he falso: não te creio.

CORISCA.

Quanto mais o duvidas, mais me incitas,
Que eu diga, o que depois de ouvir, te peze:
Vês tu aquella gruta?
Pois nella a tua Ninfa
Constantemente guarda a sua honra,
A sua lealdade.
Alli zomba de ti banhada em riso.

Al-

Alli com teus pezares
 As glorias se misturão
 Desse feliz, e teu rival contente.
 Allí te digo em summa,
 Muitas vezes costuma
 Essa tua Amarille
 Do grosseiro pastor tomar-se em braços.
 Ora guarda-lhe fé: lastíma, chora:
 Ahi tens o galardão, suspira agora.

MIRTILLO.

Ah! Corisca! Ai de mim! Acaço devo
 Acreditar-te? He certo o que referes?

CORISCA.

Quanto mais o perguntas,
 Tanto peor irás sabendo, e ouvindo.

MIRTILLO.

E tu mesma a tens visto? Ah desgraçado!

CORISCA.

Não só a tenho visto,
 Mas he facil tambem que tu a vejas:
 E hoje mesmo ferá; que justamente
 Os avisos se derão, e esta he a hora.
 Se esconder-te quizeres
 N'algum daquelles proximos barrancos,
 Has de vella tu mesmo
 Entrar na gruta c' o furtivo amante.

MIRTILLO.

Tão perto estou da morte!

CORISCA.

Ella que chega

Pe-

Peja estrada do Templo caminhando.
 Olha, como se move mansamente!
 Vês agora, Mirtillo?
 Os seus furtivos passos não te inculcão
 Claramente a traição, que o peito encerra?
 Ora observa-a daqui, verás o effeito
 Da sua aleivosia;
 E depois voltaremos.

MIRTILLO.

Bem que tão perto esteja
 De indagar a verdade,
 Suspendendo por ora a minha crena,
 Co' a vida a morte ficará suspença.

S C E N A VII.

AMARILLE.

Não comece hum mortal empreza al-
 guma,
 Sem que o Ceo a dirija. Bem confusa,
 No coração bem cheia de incerteza,
 Daqui parti a conduzir-me ao Templo,
 Onde graças ao Ceo! bem consolada,
 E bem disposta torno. A's minhas preces,
 Puros devotos rogos, ver jurára
 Alçar-se dentro em mim hum animoso
 Espirito Celeste, que em minha alma
 O alento renovando, me dizia:
Que temes, Amarille? Vai segura.
 E assim segura vou, que os Ceos me guião.
 For-

Formosa Mãi de amor, soccorre aquella,
 Que em teu favor espera.
 Deosa do Ceo terceiro,
 Se de teu filho já sentiste as chammas,
 De mim te compadece.
 Tu conduz benigna,
 E com cautela os apressados passos
 Desse pastor, a quem jurei fé pura.
 E tu, amada gruta,
 Em teu seio recebe occultamente
 Esta escrava d'amor, que em ti ver possa
 Completos seus desejos.
 Que esperas, Amarille?
 Aqui ninguem te vê, ninguem te escuta;
 Podes entrar segura,
 Oh! Mirtillo, Mirtillo,
 Se encontrar-me sonhasses neste asylo!

S C E N A VIII.

MIRTILLO.

A H! que não durmo! He muito quanto
 vejo!
 Sem olhos eu viera á luz do mundo,
 Ou antes não nascêra!
 Porque a vida me guardas, Fado ímpio?
 Para ver com meus olhos
 Esta scena funesta, e dolorosa?
 Mirtillo atormentado
 Mais que no escuro Averno

As

As almas submergidas!
Já não duvides, não; a tua crença
Não suspendas já mais: tu mesmo a viste
C'os propios olhos, sua voz ouviste.
A tua Ninfa he d'outro,
Não pela lei do mundo,
Que alheia ser prohibe;
Sim pela lei d'amor, que a ti só nega.
Oh! cruel Amarille,
Contente não ficavas,
Impondo a morte a este miseravel;
Foi preciso tambem ludibriallo
Co' essa boca inconstante enganadora,
Que já hum tempo soube
Dar valor ás doçuras de Mirtillo?
Oh! nome aborrecido,
Que inda talvez te lembre
Com terriveis remorços!
Tu dar-lhe não quizeste a menor parte
Nos teus gostos, nas tuas alegrias,
Pronunciando-o, fóra o vomitaste,
A fim de o expulsares
Desse teu coração, tyranna Ninfa.
Mas que esperas, Mirtillo?
Aquella, que viver te concedia,
A vida te roubou, foi dalla a outro.
E vives, infeliz? Inda não morres?
Morre, Mirtillo, morre:
Foge á dor, ao tormento,
Bem como para as glorias,



Pa-

Para os prazeres todos já morreste.
Morto Mirtillo, morre;
Pois já findaste a vida,
Finda agora o tormento.
Sim, livra-te depressa, ó triste amante,
Desta morte tão cheia de agonias,
Que a vida te dilata
Para mais prolongar os teus pezares.
Mas que? Devo morrer sem mais vingança?
Primeiro matarei a quem me mata.
Suspenda-se por ora a minha morte,
Em quanto justamente
Não roubo a vida áquelle,
Que injustamente o coração me rouba.
Ceda a dor á vingança; a minha furia
A' piedade ceda;
E ceda a vida á morte,
Té que co' a mesma vida
Vingada a morte seja.
Não beba este meu ferro
De seu senhor o não vingado sangue.
Estes braços não sejam
De piedade instrumentos,
Sem que primeiro o sejam de vingança.
E tu, quem quer que sejas,
Que gozas do meu bem, farei que sintas
Com o meu precipicio a tua ruina.
Por entre aquellas leivas
Encuberto estarei, até que o veja
Aproximar-se á gruta; de improvisto

In-

Invadido será, e por hum lado
O passarei com este agudo dardo.
Mas que? Huma traição não he vileza?
Sim, Mirtillo, primeiro o desafia
A' singular contenda; porque possas
Mostrar da tua dor o justo esforço.
Mas não: que neste sitio conhecido,
E frequentado sempre de pastores,
He facil, que correndo estes ligeiros,
E atudindo ao motim, se frustre a empreza:
E muito mais receio, me perguntem
A causa deste excesso: reputado
Delinquente ferei, se oufar negalla;
Se a quizer disfarçar, padece a honra;
Em fim, se a descubrir, depondo o facto,
Manchado ficará de eterna infamia
O nome de Amarille. Bem que nella
Já não ame o que vejo, amo com tudo,
E amarei té os ultimos arrancos,
Quanto della até gora appetecia,
Quanto ver, e esperar eu deveria.
Morra pois esse adultero malvado,
Já que lhe rouba a honra, a mim a vida.
Porém se aqui o mato, o fresco sangue
Não será do meu crime indicio certo?
Mas se eu cubiço a morte, por que temo
A pena de morrer? Mas descoberto
O homicidio por fim, a sua causa
Tambem será patente, e essa ingrata
De infamia ao mesmo risco se sujeita.

En-

Entra, Mirtillo, em fim, entra na gruta,
Affalta o teu contrario. Isto me agrada.
Mansamente entrarei, porque não seja
Sentido d' Amarille; e me parece
Que ella agora estará refugiada
Na mais occulta parte, e resguardada
Bem como ha pouco ouvi em suas vozes.
Mas entranhar-me não quizera tanto.
Junto á grande descida á mão esquerda
Huma fenda se encontra no rochedo,
Toda cuberta de frondosos ramos;
E neste sitio entrando com cautela,
O tempo esperarei de pôr em obra
Quanto desejo. O meu contrario morto,
Seu cadaver porei patente aos olhos
Dessa minha inimiga. Desta forte
Posso d' ambos tomar justa vingança.
Traspassarei depois meu proprio peito
C' o mesmo ferro; e tres serão os mortos;
De ferro dous, e hum de aguda mágoa.
Veja sim a tyranna
Do seu amante terno,
E do enganado amante
A funesta tragedia miseravel.
Essa mesma caverna,
Que ser devia asylo dos seus gostos,
Agora seja d' hum, e d' outro amante,
Seja, o que mais estimo,
Dos seus opprobrios tumba, e sepultura.
Mas vós, vestigios, que eu em algum dia
Em

Em vão tanto seguia,
 Influir-me podeis tão vís intentos?
 Podeis guiar meus passos? Conduzir-me
 A tão doce morada?
 Mas eu vos obedeço em fim, já parto.
 O' Corisca, Corisca, o caso feio
 Bem me disseste, agora fim te creio.

S C E N A IX.

SATYRO.

E Ste em Corisca crê! Seus passos segue!
 A' gruta de Ericina se encaminha!
 He bem nescio quem não percebe o resto.
 Da sua fé nas mãos por certo guarda
 Grande penhor, se nella se confia.
 Prendella soube com mais fortes laços,
 Do que eu, quando a preni pelos cabellos.
 Mas nella haver não podem outros laços,
 Que o seu proprio interesse, mais seguros.
 Esta malvada, que a virtude odeia,
 Hoje vendeo, como vender costuma,
 A sua honestidade, e na caverna
 Se paga o preço do contrato infame.
 Mas quem sabe, se o Ceo alli o envia
 Para castigo seu, vingança minha.
 As palavras que ouvi, bem manifestão
 Que em vão lhe não dá credito; e pois disse,
 Que via os seus vestigios, e os seguia,
 De achar-se já na gruta indicio he certo.

A

A bella empreza , Satyro , conclue.
 Vai da caverna a boca já tapar-lhe
 Co' aquella grande sobreposta pedra ;
 Porque não fuja , impede-lhe a fahida.
 Vai depois conduzir o Sacerdote
 Com seus Ministros por aquella estrada ,
 De poucos conhecida , da montanha.
 Faze-a prender , a fim que a vida perca ,
 Segundo a nossa lei , e os seus delictos.
 Bem sei que a Coridão tem promettido
 A fé de esposa ; e sei que este se cala ,
 Temendo-se de mim , que muitas vezes
 O tenho ameaçado ; mas agora ,
 Que elle vingue de dous a affronta quero.
 Mais tempo não se perca. Hum rijo esgalho
 Vou depressa arrancar desse carvalho.
 Este só bastará. Com elle posso
 Facilmente mover o grão penedo.
 Oh quanto péza ! Como está arraigado !
 Impellir he preciso o forte tronco
 Com mais violencia , e penetrar mais dentro ,
 Que despegar-se a pedra me parece.
 Feliz lembrança foi. Tambem se faça
 O mesmo deste lado. Oh quanto ainda
 Fortemente resiste ! Empreza he esta ,
 Mais do que parecia , trabalhosa.
 Arrancalla de todo inda não posso ;
 E nem se quer aos empuxões movella.
 Aqui dentro estará o mundo inteiro ?
 Ou me falta o vigor , que eu dantes tinha ?
 Que

Que maquinais, estrellas inimigas?
Mas a vosso pezar hei de movella.
Oh maldita Corisca! (e quasi disse
Quanta mulher sem fé no mundo existe.)
O' Pan Liceo, ó Pan, que tudo podes,
E tudo sabes, move-te aos meus rogos.
Pois que tambem tu foste amante terno
D'hum coração protervo, tu castiga
De Corisca a perfidia. Os teus amores
Hum tempo escarnecidos nella vinga.
Em virtude da tua divindade
Eu movo a mole ingente, e em virtude
Da tua divindade, ella se abala.
Preza ficou na cova esta raposa.
Preciso he pôr-lhe o fogo; e desejava
Que nelle ardessem todas as mulheres,
Quantas o mundo encerra assim malvadas
N'hum só incendio vellas abrazadas.

C O R O.

Amor quanto es potente!
Oh prodigio da natureza, e mundo!
Que coração tão vil, que fera gente
O teu poder não sente!
Mas que engenho sagaz póde profundo
Concebello na idéa?
Quem sente a chamma, que o teu fogo atea,
Importuna, e lasciva,
Dirá, que imperas creatura viva
Em materia animada.
Mas quem conhece quanto os teus ardores
Trans-

Transportão os amantes,
 E quão pállidos ficão vacillantes,
 Extinctos de improvizo os teus furores,
 Dirá que es immortal; que tens morada
 No espirito dos homens a mais fanta.
 » Tens semblante divino; tens humano,
 » Raro monstro, que espanta!
 » Da vista es cêgo, da sciencia infano.
 » Tu discurso não tens, não tens sentidos,
 » Tens a razão, e affectos confundidos.
 Mas tens imperio, e mando:
 A terra, o Olimpo a ti vive sujeito.
 Direi com tudo, salvo o teu respeito,
 Que não te exaltes, quando
 Ha no mundo portento mais pasmoso:
 Pois quantos glorioso
 Assombros causas com geral surpresa,
 Póde tudo causar huma belleza.
 Oh Ninfa! Oh dom celeste!
 Quão bem se me figura,
 Que a tua formosura
 Quem fez o Ceo, de mais assombros veste!
 Maravilhas não tens, que o Ceo não goza?
 Elle na vasta fronte
 Hum monstruoso Cyclope lhe gyra,
 Que a luz não dando a quem o admira,
 Só de grande cegueira he causa, e fonte.
 Quando suspira, e falla, elle se ostenta
 Pavoroso leão, que irado brama;
 Não Ceo, mas campo extenso

De

De furibunda, e horrida tormenta,
 Que fuzilando o fero raio inflamma.
 Tu c' o clarão immenso,
 Co' a doce vista angelica amorosa
 De dous serenos Soes, sempre luzentes,
 Tornas serena a mente procellosa,
 De quem emprega em ti vistas ardentes.
 Teu valor, tua graça,
 O gésto, a voz, o fogo, o movimento
 Fazem doce harmonia em teu semblante.
 O mesmo firmamento,
 Se inda mais que os Elyfios he brilhante,
 Em vão se iguala á tua divindade.
 Esse animal altivo,
 Que por homem se acclama,
 E que doma a mortal humanidade,
 Se a ti se rende, tem justo motivo,
 Vendendo a causa, que o inflamma.
 Se elle triunfante impera, se domina,
 Não he porque do sceptro, ou da victoria
 Tu sejas menos digna;
 Mas sim, para que tenhas maior gloria:
 » Pois tem maior louvor, mais glorioso
 Quem consegue hum triunfo mais custoso.
 Mais hoje a quem duvida
 Dá Mirtillo huma prova a mais subida;
 Que os homens vence, e toda a creatura
 A tua formosura:
 E este valor de mais tu inda alcanças,
 Que he produzir amor sem esperanças.

L

ACTO



ACTO QUARTO.

SCENA I.

CORISCA.

Tanto a mente occupei na firme idéa
De conduzir esta innocente ao laço,
Que mais me não lembrou o modo,
como

Recuperar houvesse os meus cabellos,
Que esse bruto villão roubados guarda.
Oh quanto me foi duro, foi sensível
Resgatar-me com preço tão sublime,
Com tão caro penhor! Mas foi preciso
Sahir das mãos d' huma indiscreta fera;
Bem que timida seja, e mais cobarde,
Mais fraca, do que hum coelho, poderia
Facilmente fazer-me mil ultrajes,
E mil crueis injurias vergonhosas.
Eu delle tenho sempre escarnecido,
E chupado qual negra sanguisuga
O fangue todo, que nas veias tinha.
De mim se queixa agora, lastimando
Que mais o não estimo: justa causa
Teria de queixar-se, se algum tempo
Eu o tivesse amado. « Não se póde
» Amar o que d'amor se faz indigno.
» Huma saudavel planta, que primeiro
» Foi

» Foi de quem a colheo muito estimada,
 » Depois, tirado o succo, inutil fica,
 » E qual immunda escoria se aborrece.
 » Eu depois que esgotei da mesma sorte
 » Toda a bondade, que elle em si sustinha,
 » Que outra cousa fazer me incumbe agora,
 » Senão lançar a immundicie aos porcos?

Ora vou ver se Coridão na gruta

Encerrado estará. Más ah! que vejo?

Que novidade he esta? Acaço durmo?

Isto he sonho, ou loucura? Estou bem certa,

Que ainda ha pouco desta gruta a entrada

Se achava aberta, agora está fechada?

E como são pezado seixo antigo

Precipitar-se pode de repente?

Estroendo não se ouviu de terremoto!

Se ao menos eu soubesse, que Amarillo

Preza com Coridão dentro se achava,

Nenhum cuidado o resto me daria.

Segundo percebi, me expoz Lizeta,

Que á gruta Coridão hoje viria;

E ha muito que devêra ter partido:

Quem sabe se já veio, e se Mirtillo

Ambos alli prendeo; que amor movido

De furiôsa raiva, não só pode

Huma pedra abalar, o mundo inteiro.

Se isto assim succedesse, não podia

Fazer Mirtillo acção, que mais conforme

Fosse ao meu coração, mais favoravel,

Inda quando seu peito se inflammasse,

Em lugar de Amarille, por Corisca.
Mas vou defengar-me á mesma gruta
Pela estrada do monte a mais occulta.

S C E N A II.

DORINDA, LINCO.

DORINDA.

E Na verdade, Linco,
Tu não me conhecias?

LINCO.

Quem conhecer podia
Nesses rusticos trajes tão medonhos
A formosa Dorinda?
Se eu fosse hum fero cão, como sou Linco,
Talvez que não gostasses
Que então te conhecesse.
Mas que vejo! Que vejo!

DORINDA.

Hum effeito d'amor tu vês, ó Linco;
E deste amante peito
Hum miserando singular effeito.

LINCO.

Huma menina, como tu, tão branda;
Tão delicadá, e tenra,
Não sei se diga ha pouco inda no berço,
Pois me parece que hontem,
Quando em serviço de teu pai andava,
Te trouxe nos meus braços pequenina;

E

E em quanto cultivava as tenras plantas,
Te ensinei a dizer *Pápa, Mãe*?
Tu, que primeiro, do que amor sentisses,
Qual a tímida corça costumavas
Temer de qualquer cousa,
Que de repente acaso se movesse?
Das arvores hum ramo, que impellido,
Ou fosse pelo vento, ou pelas aves;
Das pedras hum lagarcho, que sahisse,
Córrendo pelo campo,
Huma folha tremendo,
Te enchia de pavor, e desfaiavas;
Andas hoje vagando solitaria
Por bosques, e montanhas,
Sem receio dos galgos, ou das feras?

DORINDA.

Quem já sentio de amor amantes golpes,
Nova chaga não teme.

LINCO.

Bem mostra o seu poder em ti, Dorinda,
Pois de mulher em homem,
Ou de mulher em lobo te transforma.

DORINDA.

Se penetrar pudeesses
Meu coração, ó Linco,
Verias dentro em mim hum vivo lobo,
Qual simples cordeirinha
Minha alma devorar-me.

LINCO.

E qual he o lobo? Silvio?

Do-

DORINDA.

Ah! tu disseste.

LINCO.

E tu , porque elle he lobo ,
 Em loba voluntaria te mudaste ;
 Pois já que o não encanta hum rosto humano ,
 Se encanta ao menos d' hum de fera , e te ame.
 Mas diz-me , onde achaste
 Esses toscos vestidos ?

DORINDA.

Eu te explico : Bem cedo
 Esta manhã me encamphei ao sitio ,
 Onde ouvia dizer , que Silvia tinha
 Huma nobre caçada aparelhado
 Ao javali medonho do Erimantho.
 Apenas do azinhal tinha eu sahido ,
 Daí não muito longe ,
 Junto ao ribeiro , que do monte desce ,
 Acafo achei melampo ,
 Do bello Silvio o cão , que alli havia
 A sede , ao que mostrava , faciado ,
 E no vizinho prado descansava.
 Eu , que tudo respeito o que he de Silvio ,
 A mesma sombra do seu lindo corpo ,
 Dos seus pés os vestigios , não podendo
 O seu cão desprezar , que tanto estima ;
 Fui logo sorprendello.
 Elle sem resistencia ,
 Bem qual cordeiro manso , quiz seguir-me.
 Em quanto imaginava

No

No modo, com que havia conduzillo
Ao seu, e meu senhor; pois esperava
Ganhar sua affeição com esta offerta,
Que elle prezava tanto;
Então descubro Silvio, que seguindo
Em direitura vinha
Os rastros do seu cão; e aqui fez pausa.
Não quero, amado Linco,
Perder tempo em contar miudamente
Quanto passei com elle.
Em summa só te digo, que perdido
Longo tempo com vozes frascadas
De fingidas promessas,
Ausentou-se o tyranno,
Levando furioso
O seu fiel melampo,
Caro penhor da minha recompensa.

LINCO.

Oh duro Silvio! Oh peito sem piedade!
E tu, que então fizeste? Não te iraste
Co' a sua aleivosia?

DORINDA.

Antes como se o fogo
Do seu desprezo fosse
Para o meu coração chamma amorosa,
Cresceo com a sua ira o meu incendio.
Quiz com tudo seguir os seus vestigios,
E o caminho da caça
Interrompido fui continuando.
Achei daqui não longe o meu Lupino,
Que

Que me havia deixado
 Alguns momentos dantes: de repente
 A' lembrança me occorre disfarçar-me
 Nos seus servís vestidos;
 De sorte, que encuberta bem pudesse
 Ser tida por pastor entre os pastores,
 Seguindo, e vendo assim commodamente
 O meu amado Silvio.

LINCO.

E tu á caça foste
 Em lobo transformada?
 Os cães te virão, e voltaste illêsa?
 Grande arrojo, Dorinda!

DORINDA.

Não pafmes, Linco; porque os cães offensa
 Não podião fazer a quem he preza
 Ao seu caro senhor já destinada.
 Alli pois confundida
 Por entre a densa turba dos pastores
 Daquella vizinhança,
 Que havião concorrido á grande caça,
 Eu fóra das barracas,
 Sendo estava amorosa expectadora,
 E mais do caçador, que da caçada.
 Da horrivel fera a cada movimento
 Meu coração no peito palpitava.
 A cada acção do meu amado Silvio
 Com todos os affectos
 Minha alma de improviso se excitava.
 Mas esta summa gloria

AG.

Affás me perturbava
A vista pavorosa
Do javalí medonho, desmarcado
De força, e de grandeza.
Pois qual tufão violento
De impetuosa subita borrasca,
Que chóças, troncos, pedras, quanto encontra
Em pouco gyro, em pouco espaço aterra;
Assim a hum só ranger daquelles dentes
Cheios de escuma, e sangue,
Se vião juntamente
Os homens offendidos,
Mortos os cães, as lanças em pedaços.
Quantos desejos tive
De contractar com a raivosa fera
De Silvio a vida a troco do meu sangue!
Quantas vezes eu quiz correr diante,
E servir-lhe o meu peito ao seu de escudo?
Quantas vezes eu disse:
Perdoa, ó fero javalí, perdoa
Ao delicado seio do meu Silvio!
Em tanto que eu comigo assim dizia,
Fazendo preces, cheia de suspiros,
Vi que Silvio a melampo,
Armado de escamosa dura malha,
Contra a fera affolou impetuoso,
Que cada vez creava mais soberba,
Vendo em torno de si o horrendo estrago
De feridos pastores derribados,
Quebradas lanças, cães estraçalhados.

Não

Não poderei contar-te,
 Daquelle cão qual fosse a fortaleza.
 Justa causa tem Silvio de estimallo.
 Qual irado leão, que ás duras pontas
 D'hum indomito touro
 Ora encontra, ora foge,
 Té que huma vez na espadua
 Lhe lança as fortes garras, o segura,
 Toda a força lhe extingue,
 E torna immovel o raivoso touro;
 Tal o forte melampo,
 Fugindo astucioso
 Aos rodeios mortaes, aos crebros gyros
 Da fera monstruosa, finalmente
 Afferrou-lhe na orelha;
 E depois de lhe dar alguns balanços
 Com fortes succussões, a tinha firme,
 De forte que naquelle vasto corpo,
 Que apenas leves golpes recebêra,
 Fazer-se bem podia
 De ferida mortal hum alvo certo.
 Então, meu bello Silvio, n'hum momento,
 Invocando a Diana:
 Vibra este golpe, disse,
 Que eu faço puro voto
 De consagrar-te, ó Deosa, o casco horrivel.
 Dizendo assim, sacou d'aljava de ouro
 Huma rápida setta,
 E estendendo o seu arco poderoso
 Desde o principio até chegar ao ferro,

No

No mesmo instante a setta
 Por entre a espadua esquerda, e o pescoço,
 Toda cravou no javali medonho,
 Que subito cahio. Criei alentos,
 Vendo o meu Silvio fóra do perigo.
 Oh fera affortunada,
 Que expirar mereceste
 A'quellas mãos, que roubão
 Tão docemente os corações humanos!

LINCO.

E agora que farão da fera morta?

DORINDA.

Não sei, porque primeiro
 Que os mais me retirei, por não ser vista.
 Porém segundo o voto do meu Silvio,
 Penso, que sem demora
 A cabeça da fera
 Conduzirão solememente ao Templo.

LINCO.

E tu despir não queres esses trajes?

DORINDA.

Quero sim; mas Lupino,
 Que o meu fato guardou, os meus vestidos,
 Dizendo me esperava
 Junto á fonte, encontrar não foi possível.
 Meu Linco, se me estimas,
 Em seu alcance vai por esse bosque,
 Que elle não póde estar muito distante.
 Ves tu aquella moita?
 Nella te espero, e entretanto posso

Hum

Hum pouco descansar, que estou perdida
 De somno, e de fraqueza;
 E em semelhantes trajas
 Tornar á minha casa não quizera.

L I N C O.

Não partas pois: eu vou: por mim espera.

S C E N A III.

C O R O, E R G A S T O.

C O R O.

VO's já sabeis, pastores,
 Que o nosso Semideos, tão digno filho
 Do famoso Montano, quanto digno
 Descendente d' Alcides,
 Hoje nos tem livrado
 Da fera pavorosa, que infestava
 A nossa Arcadia toda,
 E que já se prepara
 A expór seu voto ao Templo.
 Se gratos ser quizermos
 A tanto beneficio,
 Vamos todos buscallo,
 E em nossos corações, em nossa boca
 Como libertador honrado seja.
 » D' hum magnanimo peito
 » Bem que seja o louvor pequeno preço;
 » Não se póde com tudo entre os humanos
 Mais sublime valor dar-se á virtude.

ER-

ERGA STO.

Oh desgraça fatal! Oh caso triste!
 Oh ferida mortal, e sem remedio!
 Oh cruel dia, dia lamentavel!

C O R O.

Que voz ouço d' horror, e pranto cheia?

ERGA STO.

Da nossa paz oh! Astros inimigos,
 Assim da fé zombais? A tanta altura
 Assim alçastes nossas esperanças;
 Porque depois cahindo,
 Maior damno causasse o precipicio?

C O R O.

Parece Ergasto: he elle certamente.

ERGA STO.

Mas devo acaço contra os Ceos queixar-me?
 Accusa-te a ti mesmo, ó triste Ergasto.

Tu só chegaste aquella

Materia perigosa

Junto ao fuzil d' Amor, tu o feriste,

E delle só tiraste

O lume, que foi causa

Desse mortal incendio inextinguivel.

Mas sabe o Ceo, meus fins se forão justos;

Sómente fui de compaixão movido.

Oh desdita de amantes!

Oh misera Amarillè!

Oh Titiro infeliz! Oh Pai sem filha!

Oh tu, Montano afflicto!

Oh desolada Arcadia! Oh nós perdidos!

Oh

Oh finalmente tudo lamentavel,
 Quanto vi, quanto vejo,
 Quanto ouço, quanto fallo, e quanto penso!

C O R O.

Que funebre successo
 Ai de mim! Será este,
 Donde a todos provém tanta desgraça?
 Vamos, pastores, vamos
 Buscar aquelle triste,
 Que em nosso alcance vem. Eternos Deoses,
 Ainda não he tempo
 De acalmar o furor? Benigno Ergasto,
 Declara-nos, que funebre successo
 Te move a tantos prantos, e lamentos?

E R G A S T O.

Amados companheiros,
 Lamento a vossa ruina, a minha choro,
 Choro a ruina da Arcadia.

C O R O.

Ah! que nos dizes?

E R G A S T O.

Cahio o fundamento
 Das nossas esperanças.

C O R O.

Ah! falla-nos mais claro.

E R G A S T O.

De Titiro a filha, esse novo ramo,
 Que brotava daquelle secco tronco,
 Unico arrimo já d'hum pai curvado,
 Essa unica esperança

Da

Da nossa salvação, que promettida,
 E pelos Ceos estava destinada
 Ao filho de Montano, cujas nupcias
 De mal tão grande a Arcadia livrarião;
 Essa celeste Ninfa,
 Essa sabia Amarille,
 Que era da honra exemplo,
 E flor da honestidade;
 Essa mesma, ai de mim! que a proferillo
 O coração me estala!

C O R O.

Acafo he morta?

ERGASTO.

Não; mas bem cedo morre.

C O R O.

Ai de mim! Ceos! que escuto?

ERGASTO.

E nada ainda sabes:

He desgraca maior morrer infame.

C O R O.

Ai! Amarille infame! Como, Ergasto?

ERGASTO.

Hum adultero foi com ella achado.

Se aqui te demorares,

Verás que preza he conduzida ao Templo.

C O R O.

» Oh! bella, e singular, porém custosa,

» E difficil virtude

» Do sexo feminino! Oh! castidade,

» Quanto es hoje tão rara!

Aca-

Acafo chamaremos
 Mulher honesta áquella que sómente
 Não foi solicitada?
 Oh que infelices tempos!

ERGA STO.

Se aquella, que era a mesma honestidade,
 Se encontra deshonesto,
 D'outra com justa causa
 A honestidade suspeitosa fica.

C O R O.

Ah! benigno pastor, todo o successo
 Não te seja penoso referir-nos.

ERGA STO.

Direi: esta manhã bastante cedo
 Foi, como vós sabeis, o Sacerdote
 C'o triste pai da mal fadada Ninfa
 A visitar o Templo sacrosanto,
 Ambos d'hum mesmo intento só movidos;
 Qual era prosperar com rogativas
 As nupcias de seus filhos,
 Que elles ansiosamente appetecião.
 Ambos para este fim ao mesmo tempo
 Offerecêrão victimas nas aras.
 Solemnemente feito o sacrificio,
 Nunca já mais se virão
 Prefagios tão felices,
 Nem mais bellas entranhas,
 Nem chamma menos turva, ou mais brilhante.
 Destes sinaes movido
 Disse o cego profeta: Hoje, Montano, Se-

Será teu filho amante; e a tua filha
 Hoje, Titiro, esposa:
 Vai tu depressa preparar-lhe as nupcias.
 Oh! que vans profecias!
 Que insensatos discursos de agoueiros!
 E tu, profeta, que es não menos cego
 Por dentro, que por fóra!
 Se tivesses a Titiro mandado
 Em vez de nupcias preparar-lhe exequias,
 Verdadeiro profeta então serias.
 Os circumstantes todos se alegrarão,
 E os velhos pais chorarão de ternura.
 Apenas tinha Titiro partido,
 Subitamente logo retumbarão
 Do Templo pelas concavas paredes
 Quebrados écos d'hum medonho estrondo,
 Que encheo de susto a todos, pois julgavão
 Pavorosos signaes da furia sacra,
 Com estes repentinos,
 Tão crueis, ai de mim! tristes agouros
 O como ficaria
 Qualquer de nós attonito, e confuso,
 Depois d'hum bom principio; vós, pastores
 Amados, vós pensai. Em quanto oravão
 No Sacrario maior os Sacerdotes
 Das grades para dentro, e nós de fóra
 Estavamos attentos, e devotos
 A's fantás preces, derramando prantos;
 Eis-que apparece o Satyro malvado,
 Pedindo com presteza ao Sacerdote,

M

Que

Que audiencia lhe dêsse , a fim de expôr-lhe
Hum caso repentino. E fui eu mesmo ,
Como vos he notório ,
Segundo o meu officio , conduzillo.
A noticia que trouxe ,
A' feia cara bem se assemelhava.
E chegando a fallar : O' Padres, disse ,
Se as victimas , e incensos
Aos vossos votos não correspondêrão ;
Se sobre estes altares
Ardentes não brilhárão puras chammas ,
Não deveis admirar-vos ,
Que mais impuro crime se commette
Na cova de Ericina.
Alli hoje se quebra a Lei sagrada ;
Huma pérvida Ninfa alli profana
C' hum adultero infame
A vossa Lei , e a fé do mundo rompe.
Aprellem-se os Ministros , e comigo
Prendellos venhão em fragrante crime ,
Que eu facilmente insinuarei os meios.
Então (oh mente humana !
Quanto no teu destino
Es estúpida , e cega !)
Os bons afflictos pais por algum tempo
Contentes respirárão ,
Julgando que só esta fosse a causa
De suspender-se o sacrificio infaulto.
E logo o Sacerdote
Ordenou a Nicandro ,

Seu

Seu ministro maior, que prestes fosse
 Co' aquellé accusador, e que os amantes
 Ambos ao Templo conduzisse prezos.
 Partio Nicandro logo, acompanhado
 Dos ministros menores,
 E pelo atalho occulto tenebroso;
 Que o Satyro mostrou, foi ter á gruta.
 Alli a triste Ninfa
 De improviso invadida, e horrorizada
 Talvez ao resplendor d'accezos fachos,
 Sahindo para fóra do escondrijo,
 Que ha no meio da gruta,
 Escapar-se intentou, segundo penso,
 Pela mesma sahida,
 Que o Satyro sagaz, e caviloso
 Nos disse, ha pouco dantes ter fechado.

C O R O.

E o Satyro entretanto que fazia?

E R G A S T O.

Depois que os seus intentos
 Descubrio a Nicandro,
 Cuidou em retirar-se.
 Pastores, eu não posso
 Dizer-vos, como todos
 Espantados, attonitos ficarão,
 Vendo de Titiro a filha,
 Que ainda antes de ser preza
 Foi logo conhecida.
 Nem poderei dizer o modo, e como
 Sahio Mirtillo a acudir valente,

M i

Im-

Impetuoso arremessando o dardo,
 Que elle nas mãos trazia,
 Para ferir Nicandro;
 Que hoje vivo não fora,
 Se acaso o ferro a penetrar chegasse
 Na parte, aonde as mãos o destináraõ.
 Porém no mesmo instante,
 Em que vibrou o golpe,
 Desviou-se Nicandro, ou fosse acaso,
 Ou destra prevenção, seguio avante
 O mortifero ferro,
 Deixando illeso o peito,
 Que a passagem lhe abrio, e não findando
 O perigoso golpe,
 Nos hirsutos vestidos
 O ferro se envolveo por tal maneira,
 Que arrancallo Mirtillo não podendo,
 Foi cercado tambem, tambem foi prezo.

C O R O.

Que destino lhe derão?

E R G A S T O.

Foi conduzido ao Templo
 Por diverso caminho.

C O R O.

Por que motivo?

E R G A S T O.

Para deste facto
 Melhor se examinar toda a verdade.
 Quem sabe se elle acaso não merece
 Impunido ficar, por ter tentado

Pôr

Pôr as mãos nos Ministros, offendendo
Do Sacro Sacerdocio a magestade?
Oh! se eu pudeſſe ao menos
Ter conſolado aquelle miseravel!

C O R O.

E porque não pudeſte?

E R G A S T O.

Porque a Lei prohibe
Aos Miñiſtros menores
Poder fallar aos réos.
Por eſta cauſa me apartei dos outros,
E vou ao Templo com diverſo intento.
Sim, vou pedir ao Ceo com puras preces,
Com lagrimas devotas, que ſe digne
Mudar eſta tão negra tempeſtade
Em tempo mais ſereno. A deos, paſtores,
Em paz vos deixo; e vós co' as preces voſſas
Acompañhai as noſſas.

C O R O.

Aſſim faremos, logo que tivermos
Os devidos officios tributado
Ao noſſo amado Silvio.
Deoſes do Ceo Supremo,
Ah! moſtrai-nos a voſſa eternidade,
Não com furor, mas ſim com piedade!

SCE-

S C E N A . I V .

CORISCA.

VO's, triunfantes Louros,
 Cingi-me em roda toda
 A vencedora, e gloriosa fronte;
 Pois hoje felizmente
 Peleijei, e venci de amor no campo.
 Hoje o Ceo, hoje a Terra,
 A Natureza, as Artes,
 A Fortuna, o Destino,
 Amigos, e inimigos
 Em meu socorro todos combaterão.
 Até o mesmo Satyro perverso,
 Que tanto me detesta,
 Ajudado me tem, bem como se elle
 Proveito algum tivesse em minhas glorias.
 Oh! quanto melhor foi, que na caverna
 Em vez de Coridão, por mim já dantes
 Suggestido, Mirtillo se encontrasse,
 Para fazer-se mais acreditavel,
 E mais enorme a culpa de Amarille!
 E posto que com ella
 Fosse Mirtillo prezo, será livre,
 Que só a Lei a adultera castiga.
 Oh solemne victoria! Oh grão triumpho!
 Levantai-me hum troféo,
 Embustes amorosos,
 Que á minha lingua déstes, e a meu peito
Ir-

Irresistíveis, mais que humanas forças.
 Mas que esperas, Corisca?
 Não deves neste sitio demorar-te,
 Em quanto hoje não vês da Lei a pena
 Contra a tua rival executada.
 Vai pois refugiar-te,
 Que ella imputar-te póde o seu delicto,
 Por mostrar-se innocente; e o Sacerdote,
 Do seu destino antes que decida,
 Talvez primeiro queira
 A verdade indagar da tua boca.
 Foge, Corisca, foge. « Os pés ligeiros
 » Só podem ter segura
 » Da lingua a impostura.»
 Occulta vagarei por estes bosques,
 Até que o tempo chegue,
 Em que dos frutos da victoria goze.
 Oh! Corisca ditosa!
 Quem vio já mais empreza tão famosa!

S C E N A V.

*NICANDRO, AMARILLE**NICANDRO.*

Quem dos teus males não se compadece,
 Misera Ninfa, e hum pezar não sente
 Tanto maior, que a tua desventura,
 Quanto menos pensou quem a conhece,
 Não tem por certo humanos sentimentos,
 Ou

Ou não tem coração, ou tem de pedra.
 Ver sómente em prizão huma donzella
 De vista, e de presença respeitavel,
 De semblante divino, em cujo obsequio
 Podia o mundo levantar altares,
 Victimas consagrar, ser conduzida
 Victima ao Templo, he scena na verdade,
 Que enxutos olhos ver se não atrevem.
 E quem sabe qual era o teu destino;
 Para que fim nasceste; que eras filha
 De Titiro; a ser Nora de Montano
 Estavas destinada; que ambos estes,
 Não sei se pais, ou se pastores chame,
 Erão d' Arcadia os mais apreciados;
 Que tu tão nobre, bella, tão famosa,
 Linda donzella, ainda tão distante
 Do termo natural da tua vida,
 Tanto em chegar á morte te apressaste;
 Quem sabe isto, e não chora, não lastima,
 Não he homem, sim fera em vulto humano.

AMARILLE.

Se culpa minha fosse a minha forte,
 Nicandro, ou fosse, como crês, effeito
 D'huma intenção maligna,
 Eu não sentíra tanto,
 Que fosse hum crime forte
 Punido com a morte:
 Antes com justa causa,
 Derramando o meu sangue,
 Purificar devia esta alma immunda,

Fa-

Fazer mais branda a colera dos Deoses,
Satisfazer dos homens a justiça.

Sómente assim tranquillizar podia
A afflicção da minha alma,
E com bem justo sentimento interno
Da merecida pena,

As minhas sensações mortificando,
Me iria acostumando

Pouco a pouco a morrer; e passaria
Talvez em hum socego bem tranquillo
A mais tranquilla vida.

Mas ah! Nicandro, muito,
Muito me custa, que em tão tenra idade,
Em tão alta fortuna,
Eu deva assim morrer tão de repente,
E morrer innocente.

N I C A N D R O.

Antes os Ceos quizessem, triste Ninfa,
Que contra ti os homens só peccassem,
Do que houveses tu contra os Ceos peccado!

Hoje era-nos mais facil o teu nome
Manchado restaurar da torpe infamia,
Do que applicar os violados Numes.

Mas, Ninfa desgraçada, eu não descubro
Quem te offenda; tu mesma te offendeste.

Ora dize: Não foste em sitio occulto
Com o adultero achada? Só com elle
Na caverna entretida não te virão?

Esposa promettida tu não foste
Ao filho de Montano? E desta sorte

Não

Não es traidora? A' fé tu não faltaste?
Como he possível innocente estejas?

AMARILLE.

Parece hum crime enorme; mas confesso,
A Lei não transgredi, sou innocente.

NICANDRO.

Talvez que contra a Lei da Natureza,
Que diz: *Se queres, ama*, não peccasses:
Mas contra a Lei do Ceo, e a Lei dos homens,
Que diz: *Ama, se he justo*, delinquistes.

AMARILLE.

Se he certo, que influir os Ceos só podem.
Sobre os nossos successos,
Culpados são os homens, são os Ceos,
Concordes em meu damno;
Pois quem, senão meu fado, poderia
Castigo impôr-me pela culpa alheia.

NICANDRO.

Ninfa, que dizes? Cala,
Cala essa boca, de excessiva raiva
Transportada lá onde
Mais puros corações chegar não podem.
Não culpes o destino;
Pois que nós a nós mesmos
As nossas desventuras fabricamos.

AMARILLE.

Não culpo os Ceos, accuso
Nelles o meu cruel iniquo fado;
E muito mais crimino a aleivosia
De quem me fabricou tão vil engano.

Ni-

NICANDRO.

Pois crimina a ti só, que te enganaste.

AMARILLE.

Enganei-me; mas foi no engano alheio.

NICANDRO.

Quem dos enganos gosta, não se engana.

AMARILLE.

Julgas-me então capaz d'acções infames?

NICANDRO.

Tanto não fei dizer-te; as obras digão.

AMARILLE.

Nem sempre o coração as obras mostram.

NICANDRO.

Não vemos corações, as obras vemos.

AMARILLE.

C'os olhos d'alma o coração se indaga.

NICANDRO.

Mas cegos são, se impugnaõ os sentidos.

AMARILLE.

Sempre os sentidos a razão governa.

NICANDRO.

Não governa a razão, se o facto he certo.

AMARILLE.

Ora seja o que for; minha alma he pura.

NICANDRO.

Quem, senão tu, te conduzio á gruta?

AMARILLE.

A minha fingeleza, e facil crença.

NICANDRO.

Achar suppunhas hum amante honesto?

AMA-

AMARILLE.

Amante não; huma infiel amiga.

NICANDRO.

Qual amiga? A paixão, que te inflammava?

AMARILLE.

A Irmã d'Ormino, que me foi traidora.

NICANDRO.

Doce traição nos braços d'hum amante.

AMARILLE.

Sem que eu soubesse, foi Mirtillo á gruta.

NICANDRO.

E tu para que foste? O fim qual era?

AMARILLE.

Não foi por causa de Mirtillo, e basta.

NICANDRO.

Se outra razão não dás, estás vencida.

AMARILLE.

Se eu innocente estou, Mirtillo o diga.

NICANDRO.

Mirtillo, que foi causa do teu crime?

AMARILLE.

Essa, que me enganou, chame-se em prova.

NICANDRO.

E que fé póde ter, quem fé não teve?

AMARILLE.

Eu jurarei no nome de Diana.

NICANDRO.

Perjura já tu foste em teus delictos.

Ninfa, eu fallo claro, não te engano;

Busca melhores provas, por que evites

Mais

Mais confusa vencer maior trabalho.

Quanto dizes he sonho. « As turvas aguas

- » De charcos enlodados, não nos lavão :
 - » Nem póde hum coração, que não he recto,
 - » Fallar com rectidão. Se o facto accusa,
 - » Toda a defeza offende. A tua honra
 - » Zelar devias com maior pureza,
 - » Do que zelas a luz dos proprios olhos. »
- Porque deliras? Olha que te enganas.

AMARILLE.

Pois devo assim morrer? Assim, Nicandro,

Ai de mim! Sem defeza?

Sem fer ouvida? Ou ter quem me defenda?

De todos desprezada?

Sem esperança alguma? Acompanhada

Sómente d' huma extrema, miseravel,

E nesta compaixão, que não me vale?

NICANDRO.

Ninfa infeliz, teu coração locega.

Se em delinquir tiveste pouco acordo,

Mostra ao menos juizo, supportando

As afflicções do teu fatal castigo.

Se tu do Ceo procedes,

Levanta ao Ceo teus olhos.

» Tudo quanto no mundo

» De bem, ou mal se encontra,

» Só do Ceo nos provém, bem como o rio

» Nasce da fonte, e da raiz a planta.

» E tudo quanto mal se nos figura

» Na terra, cujos bens todos involvem

» MIL

» Mistura de mil males ;
 » No Ceo , que em si os bens todos encerra ,
 » Talvez que hum mal não seja. O Grande
 A quem se não encobre (Jove ,)
 O mais pequeno humano pensamento ,
 E aquella veneravel Divindade ,
 De quem Ministro sou , ambos conhecem
 O quanto me interneço dos teus males.
 Se as minhas duras vozes penetrantes
 Teu coração ferirão , fiz o mesmo ,
 Que costuma fazer a mão ; que cura.
 Esta , sendo cruel com piedade ,
 Vai c' o ferro tentando os escondrijos
 Da profunda ferida , até que chega
 A' parte , em que mortal mais se receia.
 Socega pois , ó Ninfa ,
 Controverter não queiras por mais tempo ,
 Escrita assim no Ceo , a tua sorte.

A M A R I L L E .

Oh ! barbara sentença ,
 Em qualquer parte , aonde escrita esteja ,
 Ou no Ceo , ou na Terra !
 Porém não póde estar no Ceo escrita ,
 Que o Ceo conhece bem minha innocencia.
 Mas que vale , se ao Ceo convem que eu
 morra ?
 Ah ! que este lance he duro ! Este , Nicandro ,
 O trago horrivel cheio de amargura !
 Por essa piedade ,
 Que tu comigo mostras : ah ! te imploro ,
 Não

Não me conduzas tão depressa ao Templo;
Espera hum pouco mais, espera, espera.

NICANDRO.

Oh! Ninfa, a quem morrer he tão custoso,
» Não faças mais extensa a tua morte
» Co' a prolongada serie dos teus males.
» O tormento maior, que a morte causa,
» He pensar-se em morrer. Quanto mais breve
» Morre aquelle, que a morrer se obriga,
» Tanto mais breve a sua morte evita.»

AMARILLE.

Talvez que inda me venha algum soccorro.
Meu Pai, ó Pai amado,
Tambem me desamparas?
Es Pai d' huma só filha,
E assim morrer a deixas? Não lhe vales?
Deixa ao menos beijar-te a mão paterna;
Não me negues os osculos extremos.
Hum só ferro traspassará dous peitos.
A ferida mortal da tua filha
Fará tambem correr teu puro sangue.
Amado Pai! Oh! nome n'algum dia
Tão doce, e meigo, que invocar debalde
Eu nunca costumava!
Estas as nupcias são, que preparaste
A' tua amada filha?
Esposa de manhã, de tarde morta?

NICANDRO.

Basta, Amarille: a tua dor modera.
Para que em vão pertendes

A

A ti mesma causar, e a quem te escuta
 Hum tão longo tormento?
 He tempo já de conduzir-te ao Templo;
 Nem permite o meu cargo mais demora.

A M A R I L L E.

A deos, amados bosques,
 Eu vos deixo, retiros preciosos:
 Recebei estes ultimos suspiros,
 Até que solta das prizões do corpo
 A minha sombra fria,
 Torne a vir habitar nas vossas sombras,
 Que tanto me encantavão:
 Pois que jazer não póde huma innocente
 No tormentoso Averno;
 Nem póde ter descanso nos Elyfios
 Huma alma d'afflicções desesperada.
 Oh! Mirtillo, Mirtillo,
 Foi desgraçado o dia, em que meus olhos
 Fulminarão nos teus de amor os raios.
 Já que tu estimavas
 Mais do que a tua propria a minha vida,
 Não podia ser esta
 De outra maneira tua, senão sendo
 Tu mesmo a occasião da minha morte.
 Por teu respeito morre condemnada
 Quem o creeria! aquella,
 Que só te abandonava
 Por viver innocente.
 Oh! quanto fui constante!
 E tu quão pouco ousado! Melhor fora

De

De todo haver fugido, ou ter-te amado;
Pois sempre morro, e morro sem delicto,
Sem ti, meu coração, e sem gozar-te.
Morro, ai de mim! Mirtil.....

NICANDRO.

Ah! que ella morre!

Oh! desgraçada! Vós correi, pastores,
Ajudai-me a sustella. Oh! féro caso!
Pronunciando o nome de Mirtillo,
Nó meio da palavra
A carreira findou dos tristes dias!
Amor, e dura mágoa a libertarão
Das dores do cutello.
Oh! misera donzella!

Mas ah! que inda respira, e palpitante
Lhe sinto o coração, final que vive!
Podemos ir á fonte aqui vizinha.
Talvez que os seus espiritos perdidos
Lhe possão restaurar as frias aguas.
Mas quem sabe, se acafo he tyrannia
Piedoso fer com quem de penas morre
Por não morrer de ferro?
Seja o que for: eu devo soccorrella.
Faça-se agora o que a piedade vence,
Que o futuro agourar aos Ceos pertence.

N

SCÉ-

S C E N A VI.

*CORO DE CAÇADORES, CORO DE PASTORES
COM SILVIO.*

CORO DE CAÇADORES.

OH! Silvio glorioso,
Digna estirpe d' Alcides,
Que féros monstros vences, não duvides!

CORO DE PASTORES.

Oh! Silvio glorioso,
Que vencendo extinguisse
A féra do Erimantho,
Que viva inconquistavel se mostrava!
Esta a cabeça horrivel,
Que inda morta parece a morte inspira:
Este o troféo illustre,
Estes os nobres frutos das fadigas
Do nosso Semideos!
Seu grande nome celebrai, pastores,
E entre nós este dia
Seja sempre solemne, e sumptuoso.

CORO DE CAÇADORES.

Oh! Silvio glorioso,
Digna estirpe d' Alcides,
Que féros monstros vences, não duvides!

CORO DE PASTORES.

Oh! Silvio glorioso,
Que pela Arcadia expões a propria vida!

» Ef.

- » Este o justo caminho
- » De chegar á virtude,
- » Os trabalhos vencendo, e os fuores,
- » Que pela estrada os Deoses espalharão,
- » Quem aspira ás venturas
- » Soffrer primeiro deve as desventuras,
- » Nem da esteril molle ociosidade,
- » Que o trabalho abomina,
- » Mas da fadiga, que a virtude ensina,
- » Póde nascer descanso decoroso.»

CORO DE CAÇADORES.

Oh! Silvio glorioso,
 Digna estirpe d' Alcides,
 Que féros monstros vences, não duvides!

CORO DE PASTORES.

Oh! Silvio glorioso,
 Por quem os ferteis campos
 Hum tempo sem lavoura, sem cultura,
 Já fecundos recobráo a verdura!
 Já podes, lavrador, seguramente
 Pegar no ocioso arado;
 Manda a semente á terra,
 E os doces frutos a seu tempo espera.
 Já não temas os pizem fortes garras,
 Ou dentes tragadores os devorem;
 E nem para que possas
 Teus dias sustentar, ser mais esperes
 Molesto a ti, aos mais fastidioso.

CORO DE CAÇADORES.

Oh! Silvio glorioso,

N ii

Di.

Digna estirpe d' Alcides,
Que féros monstros vences, não duvides!

CORO DE PASTORES.

Oh! Silvio glorioso,
Como da tua gloria o Ceo prefago,
Com ella se nos mostra tão risonho!
Talvez foi semelhante
O javali famoso,
Que Alcides subjugou; e tu não menos
Aquelle vencerias, bem que fosse
Tua primeira empreza,
Assim como algum dia
Do teu grande ascendente foi terceira.
Mas tu começas a brincar co' os monstros,
Mostrando ainda hum juvenil esforço:
Nelles farás em mais crescida idade
Outro maior estrago sanguinoso.

CORO DE CAÇADORES.

Oh! Silvio glorioso,
Digna estirpe d' Alcides,
Que féros monstros vences, não duvides!

CORO DE PASTORES.

Oh! Silvio glorioso,
Como o valor co' a piedade ajustas!
Eis-aqui, Cinthia, o voto,
Que Silvio reverente te consagra.
Olha a cabeça do soberbo monstro
D' hum lado, e d' outro em teu desprezo arde
De curvas brancos dentes, (mada
Que ás tuas alvas pontas se assemelhão.)

Oh!

Oh! Deosa poderosa,
 Se tu de Silvio a lança dirigiste,
 A ti se deve do triumpho o preço,
 Que não fora sem ti victorioso.

CORO DE CAÇADORES.

Oh! Silvio glorioso,
 Digna estirpe d' Alcides,
 Que féros monstros vences, não duvides!

S C E N A VII.

CORIDA ã.

S Uspenso tenho estado em crer o quanto
 Sobre Corisca o Satiro me informa;
 Mas antes desconfio, seja engano
 Malignamente em minha ruina armado.
 Bem longe da verdade me parece,
 Que no mesmo lugar, onde elle havia
 Comigo estar (senão he falso quanto
 De seu mandado me avisou Lizeta)
 Tão repentinamente agora fosse
 C' hum adultero preza; mas eu vejo
 Certo final, que a idéa me perturba.
 Essa bocca da gruta assim fechada
 Com tão disforme pedra, bem confirma
 Os factos, de que o Satiro me informa.
 Oh! Corisca, Corisca! Experimentado
 Tuas tramoias tenho; e julguei sempre
 Que á força de te expôr a tantos riscos,
 Por fim cahisses em teus proprios laços,
 Sem

Sem que já mais pudeesses levantar-te.
Tantos enganos, tanta aleivosia,
Embustes tantos, para quem não fosse
Cego d' amor, privado de juizo,
Verdadeiros presagios ser devião
De quéda tão mortal. Oh! eu bem haja,
Que tanto me detive! O longo espaço,
Que meu Pai me entreteve (que simpleza!)
Cruel estorvo então se me figura,
E vejo agora foi grande ventura.
Se ao tempo pois chegasse, em que Lizeta,
Que eu viesse, ordenou, acontecer-me
Algum funesto encontro poderia.
Mas que farei? Acafo armado d' ira
Reçorrer aos ultrajes, á vingança?
Não, que honralla he muito; pois querendo
Discorrer com acerto, o caso he digno
De piedade mais, que de vingança.
Terás pois compaixão de quem te engana?
Mas ella armou traições contra si mesma,
Deixando quem a amava com fé pura,
Foi dar-se em preza a hum pastor indigno,
Vagabundo, estrangeiro, que bem cedo
Aleivoso será, mais que ella, falso.
Mas que? Vingar-me devo d' huma affronta,
Que a vingança consigo traz unida?
A compaixão, que tenho do seu damno,
Não me vingá inda mais, que os meus furores?
Mas ella te enganou: os seus enganos
Vão honrar-te inda mais, e de vangloria

Jus

Justos motivos dão. Ah! quem me engeita?
Huma mulher, que as suas artes todas
Applica em proprio damno; que não sabe
As Leis d'amor, as Leis de fer amada;
Que estima sempre a quem merece menos,
E a quem merece mais sempre aborrece.
Mas dize, Coridão, para vingar-te,
Se o furor do desprezo não te abala,
Como he possível que te não provoque
A dor da perda ao menos, do teu damno?
Mas eu nada perdi, não era minha:
A mim, que alheio era, libertei-me:
Nem perda com razão chamar-se póde
A falta d'huma vil mulher vaidosa,
Tão facil, e tão prompta em ser mudavel.
Mas suppondo fer perda, que perdeste?
Huma belleza falta de decencia;
Hum rosto sem juizo; hum falso peito
Sem coração; hum coração sem alma;
Huma alma sem constancia; huma fantasma,
Sombra vã, e d'amor hum vil cadaver,
Que á manhã se verá corrupto, e podre.
E isto perda se chama? Eu chamo hum lucro
O mais affortunado, o mais sublime.
Se te falta Corisca, acafo falta
Novo objecto d'amor? Mais bellas Ninfas,
De mais merecimento não conheces?
Faltar hade a Corisca hum firme amante,
Qual Coridão, de quem se fez indigna.
Se executar quizesse agora, quanto

O Satiro aconselha , 'estou bem certo
 Que a transgressão da fé hoje accusando ,
 Seria a sua morte inevitavel.
 Mas eu não tenho hum coração tão baixo ,
 Que baste a perturballo huma inconstancia.
 Fora feliz , teria muita gloria
 A feminil perfidia , se preciso
 Para vingalla fosse sentir mágoas
 Hum peito varonil , e perturbar-se
 A doce paz d'huma alma bem nascida.
 Viva embora Corisca ; e hoje a vida
 De mim receba , ou se melhor me explico ,
 Por mim não morra , e para os outros viva.
 Sua vida será minha vingança :
 Viva sim para ter perenne infamia ;
 Para esse vil , e torpe amante viva ;
 Meu odio não merecem ; tenho ao vellos
 Della mais compaixão , que delle zelos.

S C E N A VIII.

S I L V I O.

OH! Venus, tu es Deosa só de gente
 Louca, ociosa, e cega,
 Que com impuros votos,
 E com torpe religião profana
 Levanta templos, te consagra altares.
 Mas eu que disse? Templos! Negros coitos.
 De nefandas acções, immundas obras,
 Feitos para encubrir a sua ímpia

Tor-

Torpeza fraudulenta
C' o titulo famoso
Da tua divindade.
E tu, fordida Deosa,
Porque a tua deshonra
Menos se veja na deshonra alheia,
Então lhe affrouxas da lascivia as redeas.
Tu da humana razão es inimiga,
Maquinadora só de acções furtivas,
Depravação das almas,
Dos homêns, e do mundo estrago, e ruina.
Bem mostras que do mar nascida foste;
Pois sendo digna filha
Desse perfido monstro,
Com ventos de esperanças lisongeiras
Começas a encantar humanos peitos;
Depois nelles excitas
Tormentas tão medonhas
De impetuosos negros pensamentos,
De prantos, e suspiros,
Que mãe das tempestades, dos furores
Antes devia appellidar-te o mundo,
E não a mãe de amor.
Olha em quantas miserias
Precipitar fizeste
Aquelles dous amantes desgraçados.
Vanglorea-te agora
Do teu poder supremo,
Perfida Deosa, vai, se podes, salva
A vida áquella Ninfa,

Que

Que tu com teus affagos
 Envenenaste, e conduziste á morte.
 Bem haja o feliz dia,
 Em que te consagrei animo casto,
 O' Cinthia, minha Deosa,
 Casta Deosa, meu Numen verdadeiro!
 Tu na terra illuminas
 As mais illustres almas,
 Bem como no Ceo brilhas
 Inda mais que as estrellas.
 Quão mais louvaveis são, e mais seguros
 Os cuidados daquelles, que te adorão,
 Que os desses infelices vis escravos
 De Venus dissoluta!
 Os que te seguem, matão féros monstros;
 E os que Venus estimão, tristemente
 São pelos mesmos monstros devorados.
 Oh! Arco, meu poder, e minha gloria!
 Oh! Settas, minhas forças invenciveis!
 Agora venha experimentallas, venha
 Elle Sceptro d' amor, e vã fantasma
 Da mão co' as armas feminis; e venha
 Comvosco a comparar-se
 Nas pungentes feridas.
 Mas que? Honro-te muito,
 Cobarde vil menino:
 E para que me entendas
 Melhor, gritando digo:
 Que para castigar-te
 Açoutes bastão. bastão.

Quem

Quem he que me responde?
Será éco, ou amor, que assim fingindo,
Na voz empeçou. sou.
Muito fólgo. Mas dize com verdade,
Serás tu mesmo? mesmo.
Es o filho daquella, que algum dia
Sentindo por Adonis torpe chamma,
Se inculca Deosa? Deosa.
Seja Deosa: mas vamos, dize, aquella
Concubina de Marte,
Que co' a sua lascivia
Pode manchar os Ceos, fazer a terra
Inficionada? nada.
Mas he loucura estar clamando ao vento.
Sahe para fóra, sahe, que eu te não temo:
Vencer-te posso. posso.
Es hum fraco: mas dize, dessa Deosa
Es legitimo filho,
Ou es bastardo? ardo
Pois se ardes, já não creio
Que es filho de Vulcano;
Nem te creio hum Deos Deos.
E Deos de que? D'hum peito immundo? ...
Mundo.
E na verdade reges o Universo?
Que temivel rapaz, que os seus desprezos
Tão poderoso vinga
Severo, e justo justo.
E quaes as penas são, com que castigas
Os que se mostram contra ti rebeldes

A

A tanto amar? amar.
 E que farás de mim, que te aborreço;
 Que tenho hum coração inda mais rijo,
 Que diamante? amante.
 Amante a mim! Es louco.
 Quando será, que em meu honesto peito
 Amor se alloje? hoje.
 E tão prestes amor virá? irá.
 Que Ninfa terá forças
 Para fazer com que eu a adore? ... Dore.
 Queres dizer Dorinda; e a palavra,
 Menino, a tua lingua
 Pronunciar não póde, que paraste
 No meio della? ella.
 Mas ella quem? Dorinda, que aborreço
 Mais do que á ovelha o lobo?
 Violentar quem póde
 Este genio meu? eu.
 E como? Com quaes armas? Qual o arco?
 Talvez o teu? o teu.
 O meu? Como? Dizer-me acafo intentas,
 Que com tua lascivia ainda podes
 Corrompello? rompello.
 E assim despedaçadas minhas armas
 Podem guerra fazer-me? Quem tem forças
 Para as quebrar, tu? tu.
 Turbado estás; foi vinho, que bebeste,
 Vai-te deitar, e dorme.
 Mas quizera saber, aonde intentas
 Fazer empresas taes? Aqui? Aqui.
 Que

Que loucura! Eu me audento:
Conhecerás se es bebado, agoureiro
Falso, e indigno. . . . digno.
Porém eu vejo, ou ver se me figura
Naquella leiva descançando hum vulto,
Que a lobo se affemelha.
E não me engano, he certamente lobo.
Que disforme grandeza!
Oh! dia ás minhas prezas destinado!
Que favores são estes, Deosa amada?
Duás feras vencer em hum só dia?
Mas que espero, Diana?
Esta setta, que julgo a mais pungente,
E mais veloz de quantas guarda a aljava,
Escolho no teu nome:
A ti a recommendo;
Tu a dirige, Caçadora eterna,
Pela mão da Fortuna,
E nesse monstro crava.
A tua divindade he infallivel:
Eu já de consagrar-lhe faço voto
Do triunfo os despojos,
E teu nome invocando, já disparo.
Oh! que excellente tiro!
Justamente cahio aonde os olhos,
E mãos o destináráo.
Se o meu dardo tambem aqui tivesse,
Agora contra a fera o arremeçava,
Pois temo que me fuja,
Ou se vá embrenhar por esses bosques.

Pois

Pois não tenho outras armas,
Ferillo vou com as que a terra offrece.
Mas são bem raras neste sitio as pedras!
Nem huma aqui se encontra!
Porém se estou armado,
Que outras armas procuro?
Esta frécha não póde
Ferir o vivo monstro? Mas que vejo?
Ai de mim! Ai de mim! Oh! triste Silvio!
Ah! que fizeste? Que hum pastor feriste,
Entendendo ser lobo! Oh! féro caso!
Oh! caso lastimoso, e miseravel,
Que ha de sempre affligir-me em quanto vivo!
E creio que conheço o desgraçado!
Linco com elle está, e o soccorre.
Oh! funesta ferida! Oh! voto infaulto!
E ainda mais infaulta, mais funesta
Es tu, ó divindade, que quizeste
Minha arma dirigir, ouvir meus votos!
Eu réo de fangue alheio!
Ser eu a occasião da alheia morte!
Quem inda ha pouco por salvar a Patria
Tão pouco apreço fez da propria vida!
Desprezando o seu fangue!
Lança as armas á terra, ó tu frécheiro,
Profano Caçador, sem gloria vive.
Ahi chéga o desgraçado!
Mais do que elle tu, Silvio, es mal fadado!

SCE-

SCENA IX.

*LINCO, SILVIO, DORINDA.**LINCO.*

Encosta-te bem, filha,
Encosta-te, sustenta-te em meus braços.
Desgraçada Dorinda!

SILVIO.

He Dorinda? Ai de mim! Oh! Ceos! Eu morro.

DORINDA.

Es meu segundo Pai, amado Linceo.

SILVIO.

Não me engano: he Dorinda. Ai voz! Ai vista!

DORINDA.

Officio a ti fatal tem sido, Linceo,
O soccorrer Dorinda.
Quando nasci, ouviste
Meus primeiros soluços;
He justo tambem ouças
Os ultimos da morte:
E esses braços, que berço já me forão,
Hoje talvez me servirão de tumba.

LINCO.

Oh! filha, a quem estimo,
E mais do que se propria filha fosses!
Responder-te não posso, porque as dores

Mi

Minhas vozes em lagrimas derretem.

SILVIO.

Abre teu feio, ó Terra, e me subverte.

DORINDA.

Meu piedoso Linco,
Modera o passo; e o pranto,
Que este me augmenta a dor, aquelle a chaga.

SILVIO.

Que dura recompensa
Do teu amor recibes, triste Ninfa!

LINCO.

Não esmoreças, filha,
Que a ferida talvez mortal não seja.

DORINDA.

Mas he mortal Dorinda,
É morrerá bem cedo.
Quem assim me ferio, soubesse ao menos!

LINCO.

» Curemos a ferida, e não a offensa,
» Que as chagas co' a vingança não se curão.»

SILVIO.

Mas que fazes aqui? Que esperas, Silvio?
Soffrerás que te veja? Tanto arrojo
Terás, constancia tanta?

Foge da pena merecida; foge
Dessa triste presença vingadora;
Foge da aguda espada penetrante
Das suas justas queixas. Ah! não posso,
E não sei de que sorte, ou que destino,
Fatal necessidade, me constrange,

A

A' força os passos prende, e só me impelle
Buscar o mesmo, que evitar devêra.

DORINDA.

Justo será que eu morra,
Sem ao menos saber quem me dá a morte?

LINCO.

Quem te dá a morte, he Silvio.

DORINDA.

He pois Silvio! Ai de mim! E como o sabes?

LINCO.

Suas fétas conheço.

DORINDA.

Doce perda da vida,
Se dellas fui ferida!

LINCO.

Mas elle que apparece,
Mostrando nas acções, e no semblante
A sua propria culpa: elle se accusa
Ora graças ao Ceo, que hum dia, Silvio,
Por estes densos bosques vagabundo
Com teu arco, co' as fétas poderosas
Vibraste hum golpe já com mão de mestre!
Tu, que viver desejas como Silvio,
Não como Lincó, dize-me, este golpe
Tão nobre, que empredeste, por ventura
Foi como Silvio, ou como Lincó feito?
Oh! Silvio, tu te prézas de juizo;
Porém seguisses antes os conselhos
Deste velho, que chamas insensato!
Responde-me, infeliz, como pertendes

O

Vi-

Viver agora, se Dorinda morre?
 Sei que podes dizer, erraste o golpe;
 Que a feriste, cuidando ser hum lobo;
 Mas he defeza propria aos poucos annos,
 Que não te escusa a falta de prudencia,
 Com que vibras as settas temerario,
 Sem primeiro indagar se fêra, ou homem
 São os vultos, que vês. Em tua vida
 Cabreiros, e pastores não tens visto
 Cubertos destes rusticos vestidos?
 » Ah! Silvio, Silvio! quem colher intenta
 » Muito cedo o juizo, então só colhe
 » Maduro sempre o fruto da ignorancia. »
 Louco rapaz vaidoso,
 Tu pensas, que hum successo tão funesto
 Disposto fosse pela mão do acaso?
 Ah! Como pensas mal! « Taes accidentes,
 » Tão raros, tão estranhos, não succedem
 » Sem divina influencia á gente humana. »
 Não discorres, que os Ceos já se enfastião
 Dessa tua soberba insupportavel,
 Com que tão arrogante amor desprezas,
 O mesmo mundo, e todo o affecto humano!
 » Os Deoses não consentem
 » Na terra companheiros;
 » Nem gostão, que a virtude se exercite
 » Com altiveza tanta. »
 Ficaste agora mudo? Em algum dia
 Fallavas tanto, que insoffrivel eras.

Do-

DORINDA.

Deixa a Linco fallar, meu Silvio, que elle
Não sabe qual d'amor supremo imperio
De vida, e morte tens sobre Dorinda.
Se em mim vibraſte o golpe,
Feriſte o que era teu; feriſte o alvo
Das tuas feſtas proprio;
E ferindo, quizerão
Tuas mãos imitar teus lindos olhos.
Silvio, ahi tens aquella,
Que tanto aborreſcias;
Ahi tens no meſmo eſtado,
Em que, tyranno, vella appetecias.
Tu quizeſte ferilla, e a feriſte,
Fazella tua preza, eſtou já preza;
Finalmente ver morta, eſtou morrendo.
Que mais pertendes della? Que mais póde
Dar-te Dorinda? Ah! Silvio deſhumano!
Ah! coração izento de ternura!
Tu não acreditavas, que em meu peito
Houveſſe feito amor profunda chaga;
Podes agora duvidar daquella,
Que as tuas mãos abrirão?
Tu não crias no pranto ſanguinoſo,
Em que meus triteſ olhos ſe arrazavão;
Crês agora no ſangue, que eſtás vendo,
E do meu lado corre?
Porém ſe extincta a compaixão, illéſas
Comtigo as que nalcêrão qualidades,
A nobreza, e valor em ti ficarão,

O ii

Não

Não me negues, te imploro,
 Alma tyranna fim, mas sempre bella,
 Não me negues nos ultimos suspiros
 Hum só suspiro teu: ditosa morte!
 Se adoçalla quizeres, proferindo
 Com voz sentida, e terna:
 Morre, meu Bem, descança em paz eterna.

S I L V I O.

Dorinda, ah! devo acaso
 Chamar-te minha, quando só es minha
 No tempo, em que te perco, em que recebes
 Da minha mão a morte; não querendo
 Que minha fosses, quando bem podia
 Dar-te vida? Com tudo
 Quero chamar-te minha, porque minha
 Has de fer a pezar da dura forte.
 Se minha não puder gozar-te em vida,
 Ha de unir-me tambem contigo a morte.
 Já quanto vês em mim, tudo se aprompta
 Para a tua vingança.
 Estas as armas são, que te offendêrão,
 Tu com ellas tambem matar-me podes.
 Eu fui cruel contigo,
 Desejo que cruel co' migo sejas.
 Desprezei-te soberbo;
 Mas já dobrando em terra estes joelhos,
 Reverente te adoro,
 Supplicando o perdão, mas não a vida.
 Ah! tens o arco, e as settas;
 Mas não firas com ellas os meus olhos,

Ou

Ou minhas mãos, culpaveis instrumentos
 D' huma acção innocente.
 Fere-me o peito, fere este vil monstro;
 Da piedade, e de amor duro inimigo:
 Fere este coração, que foi tyranno,
 E neste peito nú te desaffoga.

D O R I N D A.

Ferir-te o peito, Silvio!
 Diante dos meus olhos descuberto
 Não precisavas pôr, se appetecias
 Que elle fosse por mim já mais ferido.
 Oh! formoso rochedo, que algum dia
 Tantas vezes em vão foi combatido
 Pelas immensas aguas do meu pranto,
 Pelos ventos dos meus suspiros ternos,
 Posso crer que suspiras?
 Que sentes compaixão? Ou eu me engano?
 Mas tu, ó peito, embora brando estejas,
 Ou sejas inda marmore, não creio
 Que me possa enganar o lindo aspecto
 D' hum candido semblante de alabastro,
 Bem como hoje enganou o d' huma fera
 A teu e meu Senhor. Eu pois ferir-te?
 Amor o fira; que maior vingança
 Não posso desejar, que ver-te amante.
 Graças ao dia, em que a vez primeira
 Eu por ti me inflammei! Ditoso pranto!
 Tormentos venturosos! Eu não quero
 De vós tomar vingança, sim louvar-vos.
 Mas tu, benigno Silvio,

Não

Não te prostres diante
 De quem tu só dominas.
 Ah! não estejas em servil postura;
 E se queres ser servo de Dorinda,
 Ergue-te ao seu mandado; e este seja
 O primeiro penhor da fé, que offreces,
 E o segundo he viver, pois que ella o manda.
 Cumpra-se embora quanto se acha escrito
 No Ceo sobre o meu fado, que já agora
 Espero que em ti viva
 Meu coração amante;
 E assim, vivendo tu, morrer não posso.
 Se julgas injustiça,
 Não vingada ficar a minha offensa,
 Quem a fez se castigue.
 Foi teu arco; teu arco só padeça.
 Foi elle o homicida,
 Sobre elle caia a pena, e perca a vida.

L I N C O.

Oh! Sentença tão justa, e tão benigna!

S I L V I O.

Ella pois se execute:
 A pena pagarás, funesto lenho;
 E para que d'alguma vida humana
 O fio mais não cortes,
 Eu já te quebro, já te extingo as forças,
 E qual inutil tronco
 Dantes eras, aos bosques te abandono.
 E vós, settas, que fostes companheiras
 Daquella, que rompeo o tenro lado

Da

Da minha amada Ninfa,
 E que ereis talvez todas
 Irmans na natureza, e na maldade,
 Não ficareis inteiras:
 Vós lanças nunca mais fereis, nem fréchas,
 Mas varas empenadas
 Emvão, emvão armadas; fereis ferros
 Inuteis, já sem plumas defarmados.
 Bem me agouraste amor, quando entre os tron-
 Pelas vozes do éco me fallaste. (cos
 Oh! Numen vencedor dos Ceos, da Terra,
 Hum tempo meu contrario,
 Sobre o meu coração hoje imperante,
 Se a tua gloria estimas
 D'haver domado hum peito altivo, e duro,
 Defende-me, te imploro,
 Da fouce impía da implacavel morte,
 Que pode d'hum só golpe
 Matar Dorinda, e com Dorinda a Silvio,
 Que foi por ti vencido:
 Não consintas que a morte as glorias cante
 Sobre os triunfos d'hum amor triunfante.

L I N C O.

Ambos estão feridos. Oh! que doces
 Affortunadas chagas!
 Mas penso que serão bem dolorosas,
 Se não tiver remedio a de Dorinda.
 Vamos pois a buscallo.

D O R I N D A.

Ah! meu Linco, não queiras, te supplico,
 Nes-

Nestes trajes á casa conduzir-me.

SILVIO.

E pertendes pouzar em outra casa,
Que não seja a do teu amado Silvio?
Para ella te conduzo; e hoje mesmo
Viva, ou morta, serás esposa minha,
Comtigo me unirei ou vivo, ou morto.

LINCO.

E como a tempo vem hum tal successo!
Pois que Amarille a sua honestidade
Manchando, a vida perde, extingue as nu-
pcias.

Oh! feliz união! Oh! summos Deoses,
Duas vidas salvai c' hum só remedio!

DORINDA.

Perdido as forças tenho, apenas posso,
Triste de mim! ó Silvio, reclinar-me
Sobre o ferido lado.

SILVIA.

Tem animo, que a tudo
Remedio se dará; e nós feremos
O teu seguro encosto,
Tu serás para nós suave pezo.
O' Linço, dá-me as mãos.

LINCO.

Sim, promptamente.

SILVIO.

Conserva-as bem seguras:
Dos teus braços aos meus aqui formemos
Hum assento a Dorinda.

Do-

Dorinda , aqui te affenta.

Lança o direito braço

Ao pescoco de Linco ;

Lança tambem ao meu o braço esquerdo.

Accommoda-te agora levemente ,

De forte não magoes a ferida.

D O R I N D A .

Que dores tão crueis , que me traspassão !

S I L V I O .

Querido bem , teu commodo procura.

D O R I N D A .

Parece-me que assim vou bem agora.

S I L V I O .

Vai com firmeza , Linco.

L I N C O .

E tu tambem não tremas

C'os braços ; leva-os firmes ; vai direito :

Bem sabes quanto perdes.

Isto he mais que vencer nos bosques feras.

S I L V I O .

Inda sentes , Dorinda , grandes dores ?

D O R I N D A .

Inda sinto , meu bem ; mas nos teus braços

Estar ferida julgo huma ventura ,

E a morte será cheia de doçura.

C O R O .

Oh ! Seculo dourado !

Quando recém-nascido o mundo tinha

Por berço o bosque , o leite por sustento !

De pingue illéso gadq

Go-

Gozava a amada prole, então não vinha
Turbar o mundo o ferro violento.

O turvo negro humano pensamento
De sombras não cubria
Do Sol a luz eterna:

Hoje que o tempo inverna
Co' as nuvens das paixões, fugio o dia:
O peregrino em curvo lenho idéa
Ir os mares turbar, e a terra alheia.

Aquella inutil pompa, fausto humano,
Objecto da vaidade,
Da lifonja, dos titulos, do engano,
Que o debil vulgo infano
Chama honra, heroicidade,
Não dominava os animos tyranno.

Porém immenso damno
Soffrer, pela doçura
Do bosque, entre a manada;
Ter fé por Lei sagrada,
Daquellas almas de virtude pura
Foi só cuidado honroso,
Que lhes dictava: *Amar, se he decoroso.*

Então puros amores
Com danças se inflammavão
Ao som das fontes pelos verdes prados:
Nas vozes os pastores
O coração moltravão;
No hymineo só punhão seus cuidados,
Os mais duraveis gostos, os agrados:
Hum só dava patente

A's

A's vivas rofas d'hum semblante culto ;
Furtivo amante, occulto
Em gruta, ou bosque, sempre cruelmente
Achou o Amor distante:
Foi sempre hum nome só esposo, e amante.

Mãos tempos, que occultastes
Com torpes indecencias
O bem d'huma alma, e a nutrir a sede
Da lascivia ensinastes
Com doces apparencias,
Hoje por vós soltar-se não se impede
As redeas á torpeza, bem qual rede
De flores estendida,
Com acções encubris, com fingimentos,
Impuros pensamentos;
Mostrando ser huma arte externa a vida:
Falta da prole a honra,
Se amor se encobre, já não ha deshonra.

Mas tu valor infunde em nossos peitos,
Immutavel virtude,
Timbre d'huma alma pura,
Que aos mesmos Reis do mundo tens su-
jeitos!

Ah! torna á terra rude,
Que sem ti não terá já mais ventura.

Desperta a força dura
Do lethargo mortal, quem já cansado
De te seguir, despreza,
Por torpe vil baixeza,
O que entre a gente antiga era estimado.

» Dá

- » Dá pois treguas ao mal, que sente a Terra;
- » Que a esperança de nós se não desterra.
- » Torna a nascer o Sol depois do Occaso;
- » E o Ceo sem claridade
- » Muitas vezes nos traz serenidade.»



ACTO



ACTO QUINTO.

SCENA I.

URANIO, CARINO.

URANIO.

HE boa a Terra, aonde bem se vive,
 E para hum sabio, todo o mundo he
 patria.

CARINO.

Uranio, dizes bem; por experiencia
 Assim posso affirmar. Nos tenros annos
 A casa de meu pai deixei; meu genio
 Não me inclinava a apascentar rebanhos,
 Nem alqueivar os campos: varias Terras
 Andei peregrinando; e finalmente
 Donde louro parti, branco hoje torno.

- » He com tudo bem doce o patrio ninho,
- » A quem de todo não perdeu o accordo.
- » No nosso nascimento a natureza
- » Nos deo não sei que affecto inexplicavel
- » Para aquelle paiz, onde nascemos,
- » Que sempre vive, e nunca se envelhece.
- » Qual o destro piloto, que impellido
- » Da grande tempestade se remonta
- » Ou onde nasce o Sol, ou onde morre,
- » Nunca perde já mais aquella occulta

» Vir-

- » Virtude, com que segue o fixo rumo:
- » Assim quem longe vai da sua patria,
- » Bem que muito discorra, e muitas vezes
- » Encontre brando ninho em terra alheia,
- » Conserva sempre hum natural affecto,
- » Que propende, e o inclina aos patrios La-
res. »

Arcadia, ó terra amada mais que todas,
 Mais que todas gentil, meus pés te pizão,
 E inclinando a cabeça, já te salvo.
 Minha formosa mãe, se em teus limites
 Eu chegasse c'os olhos bem cerrados,
 Não me fora custoso o conhecer-te;
 Pois logo em minhas veias espalhar-se
 Senti hum certo, occulto, favoravel,
 Consentimento incognito, tão cheio
 De ternura, e prazer, que em cada fibra
 Meu sangue percebeo. Tu pois, Uranio,
 Já que pela jornada companheiro
 Me foste dos incommodos, he justo
 Me acompanhes tambem nos meus prazeres.

U R A N I O.

Nos trabalhos sim posso acompanhar-te,
 Mas não nos frutos delles. Tu chegaste
 A' tua propria terra, aonde podes
 Descançar os teus membros fatigados,
 E inda mais a imaginação cansada.
 Mas eu, que venho peregrino, e deixo
 Minha pobre choupana tão distante
 Com a triste familia posta em sustos,

E

E chego dolorido deste lado,
 Que foi o teu arrimo por tão longo
 Trabalho caminho, o corpo afflicto,
 Bem posso descansar; mas não minha alma,
 Que posta em afflicção sómente pensa
 Em quanto atrás deixei, e o quanto ainda
 Me resta de jornada tão penosa
 Para voltar, e conseguir descanso.
 E só tu poderias arrastar-me
 De Elide nesta idade tão provecta,
 Sem saber a razão, que te obrigava
 A parte tão remota conduzir-me.

C A R I N O.

Tu bem sabes que o meu Mirtillo amado,
 Que o Ceo me deo por filho, veio enfermo
 Curar-se nesta terra; e já passados
 Mais de dous mezes são; o meu conselho,
 Ou antes o do Oraculo seguindo,
 Que só d' Arcadia os ares o curavão.
 Eu, que ausente soffrer penhor tão caro
 Tanto tempo não pude, áquella mesma
 Fatal voz recorri, tambem buscando
 Conselho sobre a volta suspirada:
 Ella nesta maneira assim me disse:
*A Patria antiga torna, onde ditoso
 Serás com teu bellissimo Mirtillo.
 Alli o Ceo dispõe empresas grandes,
 Que não convem dizer fóra d' Arcadia.*
 Tu pois, inseparavel companheiro,
 Amado Uranio meu, que sempre parte

Tens

Tens tido em minha boa, ou má fortuna,
 Dá descanso ao teu corpo, que bem cedo
 Dar também poderás socego á alma:
 Compartirei contigo a minha sorte,
 Se for tão boa, como o Ceo me inspira.
 Não poderá Carino estar contente
 No meio das venturas, quando Uranio
 Pezares lastimasse.

U R A N I O.

Meu Carino,
 Quaesquer trabalhos, sendo supportados
 Por teu respeito, e a teu contento feitos,
 Comsigo o premio trazem. Porém dize:
 Se tanto a terra, onde nasceste, estimas,
 Que motivos para a deixar tiveste?

C A R I N O.

Na minha juvenil idade tive
 Tão forte inclinação á Poesia,
 Que harmonicos furores me levirão
 A ir ganhar a fama, onde ella grita
 Com vozes mais sonoras. Cubiçoso
 De conseguir applauso em terra alheia,
 Não quiz que me louvasse, e só me ouvisse
 A Arcadia, minha patria, que julgava
 Pequeno termo ao meu sublime estilo.
 Cheguei aonde o nome he tão famoso
 D' Elide, e Piza, aonde juntamente
 Se sabem illustrar alheios nomes.
 Vi o famoso Egon, cingindo o louro,
 Co' a purpura depois ornar-se, e sempre
 Com

Com tal virtude, que imitava a Apollo.
Logo a seu nome confagrei devoto
A Lira, e o coração. Se o Ceo quizesse,
Assim como me fez feliz no mundo,
Que eu tambem conhecesse, e conservasse
A ventura, que tinha, era bastante
Haver chegado á habitação da Gloria,
Onde o meu coração tanto aspirava.
Se pertendesse agora referir-te,
Como ao depois deixei Elide, e Piza,
Desejoso de ver Micenas, e Argos,
Onde adorei terrena divindade,
E quanto em servidão soffri, a historia
Seria para ti muito enfadonha,
E para mim penosa. Só te digo,
Que o trabalho perdi, perdi o fruto.
Ora em alegre, e ora em triste estilo,
Humas vezes sublime, outras humilde,
Já correndo, já firme, e já soffrido
Lamentos escrevi, cantei ardores,
Suftos, mágoas, amores, e desprezos.
E como o ferreo Delfico instrumento
Se achava ao mesmo tempo acostumado
A's sublimes emprezas, vis assumptos,
Já nada me assustava, e não fugia
De tão grande fadiga. Taes esforços,
Inutilmente obrados, só fizerão
Mudar-me de lugar, estado, e vida,
Mudar de pensamentos, e costumes,
E até em branco o meu cabello louro;

P

Mas

Mas não pude já mais mudar de forte.
 Conheci finalmente o torpe engano,
 E desejei a antiga liberdade.
 Depois de estrago tanto, Argos deixando,
 E essas grandezas cheias de miseria,
 Tornei de Piza ao socegado albergue,
 Onde, graças á eterna Providencia!
 Para alivio dos males já passados
 Pude alcançar o meu Mirtillo amado.

U R A N I O.

Oh! que he mil vezes mil affortunado
 Quem ás suas paixões pôr termo sabe,
 Porque a vã esperança immoderada
 Do moderado bem não perca o fruto!

C A R I N O.

Mas quem julgar podia, que no meio
 De tantas abundancias, de ouro tanto,
 Se havia empobrecer, perder as forças!
 Pensava então, que nos reaes albergues
 Houvesse gente tanto mais humana,
 Quanto maior riqueza possuísse,
 Nobre freio da fraca humanidade.
 Mas, Uranio, achei pelo contrario;
 Gente civil no nome, e nas palavras,
 Mas escassa nas obras, inimiga
 Da mesma piedade: gente humilde,
 E placida na vista; mas altiva,
 Soberba mais, que os mares empolados:
 Gente humana sómente na apparencia;
 Se mostram caridade nos semblantes,

Oc-

Occultão negra inveja em suas almas ,
Sinistras intenções em vistas rectas ;
Quanto mais lisongeão , mais enganão.
Alli por mal se toma o que he virtude ,
A verdade , a justiça , affectos puros ,
A inteira fé , a compaixão sincera ,
Huma vida innocente , a consciencia ,
Tudo vileza julgão , baixo engenho ,
Louca vaidade , só de riso digna.
Os enganos , embustes , furtos , fraudes ,
Roubos com piedade disfarçados ,
Ter augmento com ruina , e damno alheio ,
Fazer da affronta alheia hum ponto d'honra ,
São as virtudes dessa gente indigna.
O respeito , valor , merecimento ,
Ou de Lei , ou da idade , ou dos empregos ,
Os officios do sangue , os da amizade ,
A lembrança de havidos beneficios ,
O freio da vergonha , finalmente
Qualquer cousa por mais sagrada , e justa ,
Respeitavel que seja , nada póde
A ambição reprimir daquella gente ,
Fartar-lhe a vil cubiça da grandeza ,
E a insaciavel fome da riqueza.
Ora eu , que destas artes nunca sube ,
E menos ter reservas , antes sempre
Meu coração trazia descuberto ,
E as minhas intenções na testa escritas ,
Bem podes tu pensar , quanto seria
Hum alvo manifesto ás imprevistas

Duras lanças desta invejosa gente.

URANIO.

Quem se póde julgar feliz na terra,
Quando a inveja á virtude he tão nociva ?

CARINO.

Uranio meu, se desde aquelle dia,
Em que passou comigo a minha Musa
D' Elide a ir ver Argos, eu tivesse
Motivos de cantar, bem como sempre
Os tive de chorar; virtude, empresas
Daquelle, a quem servi, só cantaria;
E talvez com estilo tão sublime,
Que da tuba Meonia não teria
Achilles que invejar. A minha patria,
A Mãe de Cyfnes, todos desgraçados,
Talvez que a meu respeito merecesse
D' hum segundo laurel andar cingida:
Mas hoje em dia, oh tempos corrompidos!
Arte infeliz se fez a Poesia.

» Ninho alegre buscar os Cyfnes devem,
» Doce alimento, hum ar suave, e grato:
» Cuidados roedores não os podem
» Ao Parnaso levar: o que pertende
» Sempre grasnar co' seu destino ingrato,
» Perde a voz, perde o canto, e rouco fica.»
Mas já he tempo d' ir buscar Mirtillo.
Bem que encontre tão novos, tão mudados
Estes caminhos, do que d' antes erão,
Que apenas posso conhecer a Arcadia;
Vamos com tudo, Uranio, alegremente:
» Nun-

» Nunca falta quem guie hum peregrino;
 » E quem tem bocca, sempre a Roma chega. »
 Mas já que assim te vejo fatigado,
 Bem justo me parece descansarmos
 Na primeira estalagem, que encontrarmos.

S C E N A II.

TITIRO, E HUM MENSAGEIRO.

TITIRO.

Qual devo lastimar em ti primeiro,
 Oh! minha triste filha!
 A tua honestidade, ou tua vida?
 Primeiro chorarei a honestidade;
 Porque d'hum pai mortal tu sim nasceste,
 Mas não d'hum pai infame:
 E em vez da tua vida,
 A minha chorarei, que foi guardada
 Para ver hoje a tua vida extincta,
 Extincta a honestidade.
 Oh! Montano, Montano!
 Tu só com teus presagios enganosos,
 Que mal os entendeste, e com teu filho
 Desprezador soberbo
 De amor, de minha filha,
 Conduzilla pudeste a tal desgraça.
 Oh! quão mais certos forão,
 Que os teus, os meus agouros!
 » Pois contra amor he muito fraco escudo
 » D'hum

- » D'hum peito juvenil a honestidade:
 » E huma Ninfa, a si mesma abandonada,
 » He sempre mal guardada. »

MENSAGEIRO.

Senão morreo, se os ventos pelos ares

O não arrebatárão, hei de achallo.

Porém, senão me engano, além o vejo,

Quando menos pensava.

Oh! velho, e triste pai, em fim te encontro,

Bem que tarde, porém ainda a tempo.

Que noticias te trago!

TITIRO.

Que dirá essa lingua? Acafo o ferro,

Que deixou minha filha exhausta em sangue?

MENSAGEIRO.

Não, mas pouco menos. Dize, donde

Taes noticias tão prestes te vierão?

TITIRO.

Pois inda vive?

MENSAGEIRO.

Vive: a seu arbitrio

De morrer, e viver he livre a escolha.

TITIRO.

Bem hajas tu, que me tornaste em vida,

Livrando-me da morte.

Mas como não se salva,

Se o deixar de morrer 'de si depende?

MENSAGEIRO.

Porque viver recusa.

Ti-

TITIRO.

Viver não quer? E que loucura a obriga
A desprezar a vida?

MENSAGEIRO.

A morte alheia.

Se tu a não commoves, certamente
Do seu firme projecto não se abala,
Pois já todos em vão lhe supplicarão.

TITIRO.

Mas que se espera? Vamos.

MENSAGEIRO.

Detem-te, que inda as portas
Do Templo estão fechadas.

Não sabes tu, que em quanto
Adornada não sahe do sanctuario
A victima aos altares destinada,
O sacro pavimento
Os pés sacerdotaes pizar só devem?

TITIRO.

E se ella nesse tempo
Effeito der ao seu fatal intento?

MENSAGEIRO.

Não póde, que está preza.

TITIRO.

Entretanto tu podes sem reserva
A verdade contar-me, pois desejo
Do successo instruir-me.

MENSAGEIRO.

Estava já perante o Sacerdote,
Que horrivel vista! a tua triste filha,

Que

Que fazia não só dos circumstantes
 Derreter amargo, e terno pranto,
 Mas tambem das abobedas do Templo,
 Dos pilares anciões, das duras pedras,
 Que mostrar parecião sentimento:
 Foi quasi n' hum momento
 Accusada, vencida, e condemnada.

T I T I R O.

Oh! miseravel filha!
 E foi precisa tanta brevidade!

M E N S A G E I R O.

Maiores que a defeza, as provas erão:
 E certa Ninfa, que ella produzia
 Em testemunha da innocencia sua,
 Presente não se achava, e menos houve
 Quem soubesse buscalla.

Então os accidentes monstruosos,
 Que no Templo se vírão,
 Pavorosos sinaes se reputarão
 De se não permittir maior demora:
 E forão para nós os mais estranhos,
 E os mais graves de quantos
 Se tem ouvido desde aquelle dia,
 Em que do Ceo a furia coruscante
 Os amores vingou ludibriados
 Do Sacerdote Aminta,
 Que foi causa da nossa desventura.
 A Deosa súa fangue, treme a terra,
 Geme a sacra caverna, onde retumbão
 Insozitos suspiros, tristes brados,

Fu-

Funebres gemidos, respirando
 Hum violento tufão, que mais horrivel
 Das esqualidas fauces
 Parece não exhala o escuro Averno.
 Já com solemne pompa,
 Guiando a tua filha á dura morte,
 O Sacerdote se enviava, quando
 Vendo-a então Mirtillo, (oh! que pasmoso
 Caso ouvirás!) se offrece
 Com sua morte a resgatar-lhe a vida,
 Gritando em altas vozes:
 Defatai essas mãos, ah! torpes laços!
 E em lugar de Amarille, que ser deve
 Victima de Diana,
 Conduzi-me aos altares
 Victima de Amarille.

T I T I R O.

Oh! que acção generosa
 D'hum amante fiel, d'hum peito nobre!

M E N S A G E I R O.

Ouve o resto, que mais affombro causa.
 Aquella, que até alli desfalecida
 Esteve sempre com o pavor da morte,
 A's vozes de Mirtillo
 Se torna de repente inconquistavel,
 E cheia de valor assim responde:
 Mirtillo, acaço pensas
 Que has de co' a tua morte
 Dar vida a quem por ti sómente vive?
 Oh! raridade injusta!

Va-

Vamos, Ministros, vamos; que se espera?
Conduzi-me aos altares.

Mirtillo lhe replica:

Ah! não quizera tanta piedade!

Volta, dura Amarille,

Que essa piedade impia

A melhor parte do meu peito offende.

A mim morrer me toca. A mim sómente,

Respondeo Amarille, que por força

Da Lei sou condemnada.

E desta sorte disputavão ambos,

Como se acaso fosse

Vida o morrer, ou o viver a morte.

Oh! nobres almas! União bem digna

De sempiternas honras! Vós, amantes,

Ou na vida, ou na morte gloriosos,

Se vozes eu tivesse, ou tantas boccas,

Quantos olhos o Ceo, o mar aréas,

O som, a falla todas perderião,

Vossos louvores referindo immensos.

Filha do Ceo eterna,

E Deosa gloriosa,

Que as acções dos mortaes ao Tempo roubas,

Esta historia recebe, e em letras d'ouro

Vai escrever em solido diamante

A alta ternura d'hum, e d'outro amante.

T I T I R O.

Mas depois que fim teve

Essa mortal contenda?

MEN-

MENSAGEIRO.

Venceo Mirtillo. Admiravel guerra,
 Estranha, e nunca vista;
 Pois morre o vencedor, vive o vencido!
 Então o Sacerdote
 A' tua filha disse:
 Socega, Ninfa, que livrar não podes
 Quem se quer entregar por ti á morte:
 Assim a nossa Lei nos determina.
 Depois mandou, que fosse posta em guarda
 A donzella de fórma, que o tormento,
 E a sua extrema dor a não movessem
 A algum violento fim desesperado.
 Estavão neste estado as cousas, quando
 Montano me ordenou que te buscasse.

TITIRO.

Em fim, digo a verdade:
 Primeiro tu verás na Primavera
 Sem flores os outeiros, e as campinas,
 Despido o bosque do frondoso ornato,
 Que Ninfa sem amor. Porém se acaso
 Aqui nos demoramos,
 Como havemos saber o tempo proprio
 De partirmos ao Templo?

MENSAGEIRO.

Aqui melhor podemos
 Saber, que em outra parte; pois he este
 Justamente o lugar, onde ser deve
 Offrecido o pastor em sacrificio.

Ti-

TITIRO.

E por que não no Templo?

MENSAGEIRO.

Onde o crime foi feito, dá-se a pena.

TITIRO.

E porque não na gruta?

Se nella foi o crime perpetrado?

MENSAGEIRO.

Patente deve ser o sacrificio,

E descoberto ao Ceo.

TITIRO.

E tu de quem foubeste taes mysterios?

*MENSAGEIRO.*Do Ministro maior. Assim nos disse,
Sacrificados forão

O firme Aminta, a perfida Lucrina,

E o antigo Tirenio confirmava.

Mas vamos, que he já tempo. A sacra pompa

Já vem descendo ao valle,

Não será defacerto,

Que por diversa estrada nos mettamos,

E buscar tua filha ao Templo vamos.

SCE-

S C E N A III.

*CORO DE PASTORES, CORO DE SACERDOTES,
MONTANO, MIRTILLO.*

CORO DE PASTORES.

Filha do Grande Jove,
Irmã do Sol, e qual Febo segundo
Dás no primeiro Ceo luzes ao mundo!

CORO DE SACERDOTES.

Tu, que com teus raios
Vitas, e temperados
Da luz fraterna abrandas a aspereza;
E póde a Natureza
Felizmente depois crear as suas
Sublimes producções, arvores, plantas,
Gente humana, animaes, com que enriquece
A agua, o ar, a terra,
Bem como a ardencia alheia tu moderas,
Extingue a propria ira,
Que a tua Arcadia chora, e que suspira!

CORO DE PASTORES.

Filha do Grande Jove,
Irmã do Sol, e qual Febo segundo
Dás no primeiro Ceo luzes ao mundo!

MONTANO.

Preparai os altares,
O' sagrados ministros;
Vós, zelosos Pastores, renovando,

Em

Em honra á grande Deosa, a voz canóra,
Invocai o seu nome.

CORO DE PASTORES.

Filha do Grande Jove,
Irmã do Sol, e qual Febo segundo
Dás no primeiro Ceo luzes ao mundo!

MONTANO.

Vós todos retirai-vos,
Pastores, não torneis a este sitio,
Senão por minha voz sendo chamados.
Valeroso Mirtillo, que abandonas
A propria vida por salvar a alheia,
Morre pois consolado.
Tu, c' hum breve suspiro, que parece
Sómente morte aos animos humildes,
Te fazes immortal; e quando o tempo,
Depois de longas eras, avarento
Tiver, como costuma, consumido
Tantos illustres nomes,
Tu então vivirás eternamente,
Serás hum vivo exemplo da constancia.
Mas já que a Lei ordena,
Que victima tu morras taciturna,
Antes que em terra dobres os joelhos,
Se tens que dizer, dize, e depois cala.

MIRTILLO.

Ah! meu pai! que inda assim quero chamar-te,
Não obstante que deva
Morrer ás tuas mãos; meu corpo deixo
A' fria terra, e deixo

Mi-

Minha alma a quem foi sempre minha vida.
Mas ai de mim! que parte do meu corpo
Póde viva restar-me,
Se Amarille em findar insiste a vida?
Oh! que suave morte, se sómente
Quanto fosse mortal em mim morresse,
E aquella, que he minha alma eterna fosse!
Porem se acaso compaixão merece
Quem de excessiva piedade morre,
Ah! cuida, pai benigno,
Que ella não morra, e que eu á melhor vida
Nesta esperança passe.
Co' a minha morte pague-se o destino,
Seu furor defaffogue em minha ruina;
Com tanto que inda morto ah! não me tolha
Que eu viva em Amarille,
Bem que a alma do corpo defunida,
Que esta união me restitue a vida.

MONTANO.

Quanto me custa reprimir o pranto!
Ah! pobre humanidade, quanto es fraca!
O' filho, tem valor; e o que desejas
Prometto executar, assim te juro
Por esta sacra fronte,
E por penhor a minha mão recebe.

MIRTILLO.

Já morro consolado.
Amarille, comtigo agora fallo:
Recebe o teu Mirtillo,
Do teu Pastor Fiel a alma recebe;

E

E já no amado nome de Amarille
 A' vida pondo termo, e ao discurso,
 A' morte me ajoelho, e mais não fallo.

MONTANO.

Sacros ministros, mais se não demore:
 As chammas accendei, e com cheiroso
 Liquido betume derramado
 Sobre o incenso, e myrrha
 Excitai hum vapor, que aos Ceos se eleve.

CORO DE PASTORES.

Filha do Grande Jove,
 Irmã do Sol, e qual Febo segundo
 Dás no primeiro Ceo luzes ao mundo!

SCENA IV.

*CARINO, MONTANO, NICANDRO,
 MIRTILO, CORO DE PASTORES.*

CARINO.

Quem vio já mais tão poucos habitantes
 Em povoação tão grande!
 Porém senão me engano, a causa entendo.
 Hum esquadrão de gente além descubro.
 Que grande multidão! E como todos
 Estão solemne, e ricamente ornados!
 Por certo aqui ha hoje sacrificio.

MONTANO.

Traze-me o vaso d'ouro,
 Nicandro, onde se guarda

O

O sacro licor de Bacco.

NICANDRO.

Aqui tens prompto.

MONTANO.

Bem como a gota do licor, que lanço,
 Apaga a ardencia de incendidas brazas,
 Assim, ó grande Deosa,
 Teu peito abrande este innocente sangue!
 Põe lá o vaso d'ouro. Dá-me agora
 Essa taça de prata.

NICANDRO.

Ahi tens a taça.

MONTANO.

Assim se extinga a ira,
 Que em teu peito excitou perfida Ninfa,
 Como esta agua cahindo extingue as chammas!

CARINO.

Por certo he sacrificio:
 A victima porém se não descobre.

MONTANO.

Ora tudo está prompto.
 Não falta mais que o fim. Venha o cutélo.

CARINO.

Agora vejo, ou ver se me figura,
 Hum vulto, que de costas
 A homem se assemelha
 C' os joelhos em terra.
 A victima será? Oh desgraçado!
 He elle certamente. O Sacerdote
 Sobre a cabeça a mão lhe tem já posto.

Q

Oh

Oh minha triste Patria,
 Possivel não tem sido ha tantos annos
 Inda extinguir a colera dos Deoses!

CORO DE PASTORES.

Filha do Grande Jove,
 Irmã do Sol, e qual Febo segundo
 Dás no primeiro Ceo luzes ao mundo.

MONTANO.

Oh! Deosa vingadora,
 Que castigas em nós privada culpa
 Com público flagello (assim te agrada,
 E assim talvez está determinado
 Nos occultos abyssos
 Dessa eterna immutavel Providencia!)
 Já que o impuro sangue
 De Lucrina infiel não foi bastante
 A faciar tua justiça ardente,
 Que sêde ainda tem do nosso damno,
 Bebe, sim bebe este innocente sangue,
 Que em vingança tua
 Vou fazer derramar em teus altares,
 Tirando a vida a esta
 Victima voluntaria, a este amante,
 Que não menos que Aminta foi constante.

CORO DE PASTORES.

Filha do Grande Jove,
 Irmã do Sol, e qual Febo segundo
 Dás no primeiro Ceo luzes ao mundo.

MONTANO.

Mas ah! como me sinto de ternura

O peito traspassado!
 Que insolito tremor meus membros prende!
 Meu coração parece não se atreve,
 E menos minha mão a erguer o ferro.

C A R I N O.

Quizera ver primeiro
 Desse infeliz o rosto,
 E ausentar-me depois; porque não posso
 Assistir a espectáculo tão triste.

M O N T A N O.

Quem sabe se he delicto
 Sacrificar humana creatura
 Na presença do Sol, bem que decline
 Já para o seu Occaso?
 Talvez por esta causa a fortaleza
 Do animo, e do corpo em mim se abate!
 Volta-te, Mirtillo, hum pouco: víra
 A moribunda face contra o monte.
 Estás agora bem.

C A R I N O.

Mas Ceos! que vejo?
 Desgraçado de mim! Não he meu filho?
 O meu Mirtillo amado?

M O N T A N O.

Já posso.....

C A R I N O.

He elle mesmo.

M O N T A N O.

O golpe he livre.

Q ii

Ca

C A R I N O.

Que fazés, ó Ministro?

M O N T A N O.

E tu, homem profano,
 Porque sustens o sacro ferro, e ousas
 Temerario a pôr nelle as mãos impuras?

C A R I N O.

Meu querido Mirtillo, nesse estado
 Nunca já mais pensei, que te abraçasse!

N I C A N D R O.

Vai-te, vai-te, insolente, e louco velho.

C A R I N O.

Nunca já mais pensei.....

N I C A N D R O.

Que partas, digo,
 Pois não convem tocar com mãos impuras
 No que aos Deoses supremos se consagra.

C A R I N O.

Tambem eu fei, que sou aos Deoses grato,
 E aqui cheguei por elles conduzido.

M O N T A N O.

Deixa-o, Nicandro; ouçamo-lo primeiro,
 E depois se retire.

C A R I N O.

Ah! Ministro benigno,
 Primeiro que esse ferro descarregues
 Sobre a cabeça de Mirtillo, dize:
 Por que morre o infeliz? Isto te imploro
 Pela Deosa, que adoras.

Mon-

MONTANO.

Tu me esconjuras por tal Nume², que ímpio
Eu fora, se o negasse.

Mas dize, que te importa?

CARINO.

Muito mais do que pensas.

MONTANO.

Quiz elle mesmo voluntario á morte
Offrecer-se por outro.

CARINO.

Elle por outro morre!

Eu morrerei por elle.

Ah! vibra por piedade o duro golpe
Na minha alva cabeça já curvada.

MONTANO.

Amigo, isso he loucura.

CARINO.

E porque se me nega,

O que aos mais se concede?

MONTANO.

Por seres estrangeiro.

CARINO.

E se o não fosse?

MONTANO.

Nem assim poderias

Livrar da morte a quem por outro morre.

Mas dize-me, quem es? E se he verdade,

Não seres estrangeiro? Pois nos trajas

Não pareces d'Arcadia.

CA-

C A R I N O.

Arcade sou.

M O N T A N O.

Porém não me recordo

D' haver-te já mais visto nesta Terra.

C A R I N O.

Nesta Terra nasci ; e sou Carino
Pai desse desgraçado.

M O N T A N O.

Tu de Mirtillo pai ? Quanto importuno

Para ti , para nós aqui chegaste !

Ausenta-te depressa ,

Que c' o paterno affecto

Infructuoso , e vão fazer bem podes

O nosso sacrificio.

C A R I N O.

Ah ! se pai tambem fosses !

M O N T A N O.

Sou pai , sou pai : tambem ternuras sinto

Por meu unico filho ; mas com tudo

Se esta fosse a cabeça do meu Silvio ,

Menos prompto não fora

Em observar a Lei , que nesta observo.

» O sacro manto indignamente cobre

» A quem não deixa o commodo privado

» Em commum beneficio. »

C A R I N O.

Antes que morra , deixa-me beijallo.

M O N T A N O.

Tambem se não permite.

CA-

C A R I N O.

O proprio sangue!

E tu tambem, Mirtillo, es tão tyranno,
Que ao teu afflicto pai nada respondes?

M I R T I L L O.

Ah! Pai, focega.....

M O N T A N O.

Estamos já perdidos!

Contaminou-se o sacrificio. Oh Deoses!

M I R T I L L O.

Que não posso perder mais dignamente
A vida, que me déste.

M O N T A N O.

Eu bem previ, que ás lagrimas paternas
Romperia o silencio.

M I R T I L L O.

Oh infeliz! Que culpa

Agora commetti? E como pôde

Da lembrança escapar-me

A Lei, que me obrigava a ter silencio?

M O N T A N O.

Porém que mais se espera? O' lá, Ministros,

Tornai depressa a conduzillo ao Templo,

Onde outra vez no sacro Sanctuario

Se ratifique o voluntario voto.

Trazei-o aqui depois, e juntamente

Nova agua, novo vinho, e novo fogo,

A fim de renovar-se o sacrificio.

Parti, parti depressa,

Que a esconder-se de nós o Sol começa.

SCE-

SCENA V.

*MONTANO, CARINO, DAMETA.**MONTANO.*

MAs tu, velho importuno,
Ao Ceo, que pai te fez, dar graças
podes;

Porque se pai não fosses (eu te juro
Por esta sacra frente)

Senterias agora os meus furores,
Pois que tanto abufaste
Da minha paciência.

Sabes tu quem eu sou? E que dirijo
Sómente co' esta vara

Os negocios humanos, e os divinos?

CARINO.

» Não se offende o respeito,
» Quando se implorão graças.»

MONTANO.

Bastante te soffri; e tu por isso
Mais insolente foste.

» Bem sabes que se a ira em justo peito
» Longamente se prende,
» Quanto mais se reprime, mais offende.

CARINO.

» Momentaneo furor já mais foi ira
» N'hum magnanimo peito;
» Mas he sómente huma aura branda, effeito
» D'ani-

» D' animo generoso,
 » Que n' alma respirando,
 » Quando ella co' a razão he mais unida,
 » Para a bondade a faz mais atrevida.»
 Se graças não alcanço, ao menos quero
 Que me faças justiça: o que negar-me
 Por direito não podes;

» Pois quem dá Leis aos outros,
 » Totalmente não he das Leis izento;
 » E' quão maior for tua authoridade
 » Em mandar, tanto mais estás ligado
 » A obedecer a quem justiça pede.»

Esta pois te supplico:
 Senão queres comigo praticalla,
 Pratica-a só contigo,
 Pois matando a Mirtillo, injusto ficas.

MONTANO.

E como injusto fico? Não te entendo.

CARINO.

Não me disseste tu, que sangue estranho.
 Sacrificar aqui se não consente?

MONTANO.

Disse-o sim, e tambem que o Ceo dispunha.

CARINO.

Porque então estrangeiro sacrificas?

MONTANO.

Como estrangeiro? Pois não he teu filho?

CARINO.

Basta até aqui, e mais saber não queiras.

Mon-

MONTANO.

Talvez porque entre nós o não geraste?

CARINO.

» Quem muito quer saber, menos acerta.»

MONTANO.

A Lei attende ao sangue, não á Patria.

CARINO.

Porque eu não o gerei, he estrangeiro.

MONTANO.

Não o geraste pois, e elle he teu filho?

CARINO.

Sem que o gerasse, póde ser meu filho.

MONTANO.

Não me disseste, que de ti nascêra?

CARINO.

De mim nascido, não; mas sim meu filho.

MONTANO.

Louco te faz a tua dor immensa.

CARINO.

Se eu fora louco, não sentíra dores.

MONTANO.

Se não es louco, então es hum malvado.

CARINO.

Como a verdade co' a malicia ajustas?

MONTANO.

Como ajustas ser filho, e não ser filho?

CARINO.

Filho de amor, e não de natureza.

MONTANO.

Estrangeiro não he, se elle he teu filho;

E

E se o não he, não tens direito nelle :
Quer sejas pai, ou não, estás vencido.

C A R I N O.

» Nem sempre da verdade está vencido,
» Quem sómente com vozes se convence.»

M O N T A N O.

» Mas sempre a fé daquelle está vencida,
» Cujas palavras são contradictorias.

C A R I N O.

Torno a dizer-te : Huma injustiça fazes.

M O N T A N O.

Sobre a minha cabeça,
Sobre a cabeça de meu filho caia
Essa injustiça toda.

C A R I N O.

Tu te arrependerás.

M O N T A N O.

O arrependido
Primeiro tu ferás, senão me deixas
Cumprir os meus officios.

C A R I N O.

Por testemunhas chamo o Ceo, e os homens.

M O N T A N O.

Chamas talvez os Deoses, que desprezas?

C A R I N O.

Já que tu não me attendes,
Ouça-me o Ceo, a Terra,
E a grande Deosa, que na Arcadia se honra,
Que he Mirtillo estrangeiro;
Que meu filho não he; que tu profanas
O sacrificio santo.

MON-

MONTANO.

Os Ceos me valhão

Co' este importuno velho!

Se elle não he teu filho,

Quem he seu Pai declara?

CARINO.

Tanto não sei dizer-te;

Mas sim, não he meu filho.

MONTANO.

Olha como vacillas.

Acafo elle he teu sangue?

CARINO.

Muito menos.

MONTANO.

Porque lhe chamas filho?

CARINO.

Apenas mo entregárão,

Como filho o tratei; e foi nutrido.

Desde então até-gora

Na minha casa, e como filho amado.

*MONTANO.*Foi furtado? Compraste-o? Ou donde o hou-
veste?*CARINO.*

Na Elide foi d'hum estrangeiro offerta.

MONTANO.

E esse tal estrangeiro donde o houve?

CARINO.

Por mim lhe foi entregue.

MON-

MONTANO.

Rizo, e furor a hum tempo me provocas.

Recebeste em offerta

O mesmo que offreceste?

CARINO.

O que era seu lhe dei, elle benigno

Do mesmo quiz depois fazer-me offerta.

MONTANO.

Bem fei, pertendes hoje enlouquecer-me.

Mas dize, aonde o achaste?

CARINO.

Havia pouco tempo o tinha achado

Por acaso na foz do rio Alfêo,

Sobre huma leiva de cheiroso mirto,

Por essa causa o appellidei Mirtillo.

MONTANO.

Tu bem compões as fabuías, que inventas.

Ha feras nos teus bosques?

CARINO.

E que feras?

MONTANO.

Como o não devorarão?

CARINO.

A rapida corrente

Levado o tinha áquella leiva, aonde

O deixou bem no meio

D'huma pequena ilha,

Que as aguas ao redor a defendião.

MONTANO.

Es astuto em armar loucos enganós!

E

E tão piedosas forão essas aguas,
Que não o submergirão? São os rios
Lá desse teu Paiz bem compassivos,
Pois as creanças nutrem.

C A R I N O.

Elle se achava então dentro d'hum berço,
Que qual piedosa embarcação pequena
Cingida, e acompanhada
D'outras materias solidas, que sempre
Accumular costumão as correntes,
Por acaso o levou áquella leiva.

M O N T A N O.

Dentro d'hum berço estava?

C A R I N O.

Sim, n'hum berço.

M O N T A N O.

Hum menino nas faixas?

C A R I N O.

Bem tenro, e delicado.

M O N T A N O.

E que tempo haverá?

C A R I N O.

Tu faze a conta:

Desde o grande diluvio, dezenove
Annos são já passados;
E tantos ha que foi este successo.

M O N T A N O.

Que horror grassando vai, meus membros
prende!

CA-

C A R I N O.

(Já não sabe o que diga.

Oh! soberbo costume

Das grandes almas! Pertinaz engenho,

Que apezar de vencido, não succumbe,

Antes quer avançar tanto o discurso,

Quanto maior he sua authoridade!

Elle está convencido, e me parece

Pelo seu murmurar, que não percebo,

Que tambem se consterna; mas insiste

Em buscar apparencias de verdade

Para o erro encubrir da tenaz mente.)

M O N T A N O.

Mas que dominio tinha no menino

Esse homem, de quem fallas?

Acafo era seu filho?

C A R I N O.

Isso não sei dizer-te.

M O N T A N O.

Nem mais d'elle

Tiveste outra noticia, senão essa?

C A R I N O.

He tudo quanto sei, e dito tenho.

M O N T A N O.

Poderás conhecello?

C A R I N O.

Ao primeiro relance dos meus olhos,

Tosco pastor no traje, e no semblante,

Cabello negro, mediana altura,

Hirsuta barba, e crespa sobancelha.

MON-

MONTANO.

Vinde cá, servos meus pastores, vinde.

DAMETA.

Aqui promptos estamos.

MONTANO.

Vê agora

Com qual destes pastores se assemelha
Esse homem, que me dizes?*CARINO.*Com esse, que fallou contigo agora.
E não só se parece;
He elle certamente.Tal se mostra qual era ha vinte annos:
Inda branco não tem hum só cabello,
E eu cuberto de cans todo me vejo.*MONTANO.*Tornai a retirar-vos. Tu comigo
Fica, Dameta, e dize:
Conheces este homem?*DAMETA.*Parece-me que sim; mas não me lembra
Onde o visse, nem sei dizer-te o como.*CARINO.*

Eu farei que de tudo se recorde.

*MONTANO.*Fallar com elle, deixa-me primeiro.
Não te enfades, hum pouco te retira.*CARINO.*

Voluntario farei o que me ordenas.

MON-

MONTANO.

Responde-me, Dameta;
E olha bem não me enganes.

DAMETA.

Oh! Deoses! Que será?

MONTANO.

Quando voltaſte
De procurar meu filho, ha quatro lustros,
Que no berço levou a grossa enchente,
Não me diſteſte tu, que as margens todas,
Que banha o noſſo Alfêo com ſuas aguas
Sem fruto algum buscaſte?

DAMETA.

E por que mo perguntas?

MONTANO.

Responde ao que pergunto: Não diſteſte,
Que em vão buscado havias?

DAMETA.

Sim, te diſte.

MONTANO.

Ora pois, que menino foi aquelle,
Que na Elide entregaste a eſſe homem,
Que lá te conheceo?

DAMETA.

E tu preſumes

Que tenha hum velho tão feliz memoria,
Que lhe lembre o que fez ha tantos annos?

MONTANO.

Bem que velho, recorda-se de tudo.

R

DA-

D A M E T A.

Parece mais demencia.

M O N T A N O.

Pois veremos.

Onde estás, estrangeiro?

C A R I N O.

Aqui presente.

D A M E T A.

Oh! antes estivesses enterrado.

M O N T A N O.

Este pastor foi quem te fez a offerta?

C A R I N O.

Foi certamente.

D A M E T A.

De que offerta fallas?

C A R I N O.

Não te recordas tu, quando no Templo
 Lá do Olympico Jove,
 Depois que recebeste
 Do oraculo a resposta, e quando estavas
 Já proximo a partir, tu me encontraste,
 Onde eu te perguntei então, quaes fossem
 Os sinaes do menino, que buscavas,
 E tu mos explicaste?
 E que eu te conduzi á minha casa,
 Onde no berço achaste o tenro infante,
 Que então me offereceste?

D A M E T A.

E disso que conclues?

CA-

CARINO.

Que esse menino,

Que então me deste, e que eu em minha casa
Depois sempre creei qual proprio filho,
He o infeliz Mirtillo, que aos altares
Victima se destina.

DAMETA.

Oh! força do Destino.

MONTANO.

Ainda finges?

Hè certo, ou não, quanto este homem conta?

DAMETA.

Tão morto eu estivera, como he certo.

MONTANO.

Essa sorte terás, se mais me enganas.

Que motivo tiveste

Para dar, e dispôr do que era alheio?

DAMETA.

Ah! Senhor, pelos Deoses te supplico

Não indagues tu mais, basta o que sabes.

MONTANO.

Maior desejo agora em mim se excita.

E fazes-me esperar? Inda não fallas?

Olha que morres, se outra vez pergunto.

DAMETA.

Vaticinou-me o Oraculo, que o infante,

Tornando á propria casa, se arriscava

Seus dias a findar ás mãos paternas.

CARINO.

Aquillo he certo, pois me achei presente.

R ii

Mon-

MONTANO.

Ai de mim! que o mysterio está patente;
 Já dúvida não resta;
 Bem concorda c' o sonho, e c' o destino.

CARINO.

Agora que te falta? Inda pertendes
 Outra prova maior?

MONTANO.

Basta a que tenho;

Basta quanto disseste;
 E quanto ouvi me basta. Assim eu menos
 Tivesse perguntado, e tu sabido.
 Oh! Carino! Carino!
 Como troco contigo a dor, e a sorte!
 Como meus se fizerão teus pezares!
 Este he meu filho. Oh! filho
 Mais infeliz, que hum pai tão mal fadado!
 Oh! filho, que das ondas foste salvo
 Com maior tyrannia, que roubado,
 Pois tinhas de findar ás mãos paternas,
 Cahir diante das sagradas aras,
 E banhar com teu sangue a patria terra!

CARINO.

Tu de Mirtillo pai! Oh! maravilha!
 De que sorte o perdeste?

MONTANO.

Roubado foi pelo diluvio horrendo,
 Que ha pouco recordaste. Oh! prenda amada.
 Quando então te perdi, tu te salvaste;
 Agora que te encontro, eu só te perco!

CA-

CARINO.

Oh! providencia eterna!
 E com que altos projectos
 Tens suspendidos tantos accidentes,
 Para todos n' hum ponto
 Depois desenvolver! Tu concebeste
 Grande empreza na idéa, que fecunda
 Producção monstruosa,
 Ou grande mal, ou grande beneficio
 Na verdade esperamos.

MONTANO.

Taes forão dos meus sonhos os annuncios:
 Enganadores sonhos,
 No mal bem verdadeiros,
 No bem mal agoureiros!
 Foi esta aquella insolita piedade,
 Esse improviso susto,
 Que ao levantar do ferro
 Correr senti pelos meus membros todos.
 A mesma natureza aborrecia,
 Que esta paterna mão descarregasse
 Hum tão cruel abominavel golpe.

CARINO.

Pois que? Inda pertendes
 Effectuar tão ímpio sacrificio?

MONTANO.

Cahir humana victima não deve,
 Senão por minhas mãos nas sacras aras.

CARINO.

Ha de a seu filho dar hum pai a morte?

MON-

MONTANO.

Assim a nossa Lei nos determina.
 E aonde póde haver huma piedade,
 Que possa perdoar a vida alheia,
 Quando sabemos, que o fiel Aminta
 O perdão recusou para si mesmo?

CARINO.

Oh! Barbaro destino,
 Aonde me guiasste?

MONTANO.

Para ver de dous pais huma excessiva
 Compaixão matadora,
 Para Mirtillo a tua,
 A minha para os Deoses.
 Tu julgaste livrallo,
 Negando qué eras pai, e o perdeste;
 Eu indagando, e crendo
 Que o teu filho matava,
 Encontro o meu, e o mato.

CARINO.

Este o horrivel monstro,
 Que o fado produzio. Oh! caso triste!
 Mirtillo, meu amor! he este o annuncio,
 Que a teu respeito o Oraculo predisse?
 Assim me faz feliz na minha Patria?
 Oh! filho! filho! n'algum dia amparo,
 Esperanças d'hum velho desgraçado,
 Mas hoje o seu lamento, a sua morte!

MONTANO.

Ah! deixa-me essas lagrimas, Carino;

Eu

Eu choro o proprio sangue.
Mas devo meu chamar-lhe,
Quando vou derramallo? Triste filho,
Por que te produzi? Porque nasceste?
As ondas piedosas
A vida te salvarão,
A fim de que a roubasse hum pai tyranno?
Oh! Numes immortaes, que sem o vosso
Eterno arbitrio excelso,
No mar huma só onda se não move,
Huma folha na terra, ou no ar vivente,
Que delicto tão grave
Contra vós commetti, por que mereça
Minha prole apagar dos Ceos as iras?
Mas se estou delinquente,
Em que peccou meu filho,
A quem perdão se nega?
Por que me não abrazas n'hum affopro
Da tua furia coruscante, ó Jove?
Mas se os teus raios faltão,
Não faltará meu ferro.
Renovarei d' Aminta
O doloroso exemplo;
E o filho veja o pai primeiro extincto,
Que extinga o pai com suas mãos o filho.
Morre pois sim, Montano,
Que o morrer te convem em tanto extremo.
Numes, não sei, se diga
Dos Ceos, ou dos Infernos,
Que me agitaes com ansias

A

A alma desesperada,
 Agora fim conheço as vossas fúrias;
 Pois que assim vos agrada o meu tormento,
 Sómente pela morte estou bramando:
 Anseio por dar fim: todo invadido
 Me sinto já dos funebres desejos
 De livrar-me da vida.
 Nada posso esperar, que me conforte,
 Senão a morte, a morte.....

C A R I N O.

Oh! desgraçado-velho!
 Bem como os raios d'huma luz mais forte
 Apagão o esplendor da luz mais branda,
 Assim a dor, que dos teus males sinto,
 A minha dor extingue. Na verdade
 Es bem digno de immensa piedade.

S C E N A VI.

TIRENIO, MONTANO, CARINO.

TIRENIO.

A Pressa-te, meu filho;
 Mas com seguros passos,
 Que eu seguillos bem possa, e não tropece
 Nestes tortos caminhos escabrosos,
 Pois cego sou; e as pernas já me tremem.
 Tu me serve de guia, assim bem como
 Eu guia sou do teu entendimento;
 E logo que chegares

A'

A' presença do Sacerdote, pára.

MONTANO.

Mas eu não vejo além o nosso antigo
Veneravel Tirenio,
Que tudo vê no Ceo, na Terra he cego?
Importante negocio
Por certo o faz deixar o sacro hospicio,
Onde vive encerrado ha tantos annos.

CARINO.

— Queira a bondade dos supremos Deoses
Que venha para teu contentamento!

MONTANO.

Padre Tirenio, grande novidade!
Tu por fóra do Templo!
Que buscas? Onde vais? Que novas trazes?

TIRENIO.

A ti mesmo só busco.
Venho novas buscar, e novas trago.

MONTANO.

Não vem contigo a sacra comitiva?
Que espera? Inda não volta
Purificada a victima, a findar-se
O nosso interrompido sacrificio?

TIRENIO.

» Oh! quanto muitas vezes aproveita
» Para ver bem, dos olhos a cegueira;
» Pois a alma então, não sendo distrahida;
» Mas antes recolhida
» Toda dentro em si mesma, abrir costuma
» Qual Lince os proprios olhos,

» Sup-

- » Supprindo a falta do sentido lézo!
 » He preciso, Montano,
 » Que não passes com tanta ligeireza
 » Alguns successos graves não pensados,
 » Que muitas vezes são obras divinas,
 » Bem que humanas pareção.
 » Não morão sobre a Terra os summos Deo-
 » fes,
 » Nem fallão co' a mortal humanidade;
 » Mas tudo quanto he grande, portentoso,
 » Que o cego vulgo imputa ao cego acaso,
 » Não he senão a mesma voz celeste.
 » Assim nos fallão os eternos Numes:
 » São estas suas vozes
 » Ao nosso ouvido mudas, mas que soão
 » No coração daquelle, que as entende.
 » Oh! huma, e muitas vezes venturoso
 » Quem chega a percebellas! »
 Conduzir já queria o bom Nicandro,
 Como ordenaste, a comitiva sacra,
 Por mim sustido foi, por novo caso
 No Templo succedido; e tal, que em quanto
 Pertendo combinar com os successos,
 Que quasi ao mesmo tempo hoje observaste,
 Não fei que confusão desconhecida
 D'esperança, e temor minha alma envolve,
 Que decifrar não posso;
 E quanto menos chego a percebella,
 Tanto maior idéa
 Ou de bem, ou de mal em mim se excita.

Mon-

MONTANO.

Eu bem entendo, o que entender não podes,
E por desgraça minha o exprimento.

Mas dize-me: Haver póde
Algum mysterio para ti occulto,
Quando os altos segredos
Penetras do Destino?

TIRENIO.

Oh! filho, filho,

Se voluntario fosse

Do profetico lume o dom divino,
Do Ceo não fora, sim da Natureza.
Bem conheço na mente perturbada,
Que a verdade me esconde o fado iniquo,
No peito o alto arcano reservando.
A causa pois que tenho de buscar-te,
He querer indagar melhor quem seja
Esse, que pai agora se descobre,
(Segundo me informou Nicandro ha pouco)
Desse mancebo destinado á morte.

MONTANO.

Muito bem o conheces.

Oh! quanto sentirás depois, Tirenio,
Havello conhecido, e tello amado!

TIRENIO.

» Tua piedade louvo;
» Pois he virtude humana
» Ter compaixão, ó filho, dos afflictos. »
Faze com tudo, que eu com elle falle.

Mon-

MONTANO.

Agora vejo bem, que o Ceo suspende
 Em ti da profecia o dom divino,
 Que ter em algum dia costumavas.
 Esse pai que tu buscas,
 Com quem fallar desejas, sou eu mesmo.

TIRENIO.

Tu es o pai daquelle destinado
 Victima á grande Deosa?

MONTANO.

Eu sou o triste pai do triste filho.

TIRENIO.

Desse Pastor Fiel, que á dura morte
 Se offreceo por salvar a vida alheia?

MONTANO.

Desse, que faz morrendo
 Viver quem lhe dá morte,
 Morrer quem lhe deo vida.

TIRENIO

Isso he verdade?

MONTANO.

Tens aqui testemunha.

CARINO.

He bem verdade quanto diz Montano.

TIRENIO.

E quem es tu que fallas?

CARINO.

Sou Carino,
 Reputado até-qui pai de Mirtillo.

Ti

TIRENIO.

Acafo ferá este o teu menino
Perdido no diluvio?

MONTANO.

Ah! tu diftefte,

Tirenio.

TIRENIO.

E tu por iffo , meu Montano ,
Te chamas triste pai? Oh! que cegueira
» Do entendimento humano!
» Em que profunda noite,
» Em que abyfmo efcuriffimo de enganós
» Submergidas eftão as noffas almas,
» Quando tu, Sol fupremo, as não illuftras!
» Oh! miferos mortaes, de que vos ferve
» Com foberba oftentar fciençia tanta?
» Esta parte de nós, que vê, e entende,
» Não he virtude noffa, he dom do Ceo,
» Que nos dá, e nos tira a feu arbitrio. »
Oh! Montano, mais cego de juizo,
Do que eu da vifta cego,
Que illusão diabolica deflumbra
O teu entendimento; e que fe he certo;
Seres tu pai daquelle illufre filho,
A difcórre te impede, que es tu hoje
O pai mais venturofo,
Mais amado dos Deofes, do que todos
Quantos no mundo tem gerado filhos?
Este o alto fegreto,
Que o fado me efcondia:

He

He este o feliz dia
 Esperado por nós com tanto pranto,
 Com tanto sangue nosso derramado:
 Este o ditoso fim dos nossos males.
 Oh ! Montano , onde estás ? Entra em ti
 mesmo.

E como a ti sómente da lembrança
 Póde escapar o Oraculo famoso ?
 O Oraculo feliz , que vive impresso
 No coração da nossa Arcadia toda ?
 Por entre os seus relampagos brilhantes ,
 Que o teu amado filho te mostravão ,
 Quando menos pensavas , não sentiste
 Da voz celeste o som , que assim nos disse :
*O fim já mais vereis desse castigo ,
 Sem que una Amor , do Ceo duas sementes
 (Meu coração distilla
 Tão abundantes prantos de ternura ,
 Que articular não posso minhas vozes.)
 O fim já mais vereis desse castigo ,
 Sem que una Amor , do Ceo duas sementes ;
 E que hum Pastor Fiel pague entre as gentes
 Da mulher infiel o crime antigo.*

Dize agora , Montano ,
 Esse Pastor , de quem se vaticina ,
 E que havia morrer , não he semente
 Do Ceo , sendo teu filho ? Tambem dize :
 Amarille não he do Ceo semente ?
 E quem senão Amor unillos pode ?

Sil-

Silvio foi pelos pais, e foi violento
Promettido a Amarille para esposo.
Tão longe estavam de poder ligallo
Vinculos amorosos,
Quanto distão d' Amor desprezo, e odio.
Se indagares o resto, claramente
Verás, que de Mirtillo só se entende
A resposta fatal. E quem tem visto,
Desde o caso de Aminta,
D' Amor tão pura fé, que a esta iguale?
Quem quiz já mais morrer por huma amante
Depois do firme Aminta,
Senão o teu Mirtillo?
Este o Fiel Pastor, de quem se falla:
Por sua piedade he só quem póde
Purgar o crime da infiel Lucrina.
A sua acção pasmosa, e admiravel
Mais, que com sangue humano,
Do Ceo abranda as iras;
E a eterna justiça recompensa,
Quanto lhe foi tirado em outro tempo
Pela affrontosa feminil perfidia.
Esta foi a razão, por que no Templo
Os horriveis sinaes cessarão, logo
Que foi Mirtillo a renovar seu voto.
Já não distilla o simulacro eterno
Sanguinoso suor; não treme a terra;
Nem mais retumbão na caverna sacra
Pavorosos estrondos, antes della
Doce harmonia sahe, tão grato aroma,
Que

Que inda quando animado o Olimpo fosse,
 Ou vozes ter pudesse,
 Nunca exhalára tanta suavidade.
 Oh! alta providencia! Oh! Summos Deoses!
 Se acafo tantas almas eu tivesse,
 Quantas eu posso articular palavras,
 E todas confagrasse em honra vossa,
 Não bastavão para as devidas graças
 De tantos beneficios.
 Mas do modo possível eu as rendo,
 Santos Numes do Ceo, humildemente
 Em terra ajoelhando.
 Oh! quanto devedor me reconheço,
 Pois que inda vivo! Hum seculo de vida
 Quasi passado tenho, e nunca sube
 O que fosse viver. Já mais a vida
 Estimavel me foi, senão agora:
 Hoje torno a nascer, começo a vida.
 Mas porque o tempo com palavras perco,
 Quando devo empregallo em obras uteis?
 Ergue-me, filho, porque eu já não posso
 Mover sem ti estes cansados membros.

MONTANO.

Tirenio, com tão rara maravilha
 Sinto hum novo transporte no meu peito,
 Que estou alegre, não sentindo gostos.
 A minha alma não póde confundida
 Manifestar por fóra a gloria interna;
 Meu pasmo prende todos os sentidos.
 Oh! nunca já mais visto, nem ouvido

Pro-

Prodigio do alto Ceo!

Oh! graça sem exemplo!

Oh! favor singular dos summos Deoses!

Oh! venturosa Arcadia!

Oh! Terra affortunada, e mais ditosa

De quantas o Sol vê, seus raios vibra!

Tanto estimo o teu bem, que o meu não sinto;

Nem a ventura do meu terno filho,

Duas vezes perdido, duas salvo;

E até pensando em ti, de mim me esqueço;

Passando d'hum abyfmo de pezares

A hum abyfmo de glorias.

Os meus prazeres, todos espalhados

Por diversos objectos, não se sentem;

Bem como huma insensivel

Pequena gota d'agua confundida

No vasto mar das tuas alegrias.

Oh! sonho venturoso!

Não foste sonho, sim visão celeste;

A minha Arcadia agora

Será, como disseste, affortunada.

T I R E N I O.

Mas que esperas, Montano?

De nós já não pertende

O Ceo victima humana:

Findou-se o tempo de ira, e de vingança.

Torna o tempo d'Amor, as graças tornão.

Hoje pois nos ordena a nossa Deosa,

Que em lugar do terrivel

Sacrificio de morte se celebrem

S

Di-

Ditofas nupcias com geral feſtejo.
Mas dize-me, Montano,
Quantas horas de vida ao dia reſtão?

MONTANO.

Huma hora, ou pouco mais.

TIRENIO.

E a noite chega!

Tornemos outra vez ao Templo, aonde
Hoje a filha de Titiro, e o teu filho,
Ambos a fé jurando em mutuos laços,
Venhão d' amantes a fazer-se eſpoſos.
E eſte conduza aquella ſem demora
Para a caſa paterna, onde he preciso,
Antes que o Sol de nós eſconda os raios,
Se ajuntem os Heroes affortunados.
Affim ordena o Ceo. Guia-me, filho,
Para o meſmo lugar, donde viemos;
E tu, Montano, acompanhar-me deves.

MONTANO.

Mas olha bem, Tirenio, que Amarille
Sem transgreſſão da noſſa Lei não póde
Prometter a Mirtillo
Aquella fé, que já foi dada a Silvio.

CARINO.

Da meſma ſorte a Silvio
Fica a fé promettida; pois Mirtillo
Deſde o ſeu nacimiento
Tambem ſe chamou Silvio, ſe he verdade
Tudo quanto me diſſe então Dameta;
E de accordo commum nos ajuſtámos

A

A chamar-lhe Mirtillo em vez de Silvio.

MONTANO.

Agora me recorde, e o mesmo nome
Renovei no segundo,
Suavizando a perda do primeiro.

TIRENIO.

Era importante a dúvida por certo.
Ora pois tu me segue.

MONTANO.

Carino, ao Templo vamos: d' hoje avante
Dous pais terá Mirtillo: hoje Montano
Achou hum filho, e hum irmão Carino.

CARINO.

No amor sómente pai sou de Mirtillo,
E teu irmão; mas no respeito d' ambos
Será Carino sempre humilde servo;
E como para mim es tão benigno,
Me atrevo a supplicar-te,
Que este meu companheiro tambem seja
Estimado por ti, porque sem elle
Já mais terei hum jubilo completo.

MONTANO.

Farei quanto quizeres.

CARINO.

Eternos Numes! Como são diversos
Vossos altos juizos infondaveis,
Que sobre nós derramão tantas graças,
Daquelles enganosos, com que os homens
Alçando aos Ceos injustos pensamentos,
Se atrevem a indagar vossos intentos!

S ii

SCE-

S C E N A VII.

*C O R I S C A, L I N C O.**C O R I S C A.*

E Dessa sorte, Linco, o ingrato Silvio,
Quando menos pensava, achou-se amante.
Porém Dorinda que destino teve?

L I N C O.

De Silvio á casa nós a conduzimos.
A mãe nos recebo banhada em pranto,
Que igualmente indicava
A sua mágoa, o seu contentamento;
Alegre, porque o filho
Chegara a ser amante, e em fim esposo;
Mas, pelo caso de Dorinda, triste;
E pois fogra se via mal-fadada
De duas nóras, accusando a sorte,
D' huma o golpe chorava, d' outra a morte.

C O R I S C A.

Pois he morta Amarille?

L I N C O.

Morrer devia; assim nos foi constante:
Por isso ao Templo fui com o desígnio
De consolar Montano, e persuadillo,
Que se huma hoje perdeu, tem outra Nora.

C O R I S C A.

Pois não morreo Dorinda?

L I N-

L I N C O.

Quem? Dorinda?

Assim viveesses tu affás contente!

C O R I S C A.

Logo mortal não foi sua ferida?

L I N C O.

Bem que o fosse , bastava

De Silvio a terna lida

Para lhe dar a vida.

C O R I S C A.

E de que sorte

Sárou tão brevemente?

L I N C O.

A sua cura

Desde o principio toda vou contar-te ,

E pasmarás d'ouvir. Mulheres , homens

Tristemente cercando a Ninfa afflicta ,

Com promptas mãos soccorros lhe offrecião ;

Mas ella os recusava , não querendo

Que outro algum , senão Silvio , a soccorresse ,

Ou seu corpo tocasse , assim dizendo :

A mão que me ferio , essa me cure ;

Silvio , e a mãi comigo pois ficarão ;

Hum só curava , os dous aconselhavão.

Silvio então animoso , brandamente

Daquelle niveo corpo retirando

Tintas em sangue as ropas , que cubrirão

A ferida até alli , a aguda setta

Arrancar intentou ; porém ignoro ,

Como cedendo á mão a hastea traidora ;

No-

No mais profundo da ferida occulto
Pode o ferro deixar. As agonias
Aqui se renovarão ; nem possível
Foi com perita mão , ou ferrea ponta ,
Nem d' outro qualquer modo descubrillo :
Talvez preciso fosse , que a ferida
Por meio de incisão se dilatasse ,
A fim que hum ferro penetrar pudesse
Os occultos caminhos do outro ferro.
Mas era muito terna , e compassiva
A mão de Silvio a tão cruel piedade.
Por certo Amor não cura os seus feridos
Com tão penosos ferreos instrumentos.
Com tudo as mãos de Silvio , os seus cuidados ,
Menos fortes as dores figuravão
A' amorosa donzella , a cuja vista
Não desfalece Silvio , antes exclama :
A' força sahirás , malvado ferro ,
E com menor trabalho , do que pensas.
Quem pode aqui cravar-te ,
Terá tambem valor para arrancar-te.
Se o exercicio da caça foi a origem
Do damno que padeço ,
A mesma caça póde resarcillo.
Agora me recorde
De certa planta muito conhecida
Pelas cabras montezes ,
Quando sentem da setta o ferro agudo ,
Que o lado lhes traspassa. A natureza
Foi quem lha descubrio ; e forão ellas
Com

Com seu exemplo as que nos ensinarão.
 Bem perto ha desta planta: Assim dizendo
 De improviso partio, e trouxe hum mólho,
 Que foi cortar em hum vizinho oiteiro.
 Da planta o succo exhausto, misturado
 Com raiz de centauro, e com semente
 D'orgebão, se formou hum brando emplasto,
 Que se applicou á chaga.
 Oh! que virtude rara! As dores cessão
 Subitamente; já se estanca o sangue;
 E algum tempo depois, sem muita lida,
 Se vê fahir o ferro,
 Seguindo obediente á mão, que o tira.
 Aos alentos vitaes a Ninfa torna,
 Como se nunca fora assim ferida.
 He certo que mortal não foi o golpe;
 Porque illéso deixando o ventre, e os ossos;
 Só tinha penetrado
 As musculosas carnes do seu lado.

C O R I S C A.

Grande virtude d'erva me referes;
 Mas Dorinda maior ventura teve.

L I N C O.

Os successos depois que entre ambos houve
 Não te posso explicar, melhor se pensão.
 O que eu dizer só posso, he que Dorinda
 Sárou perfeitamente; e que já póde
 Sobre o ferido lado sustentar-se,
 Não tendo agora estorvo, que embarace
 A fortuna, que Amor lhe tem disposto.

E

E com tudo, Corisca, eu inda creio,
 E póde ser tambem que o não duvides,
 Que ella ferida foi por mais d'hum golpe.
 Porém segundo as armas differentes,
 Differentes tambem são as feridas:
 Humas só causão dores; mas as outras
 Origem são de gostos, e prazeres:
 Humas fechando fárão; mas as outras
 Melhor se curão, quando menos fechão.
 E esse famoso Caçador, que tanto
 O exercicio das flettas estimava,
 Não perdendo o costume, os mesmos votos
 Que fazia a Diana, a Amor consagra.

C O R I S C A,

Linco, tu es ainda
 Aquelle amante Linco,
 Qual n'outro tempo foste.

L I N C O.

Minha amada Corisca,
 No espirito sou Linco, não nas forças;
 E neste velho tronco ainda sinto
 Mais viçofos desejos, que algum dia.

C O R I S C A.

Agora que Amarille já não vive,
 Só me resta indagar, qual seja o estado
 Do meu Mirtillo amado,

SCE-

S C E N A VIII.

*ERGA STO, CORISCA.**ERGA STO.*

OH! dia todo cheio de portentos,
De amor, de beneficios, de alegrias!
Oh! venturosa Terra! Oh! Ceos propicios!

CORISCA.

Mas chega Ergasto: oh! como a tempo chega!

ERGA STO.

Hoje tudo se alegre,
O Ceo, a Terra, o Mar, o Ar, o Fogo,
Ria-se o mundo inteiro! As nossas glorias
Passem ao mesmo Averno,
Nem seja hoje lugar de damno eterno!

CORISCA.

E quanto alegre vem!

ERGA STO.

Ditosos bosques,
Se em quebrados susurros suspirando
Ao nosso lamentar vos lamentastes,
Hoje gozai tambem dos nossos gostos.
Tantas linguas soltai, quantas as folhas
Brincando hoje se movem impellidas
Aos sons dos brandos ventos, que risonhos
Em vós respirão nossas alegrias.
As venturas cantai, cantai as glorias
De dous amantes bem affortunados.

Co-

C O R I S C A.

Sem dúvida que falla
 De Silvio, e de Dorinda. « Finalmente
 » Não ha senão viver: do pranto as fontes
 » Bem depressa se estancão; mas o rio
 » Das glorias sempre abunda em alegrias. »
 He já morta Amarille:
 Já nella não se falla; e só se cuida
 Em viver com quem vive. E he bem justo,
 Que a vida humana he cheia de tristezas.
 Aonde vais, Ergasto, tão contente?
 Assistir por ventura a algumas nupcias?

E R G A S T O.

Justamente o disseste.
 Já sabes tu da sorte venturosa
 Daquelles dous amantes? Tens, Corisca,
 Visto no mundo coufa mais pasmosa?

C O R I S C A.

Essa nova me deo ha pouco Linco:
 E eu tive tal prazer, que d'algum modo
 Em parte mitiguei a grande mágoa,
 Que pela morte de Amarille finto.

E R G A S T O.

Morta Amarille! Como? Em qual successo
 Me fallas tu, ou pensas que eu te fallo?

C O R I S C A.

De Silvio, e de Dorinda.

E R G A S T O.

Que Dorinda? Que Silvio?
 Ainda ignoras tudo. A minha gloria

Nas

Nasce de mais pasmoso,
 Mais sublime, mais nobre fundamento.
 Eu fallo de Amarille, e de Mirtillo,
 A mais bella união, a mais festiva
 De quantas tem obrado Amor ardente.

C O R I S C A.

Não he morta Amarille?

E R G A S T O.

Como morta?

Vive alegre, contente, esposa, e bella.

C O R I S C A.

De mim zombando estás?

E R G A S T O.

Quem? Eu zombando!

Bem depressa o verás.

C O R I S C A.

Pois condemnada

Não foi ella a morrer?

E R G A S T O.

Foi condemnada;

Mas depois absolvida.

C O R I S C A.

Sonhas talvez, ou eu te escuto em sonhos.

E R G A S T O.

Tu a verás, se aqui te demorares,
 Com seu fiel Mirtillo affortunado
 Sahir do Templo, aonde agora existem,
 E aonde mutuamente já prestarão
 Pura fé conjugal, e as mãos se derão.
 Verás também á casa de Montano

Ser

Ser conduzida, aonde os doces frutos
Irão gozar de tantas, tão extensas
Amorosas fadigas. Se tu viras
Os immensos prazeres! Se escutasses
Os sons das vozes cheias de alegria,
Corisca, já da turba innumeravel,
Que o Templo todo occupa! Tu verias
Homens, mulheres, velhos, e meninos,
Sacerdotes, e Leigos, todos juntos
N' huma tal confusão, em tal desordem,
Que de contentes loucos parecião.
Todos com raro espanto
Correm a ver os Conjuges ditosos;
Huns os cortejão, outros os abração;
Hum louva a piedade, outro a constancia;
Este o Destino, aquelle a Natureza;
E dão todos ao Ceo immensas graças.
Pelos valles, e montes já retumba
Do Fiel Pastor o nome glorioso.
Que fortuna de Amante!
De pastor miseravel de repente
A' grandeza passar d' hum semideos!
Passar n' hum só momento
Da morte á vida! As proximas exequias
Trocar com tão remotas,
E não pensadas nupcias!
Isto tudo, Corisca, bem que muito,
Pouco, ou nada parece,
Porém gozar daquella,
Que inda á vista da morte lhe era grata:
Da-

Daquella que consigo promptamente,
 Não sendo amante, á morte se offrecia,
 Ir tomar-se nos braços
 Daquella, por quem dantes voluntario
 A morrer se apressava,
 Isto he fortuna tal, he tal doçura,
 Que não póde caber na idéa humana.
 Não te alegras? Não sentes
 Pela tua Amarille aquelle encanto,
 Que eu por Mirtillo sinto?

C O R I S C A.

Seguramente, Ergasto;
 Olha quanto me alegre.

E R G A S T O.

Ah! se tu visses a Amarille bella,
 Quando em penhor de fé deo a Mirtillo
 Sua candida mão, e ao mesmo tempo,
 Segundo o nosso rito,
 Tambem quiz elle dar-lhe em segurança
 Do seu amor hum osculo suave;
 Que se foi dado, foi mal entendido,
 Que a dizer não me atrevo,
 Se foi por elle dado, ou recebido;
 Morrêras certamente de ternura!
 A's purpuras, ás rofas,
 A's mais vistosas cores, ou formadas
 A' força d' arte, ou pela natureza,
 A cor das lindas faces excedia.
 O decente pudor as amparava
 Com o brilhante escudo

Da-

Daquella formosura sanguinosa,
Que as forças augmentava
A'quelle, que ferillas pertendia.
Ella então com melindre, e desdenhosa
Mostrava que fugia,
Para encontrar mais docemente o golpe;
Deixando duvidoso
Se era dadiva, ou furto,
Pela amorosa industria,
Com que foi concedido, ou foi tomado.
Do seu melindre as apparencias erão
Hum não querer querendo:
Co' a Lei lutava a sua honestidade.
Era huma acção confusa, e misturada
De furto, e digno lucro;
Era hum negar tão cheio de ternura,
Que appetecia, o que negando dava;
Era em fim prohibir com tanto agrado,
Que emprender animava ao prohibido,
E a quem roubava, o roubo era roubado.
Se fugia, e parava,
O furtar apressava.
Oh! Osculo suave!
Não posso mais, Corisca:
Daqui direito parto
A procurar esposa.
» De tão altas doçuras
» Não se póde gozar, senão amando.»

Ca-

CORISCA.

Se Ergasto não me engana,
Este he o dia, Corisca, em que diviso;
Perdes, ou ganhas todo o teu juizo.

SCENA IX.

CORO DE PASTORES, CORISCA, AMARILLE,
E MIRTILLO.

CORO DE PASTORES.

V Em, ó santo Hymineo,
Prospera os nossos votos, nossos hymnos:
Guia os amantes dignos,
Celestes producções. Ah! vem do Ceo,
E une o laço fatal, santo Hymineo.

CORISCA.

Ai de mim! que he verdade! Oh! desgraçada!
Este o fruto, que os teus enganos colhem?
Oh! vãos enganadores pensamentos!
Oh! desejos não menos vãos, e injustos!
He possivel que para ver completos
Os meus defenfreados appetites
D' huma innocente a morte desejasse?
Tanta cegueira tive? Fui tão ímpia?
Mas quem agora já meus olhos abre?
Ah! infeliz! Que vejo?
O horror da minha culpa, o meu peccado
C'o rosto da ventura disfarçado.

Co.

CORO DE PASTORES.

Vem, ó santo Hymineo,
 Próspera os nossos votos, nossos hymnos;
 Guia os amantes dignos
 Celestes producções; ah! vem do Ceo,
 E une o laço fatal, santo Hymineo!
 Ah! vê, Pastor Fiel, a quanto chegas,
 Depois de tantos prantos,
 De tantas desventuras, e trabalhos.
 Esta não era aquella, que entendias,
 Que as Leis do Ceo, da Terra te negavão?
 O teu cruel Destino?
 Os seus castos desejos?
 O teu tão pobre estado?
 A sua fé jurada? Em fim a morte?
 E hoje, Mirtillo, he tua.
 Esse lindo semblante, tanto amado,
 Esses formosos olhos;
 Essas mãos, esse peito,
 Tudo em fim quanto vês, e quanto tocas,
 Por ti ha longo tempo desejado,
 Agora seja a digna recompensa
 Da tua invicta fé.... Mas tu não fallas?

MIRTILLO.

Como expressar-me posso,
 Quando não sei se vivo?
 Nem sei se vejo, ou sinto,
 Quanto ver, e sentir se me figura?
 Por mim falle a bellissima Amarille,
 Pois que sómente nella

To-

Toda a minha alma, e os meus affectos vivem.

CORO DE PASTORES.

Vem, ó Santo Hymineo,
 Prospéra os nossos votos, nossos hymnos;
 Guia os amantes dignos,
 Celestes producções; ah! vem do Ceo,
 E une o laço fatal, Santo Hymineo,

CORISCA.

Mas que fazeis comigo,
 O' paixões enganofas, e traidoras,
 Deshonra d'alma, e do corpo infamia?
 Apartai-vos de mim; já basta quanto
 Tenho sido illudida:
 E já que terra sois, vos mando á terra.
 Se em outro tempo d'hum amor lascivo
 Formei as minhas armas, fórho agora,
 Conhecendo a verdade,
 O espólio, e troféo da honestidade.

CORO DE PASTORES.

Vem, ó Santo Hymineo,
 Prospéra os nossos votos, nossos hymnos,
 Guia os amantes dignos,
 Celestes producções; ah! vem do Ceo,
 E une o laço fatal, Santo Hymineo!

CORISCA.

Mas que esperas, Corisca?
 De implorar o perdão he tempo agora.
 Porém que fazes? Temes o castigo?
 Resolve-te; que pena
 Ter não podes maior, que a propria culpa.

T. E.

Esposos venturosos,
 Tanto ao Ceo agradaveis, quanto á Terra,
 Se ao vosso altivo fado hoje se inclina
 Todo o poder humano,
 He bem justo, igualmente vos respeite
 Quem contra vós, e contra a vossa sorte
 Tem toda a força humana maquinado.
 N'outro tempo, Amarille, não te nego,
 O mesmo appeteci, que desejava;
 Mas só tu alcançaste,
 Porque maior merecimento tinhas.
 Tu gozas do mais firme
 Pastor de quantos vivem: Tu, Mirtillo,
 Gozas da mais honesta
 Ninfa de quantas o Universo encerra.
 Assim posso afirmar: Eu fui a pedra,
 Aonde em algum dia se afiarão
 Daquelle a fé, e desta a honestidade.
 Mas tu, benigna Ninfa,
 Antes que sobre mim furor derrames,
 Olha a face do teu esposo amavel,
 Nella verás a força
 Do teu perdão, do meu atroz delicto.
 Pela prenda amorosa, que possues,
 De tanto preço, imploro,
 Que o meu crime amoroso não castigues,
 Amorosa Amarille; e he bem justo,
 Que amor da sua culpa hoje se izente
 Por quem feliz as suas chammas sente.

A M A R I L L E.

Eu não só te perdoo,

Co-

Corisca, mas te estimo,
 Attendendo ao effeito, e não á causa.
 Pois bem que o ferro, e o fogo tragão dores;
 Quando as fazem cessar, então se estimão:
 E assim de qualquer fórma
 Ou fosses minha amiga, ou inimiga,
 Só me basta que o fado
 Se servisse de ti, qual instrumento
 O mais feliz de toda a minha gloria.
 Venturosas traições! Ditofo engano!
 E se queres contente acompanhar-nos,
 Embora vem, e goza
 Das nossas alegrias.

C O R I S C A.

O perdão, que de vós alcanço, a emenda
 D'hum coração iniquo,
 A fazer-me feliz sómente bastão.

M I R T I L L O.

Igualmente, Corisca, te perdoo
 Minhas offensas todas; mas com tanto
 Não fejas importuna, nem retardes
 Com tão longa demora as minhas glorias.

C O R I S C A.

A Deos; vivei contentes.

C O R O D E P A S T O R E S.

Vem, ó Santo Hymineo,
 Prospéra os nossos votos, nossos hymnos,
 Guia os amantes dignos,
 Celestes producções; ah! vem do Ceo,
 E une o laço fatal, Santo Hymineo!

T ii

SCE-

SCENA X.

MIRTILLO, AMARILLE,
CORO DE PASTORES.

MIRTILLO.

A Caso em mim fizerão os tormentos
 Costume de penar, que ainda deva
 Enfraquecer no meio dos prazeres?
 A fim de retardallos não bastavão
 Os lentos passos desta comitiva,
 Foi preciso tambem se levantasse
 Debaixo dos meus pés este outro encontro
 Da enfadonha Corisca?

AMARILLE.

Impaciente estás.

MIRTILLO.

Oh! Cara prenda!
 Seguro não me julgo; ainda tremo:
 Nem certeza terei de possuir-te,
 Em quanto não te vejo esposa minha
 Em casa de meu Pai. E na verdade
 Quanto vejo se me figurão sonhos;
 E receio que d'hum para outro instante
 O somno se me rompa,
 E tu, meu bem, de mim desapareças.
 Quizera que outras provas
 Me dessem certo abono,
 Que esta doce vigilia não he somno.

Co-

CORO DE PASTORES.

Vem, ó Santo Hymineo,
Nossos votos prospéra, nossos hymnos,
Guia os amantes dignos
Celestes producções: ah! vem do Ceo,
E une o laço fatal, Santo Hymineo!

C O R O.

Oh! feliz união, que rizo colhe
Depois de semear lagrimas puras!
Quantas amarguras
Quantos affectos! Vós, humanos,
Que cegos sois, e infanos,
Vós aprendei quaes sejam os inteiros
Prazeres, quaes os males verdadeiros.
Todo o gosto não he justo,
Nem quanto se odeia, injusto;
Só depois do tormento
Póde a virtude dar contentamento.

F I M.

Guadalupe da Silva

4.3.87

[FINCH]

N. 853131



